

Τὰς γυναῖκας ταύτας τῶν ἀνδρῶν τούτων π  
των πάσας εἶναι κοινάς, ἰδίᾳ δὲ Ἰ μηδενὶ μηδει  
συνοικεῖν· καὶ τοὺς παῖδας αὐ κοινούς, καὶ μ  
γονέα ἔκγονον εἰδέναι τὸν αὐτοῦ μήτε παῖδα γο  
Πολύ, ἔφη, τοῦτο ἐκείνου μείζον πρὸς ἀπισ  
καὶ τοῦ δυνατοῦ πέρι καὶ τοῦ ὠφελίμου.

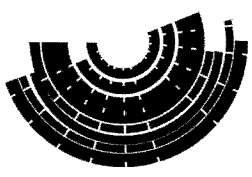
Οὐκ οἶμαι, ἦν δ' ἐγώ, περὶ γε τοῦ ὠφελί  
ἀμφισβητεῖσθαι ἄν, ὡς οὐ μέγιστον ἀγαθὸν και  
μὲν τὰς γυναῖκας εἶναι, κοινούς δὲ τοὺς παῖ  
εἶπερ οἷόν τε· ἀλλ' οἶμαι περὶ τοῦ εἰ δυνατὸν ἦ  
πλείστην ἄν ἀμφισβήτησιν γενέσθαι.

Περὶ ἀμφοτέρων, ἦ δ' ὅς, εὔ μάλλ' ἄν ἀμφισ  
τηθείη.

Λέγεις, ἦν δ' ἐγώ, λόγων σύστασιν· ἐγώ  
ᾧμην ἔκ γε τοῦ ἐτέρου ἀποδράσεσθαι, εἴ σοι  
ξείην ὠφέλιμον εἶναι, λοιπὸν δὲ δὴ μοι ἔσεσθαι τ  
τοῦ δυνατοῦ καὶ μή.

'Ἄλλ' οὐκ ἔλαθες, ἦ δ' ὅς, ἀποδιδράσκων, ἀ  
ἀμφοτέρων πέρι δίδου λόγον.

'Υφεκτέον, ἦν δ' ἐγώ, δίκην. τοσόνδε μεί  
χάρισαί μοι· ἔασόν με ἰ ἐορτάσαι, ὥσπερ οἱ ἄρ  
τὴν διάνοιαν εἰώθασιν ἐστιᾶσθαι ὑφ' ἑαυτῶν, ὅ  
μόνοι πορευῶνται. καὶ γὰρ οἱ τοιοῦτοί που, π  
ἐξευρεῖν τίνα τρόπον ἔσται τι ὧν ἐπιθυμοῦσι, τ  
το παρέντες, ἵνα μὴ κάμνωσι βουλευόμενοι τ  
τοῦ δυνατοῦ καὶ μή, θέντες ὡς ὑπάρχον εἶναι



# **REVISTA DE ESTUDOS FILOSÓFICOS E HISTÓRICOS DA ANTIGUIDADE**

**BOLETIM DO CPA/UNICAMP**

**Ano XXVII nº 39  
2º semestre - 2022**

**ISSN: 2177- 5850**

**CPA (CENTRO DE ESTUDOS E DOCUMENTAÇÃO SOBRE O PENSAMENTO ANTIGO  
CLÁSSICO, HELENÍSTICO E SUA POSTERIDADE HISTÓRICA) – IFCH – UNICAMP**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO IFCH – UNICAMP  
Bibliotecário: Paulo Roberto de Oliveira - CRB 8/6272

Revista de estudos filosóficos e históricos da antiguidade /  
Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e  
Ciências Humanas. vol. 1, n.1. (1996)- . Campinas :  
UNICAMP/IFCH, 1996-

**2022 27(39)**

Anteriormente publicado como Boletim do CPA  
ISSN - 2177-5850 (versão on-line)

1. Antiguidades. 2. Antiguidades clássicas. 3. Filosofia antiga.  
4. Letras clássicas. 5. História antiga. I. Universidade Estadual de  
Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. II. Título.

CDD – 184

## **Revista de Estudos Filosóficos e Históricos da Antiguidade** **Boletim do Centro de Pensamento Antigo (UNICAMP)**

Publicação do *Centro de Estudos e Documentação sobre o Pensamento Antigo Clássico, Helenístico e sua Posteridade Histórica* do IFCH–UNICAMP

ISSN: 2177-5850

**Diretor do IFCH:** Andréia Galvão

**Diretor associado do IFCH:** Michel Nicolau Netto

**Diretor do CPA:** Hector Benoit, Unicamp, Brasil (*In memoriam*)

**Diretor - Adjunto:** Glaydson José da Silva, UNIFESP, Brasil

**Editor - Chefe:** Hector Benoit, Unicamp, Brasil (*In memoriam*)

**Editor - Associado:** Glaydson José da Silva, UNIFESP, Brasil

**Coeditor:** Filipe Noé da Silva, Unicamp, Brasil

### **Comissão Editorial**

Renato Pinto, Unicamp, Brasil

José Lourenço Pereira da Silva, Brasil

Gérson Pereira Filho, PUC, Brasil

Dennys Xavier, UFG - MG, Brasil

Flávio Ribeiro Oliveira, Unicamp, Brasil

Patricia Prata, Unicamp, Brasil

Pedro Paulo Funari, Unicamp, Brasil

### **Conselho Editorial**

Cláudio Umpierre Carlan, Unifal, MG, Brasil

Fábio Mattos Amorim, UFG

Fabiola Menezes de Araújo, ECO-UFRJ

Fernando Dillenburg, UFRGS, Brasil

Franco Trabattoni, Università degli Studi di Milano, Itália

Gabriele Cornelli, UnB, Brasil

Isabella Tardin Cardoso, Unicamp, Brasil  
Maria Carolina Alves Santos, Faculdade de Filosofia Mosteiro de  
São Bento / Unesp - Campus Marília, Brasil  
Maura Iglesias, PUC- RJ, Brasil  
Reinaldo Sampaio Pereira (Unesp-Marília)  
Ricardo Pereira de Melo, UFMS, Brasil  
Richard Hingley, Universidade de Durham, Reino Unido  
Roberto Bolzani, USP, Brasil

### **Editoração Eletrônica**

Rafael Padial, Unicamp, Brasil  
Filipe Silva, Unicamp, Brasil

**Imagens, Finalização de Capa, Miolo e Divulgação:**  
Setor de Publicações do IFCH

# SUMÁRIO

## APRESENTAÇÃO

Filipe Noé da Silva ..... 7

## HOMENAGEM A HECTOR BENOIT

Pedro Paulo A. Funari ..... 9

## ARTIGOS

### ARQUEOLOGIA, HISTÓRIA E ANTIGUIDADE PRÓXIMO-ORIENTAL: REFLEXÕES PÓS-COLONIAIS A PARTIR DO FILME *ETERNOS*, DA *MARVEL STUDIOS*

Ana Beatriz M. Tardeli e Douglas Cerdeira Bonfá ..... 15

### AFRODITE *ZEÍDÔROS*: UM ESTUDO SOBRE FUNÇÕES E EXPRESSÕES DE PHILOTES, SEGUNDO EMPÉDOCLES

Izabela Silva Cabral ..... 51

### CAPITALISTAS E REVOLUCIONÁRIOS NA ROMA CLÁSSICA: A VISÃO DE ROSTOVZEFF SOBRE A QUEDA DE ROMA

Widerman Júnior e Pedro Paulo A. Funari ..... 84

### HISTÓRIA, IDEOLOGIA E PROPAGANDA: AS MOEDAS ROMANAS DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, RIO DE JANEIRO

Cláudio Umpierre Carlan ..... 114

## RESENHAS

### NOGUEIRA, PAULO AUGUSTO DE SOUZA. *BREVE HISTÓRIA DAS ORIGENS DO CRISTIANISMO APARECIDA/SP*: EDITORA SANTUÁRIO, 2019

Bárbara Moraes Rogatto ..... 133

### SOUNDSCAPE AND LANDSCAPE AT PANHELLENIC GREEK SANCTUARIES

Edited by Erika Angliker and Angela Bellia. Pisa/Roma, Istituti Editoriali e Poligrafici Internazionali, 2021, 120 pp. ISBN 9788881475292

Pedro Paulo A. Funari ..... 137

*Sumário*

**CRÔNICA/RELATO DE ESCAVAÇÃO**

**ESCAVANDO O SANTUÁRIO DE APOLO EM DESPÓTICO:  
IMPRESSÕES DE PRIMEIRA VIAGEM**

Karolini B. de Souza Matos, Amabile H. Zanco e Sidnei de O. Junior ..... 141

# O CENTRO DO PENSAMENTO ANTIGO: LEGADO E INOVAÇÃO PARA O ESTUDO DA ANTIGUIDADE

**Filipe N. Silva<sup>1</sup>**

Publicamos este volume ainda consternados/as com o falecimento, em dezembro de 2022, do professor Hector Benoit, idealizador e cofundador do CPA (*Centro de Estudos e Documentação sobre o Pensamento Antigo Clássico, Helenístico e sua Posteridade Histórica*) e da Revista que ora apresentamos ao público. Ante à celeridade dos acontecimentos, a presente publicação, que aliás contou com a colaboração do professor Benoit em sua organização, manifesta, de imediato, seu compromisso com a continuidade da *Revista de Estudos Filosóficos e Históricos da Antiguidade* e do CPA como um todo. Acreditamos que esta seja uma das formas de homenagear ao professor Hector e sua inestimável contribuição para os estudos sobre a Antiguidade. Desde a sua fundação (1995), o Centro do Pensamento Antigo organizou quatorze colóquios nacionais e internacionais, e publicou trinta e oito edições do antigo *Boletim do CPA* e da atual *Revista de Estudos Filosóficos e Históricos da Antiguidade*. Também foram desenvolvidas, na Unicamp e em outras instituições, inúmeras atividades acadêmicas que contaram com o profícuo diálogo e participação de centros e institutos sediados na própria Universidade Estadual de Campinas e/ou em cooperação com outras universidades do Brasil e do exterior.

Ao longo dos anos, o Centro do Pensamento Antigo também demonstrou interesse pela relação entre a Antiguidade e mundo contemporâneo: em nossa última reunião (realizada em novembro de 2022), o professor

---

<sup>1</sup> Professor colaborador IFCH/Unicamp. Editor da Revista de Estudos Filosóficos e Históricos da Antiguidade



Benoit, sempre atento às inovações em curso, sugeria a realização de um colóquio em que fossem relacionadas questões sobre África e Antiguidade como forma de combate ao racismo, ao imperialismo e ao colonialismo. Será precisamente este o caminho que a *Revista de Estudos Filosóficos e Históricos da Antiguidade* e o CPA continuará seguindo nos anos vindouros: acreditando que o estudo da Antiguidade, em decorrência de suas múltiplas potencialidades, pode auxiliar na construção de sociedades mais democráticas e inclusivas, no presente e também no futuro.

Além das autoras e autores que contribuíram com textos inéditos para esta edição da Revista, também gostaríamos de agradecer a todas as pessoas que, das mais diversas formas, têm colaborado com o CPA e com a *Revista de Estudos Filosóficos e Históricos da Antiguidade* nos últimos anos, principalmente: Erica Angliker, Fábio Mattos Amorim, Fabíola Menezes de Araújo, Tais Pagoto Belo, Roberto Bolzani, José Leonardo Souza Buzelli, Isabella Tardin Cardoso, Claudio Umpierre Carlan, Margarida Maria de Carvalho, Gabriele Cornelli, Fernando Dillenburg, Lourdes Conde Feitosa, Gerson Pereira Filho, Pedro Paulo Abreu Funari, Raquel dos Santos Funari, Andréia Galvão, Renata Senna Garraffoni, Maura Iglesias, Nathalia Monseff Junqueira, Ricardo Pereira de Melo, Tobias Vilhena de Moraes, Juliana Morais, Flavio Ribeiro de Oliveira, Rafael Padiál (que atualmente organiza um volume da Revista em homenagem póstuma a Hector Benoit), Patricia Prata, Reinaldo Sampaio Pereira, Igor Santiago Raimundo, Maria Carolina Alves Santos, Glaydson José da Silva, José Lourenço Pereira da Silva, Roberta Alexandrina da Silva, Franco Trabattoni, Paulo Sérgio Vasconcellos e Claudio William Veloso.

Boa leitura!

# HÉCTOR BENOIT, TESTEMUNHO E HOMENAGEM

**Pedro Paulo A. Funari<sup>1</sup>**

Conheci o Héctor um tempo depois de ter entrado como professor de História Antiga no Departamento de História da Unicamp (1992). A gestão do professor João Quartim de Moraes, como diretor do IFCH/Unicamp (1993-1996), propiciou que conhecesse o Héctor Benoit, colega de Quartim no Departamento de Filosofia e seu amigo. Héctor estava entusiasmado com a gestão arrojada do Quartim e, em particular, com a institucionalização de Centros de Pesquisa do Instituto e propôs a criação de um Centro, que logo foi chamado de Centro do Pensamento Antigo (CPA), voltado para o estudo do pensamento antigo e de sua posteridade. Héctor enfatizava a importância da abordagem histórica para a Filosofia, assim como me parecia que a História ganha muito da Filosofia para refletir sobre como raciocina o historiador. A criação formal do CPA foi rápida, com estatuto, salas, reuniões, além de uma parceria com o CEMARX para o compartilhamento de instalações. Héctor foi, desde o início, aberto ao trabalho em equipe e também muito preocupado em formar jovens estudiosos. Por sua iniciativa, foi criada a Revista do CPA, veículo para a divulgação de estudos os mais variados e inovadores. Criou, também, os Colóquios, grandes reuniões que congregaram estudiosos de diversas áreas, titulados ou em formação, o que permitiu um contato pessoal muito fértil. Também foi responsável pela criação das reuniões de discussão

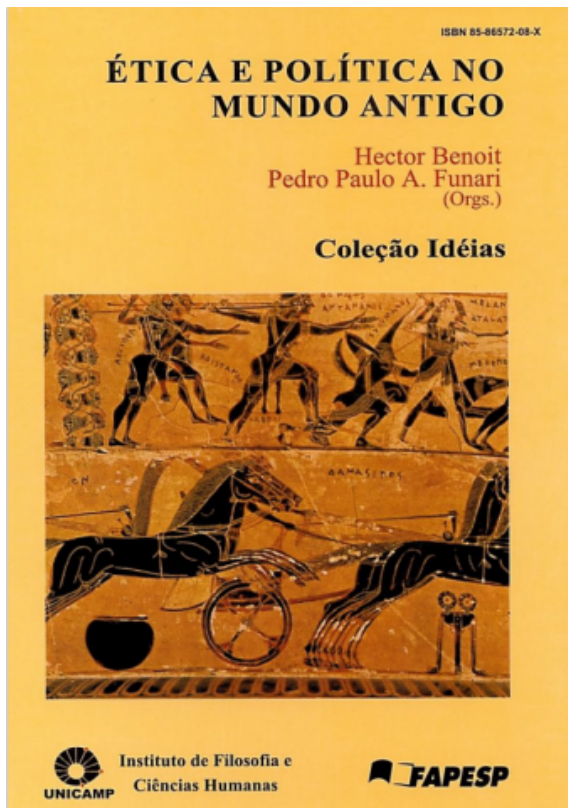
---

<sup>1</sup> Professor titular de História no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

de pesquisas, a cada lapso de tempo, nas quais muitos alunos e professores aprendiam e discutiam os temas mais variados. Este aspecto de sua atuação não me cansa de admirar e tento sempre seguir: estar juntos, para além das especialidades. Por meio dele, todos conhecemos muitos outros estudiosos e foram possíveis inúmeras e inesperadas parcerias. Esteve sempre aberto a pessoas novas e deixava sempre as portas abertas, para jovens ou veteranos.

Héctor impressionava pela capacidade de refletir sobre os temas os mais variados com os quais nos defrontávamos no CPA. Seu conhecimento do marxismo e seus engajamentos contribuía para energizar as discussões. Os problemas de saúde do Héctor não impediam que seu pensamento crítico fosse inspirador e admirável. Nossos últimos encontros, após a reclusão da pandemia de Covid 19, foram ainda virtuais, mas Héctor mantinha projetos ousados e inovadores. Na última vez, apoiou a realização de um colóquio que enfatizasse o potencial anticolonialista e anti-imperialista dos antigos. Para mim, como amigo, sua perda abre uma lacuna irreparável. Seu maior legado foi ter impulsionado tantos mais, não só seus alunos, mas todos mais que tiveram a oportunidade de com ele conviver. Shakespeare colocou na boca de Marco Antônio, diante do corpo de Júlio César, as seguintes palavras: *The evil that men do lives after them, the good is oft interred with their bones* (III. ii.76-77), “o mal que os homens fazem vivem após eles, mas o bem é em geral enterrado com os seus ossos”. Que sua memória continue a inspirar-nos!

**Imagem 1:** Volume organizado com Benoit, em 2001, a demonstrar um pouco da capacidade de aglutinação do CPA sob a égide do seu fundador. Disponível na íntegra em pdf para download: [https://www.ifch.unicamp.br/publicacoes/pf-publicacoes/colecao\\_ideias\\_3.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/publicacoes/pf-publicacoes/colecao_ideias_3.pdf)



Ética e Política no Mundo Antigo - no. 3  
Hector Benoit/Pedro Paulo A. Funari (organizadores)

## **Índice**

### **Apresentação**

Hector Benoit e Pedro Paulo A. Funari

### **Platão e a negação dialética da poesia**

Hector Benoit

### **Ethica, Economica, Política: la división tripartita de La Philosophia Practica como instrumento de análisis de fenómenos y teorías sociopolíticos**

Francisco Bertelloni

### **Bacchalia na República romana**

Maria Luiza Corassin

### **Uma cidade da participação controlada: a “cidade grega” segundo os positivistas**

José Antonio Dabdab Trabulsi

### **A figura de Heráclito que chora em Luciano de Samosata**

Michel Fattal

### **Poder Político e cultura material: as vasilhas de metal romanas no contexto imperial e nas áreas periféricas da Europa central e do norte.**

Maria Isabel D`Agostinho Fleming

**Política e riso em Pompéias: ensaio sobre a crítica social popular**

Pedro Paulo A. Funari

**Ética e ambiguidade no Principado de Nero**

Norberto Luiz Guarinello e Fábio Duarte Joly

**Terracotas tarentinas e o poder político na Magna Grécia**

Elaine Farias Veloso Hirata

**Clinamen: o milenar prestígio de um falso problema**

João Quartim de Moraes

**“Rir é o próprio do homem”**

Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento

**Arqueologia francesa e o regime de Vichy (1940-1944)**

Laurent Oliver

**Poder político, visibilidad social y honores en la Roma del siglo I d.C.**

Victor Revilla

**Diferença de gênero e teoria política em Platão**

Thomas M. Robinson

**Sobre o envolvimento histórico do livro I da República de Platão**

Lygia Watanabe

*Pedro Paulo Abreu Funari*

Série: Coleção Idéias

Área de conhecimento: Filosofia, História

Ano: 2001

ISBN Impresso: 85-86572-08-X

Número de páginas: 288

# ARQUEOLOGIA, HISTÓRIA E ANTIGUIDADE PRÓXIMO-ORIENTAL: REFLEXÕES PÓS-COLONIAIS A PARTIR DO FILME *ETERNOS*, DA *MARVEL STUDIOS*

Ana Beatriz Martins Tardeli<sup>1</sup>  
Douglas Cerdeira Bonfá<sup>2</sup>

**RESUMO:** A proposta aqui é retrazar os caminhos que deram origem à institucionalização das disciplinas 'Arqueologia' e 'História Antiga' e destacar como suas teorias e metodologias foram se diversificando dependendo do contexto social no qual estavam sendo realizadas e pensadas. Para tanto, é explicitado o período que se configura do século XIX ao XX, quando o Imperialismo e o Nacionalismo estavam em voga e acabaram por fundamentar preceitos e atitudes ante os estudos histórico e arqueológico dos locais 'subalternizados', a saber: continentes asiático, africano e latino-americano. Assim, é realizado um estudo de caso voltado para a antiga Mesopotâmia a partir do filme 'Eternos', de produção da *Marvel Studios*, salientando narrativas imperialistas e demonstrando a importância de se analisar documentos/monumentos através de uma chave de leitura crítica, utilizando fontes da Antiguidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arqueologia. História antiga. Mesopotâmia. Antiguidade próximo-oriental. Estudos pós-coloniais. Cultura pop.

---

<sup>1</sup> Graduanda em História pela Universidade Estadual de Campinas – IFCH; (a187289@dac.unicamp.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8605-2535>

<sup>2</sup> Graduado em História e especialista em História Social pelas Faculdades Integradas Maria Imaculada – SP, Mestre em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas – MG e doutorando em História Cultural na Universidade Estadual de Campinas, com financiamento CAPES (douglas.bonfa@hotmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3387-361X>



## **ARCHEOLOGY, HISTORY AND NEAR EAST ANTIQUITY: POST COLONIALS REFLEXIONS FROM *ETERNALS* MOVIE**

**ABSTRACT:** The proposal here is to retrace the paths that originated the institutionalization of 'Archeology' and 'Ancient History' subjects and to highlight how their theories and methodologies were diversifying themselves based on the social context they were being constructed and reflected. Therefore, it is detached from the period that goes from XIX to XX century, when Imperialism and Nationalism were in vogue and found norms and attitudes before the historical and archeological studies of the locals 'subordinated', videlicet: the Asian, African, and Latin American continents. Thus, it is articulated a case study about the Ancient Mesopotamia from *Eternals* movie, a *Marvel Studios* production, pointing out imperialists narratives and showing the importance of analyzing documents/monuments through a critical reading key, using Antiquity sources.

**KEYWORDS:** Archeology. Ancient History. Mesopotamia. Near East Antiquity. Post-colonial studies. Pop culture.

### **INTRODUÇÃO**

Conhecer o passado, ou simplesmente ter curiosidade em saber como as pessoas se relacionavam ou até mesmo suas práticas diárias é algo mais comum do que se pode imaginar. A maneira mais comum e corriqueira de obtermos essas informações acontece por intermédio de telenovelas, filmes, séries, jogos, literatura etc. Nestes segmentos é relativamente possível ter uma ideia sobre a Antiguidade, mas não podemos esquecer que este tipo de produção tem como intuito principal entreter o público que o consome, não tendo, necessariamente, um compromisso com a realidade ou um critério científico para sua elaboração, o que não significa que elas não são capazes de nos trazer informações sobre a Antiguidade, e sim, que esse não é seu foco principal.

Outra forma de buscar essas informações são as produções acadêmicas. Essas, por sua vez, diferente da mencionada anteriormente, possuem um compromisso científico, fazem uso de um método de pesquisa e exigem uma dedicação maior de seus leitores.

Para elaboração dos conteúdos de entretenimento existe uma liberdade nas fontes a serem utilizadas. Pode-se “dar asas à imaginação”, criar, reler, fantasiar enredos. Também existe a possibilidade de se inspirar em textos para se aproximar da realidade. Já no âmbito acadêmico, o rigor das fontes a serem utilizadas é maior. É possível analisar literaturas, filmes, entre outros, porém sempre é exigido um rigor teórico metodológico para que o mesmo seja reconhecido como científico.

Em nosso caso, focaremos em demonstrar como as fontes escritas e materiais contribuem para que conheçamos sobre o passado. Para tanto, iniciaremos fazendo uma breve apresentação sobre o nascimento e a trajetória de duas disciplinas que são deveras protagonistas para o conhecimento da Antiguidade: Arqueologia e História Antiga. Poderemos perceber que desde a fundação das disciplinas até os dias atuais, aconteceram diversas transformações significativas que possibilitaram a novas formas de abordagens e novas perspectivas de análise, abrindo espaço para discussões que englobam novas temáticas como gênero e etnicidade. Graças a essas transformações, faremos uma análise crítica à antiga forma eurocêntrica e analisaremos um estudo de caso que remete ao Oriente.

## 1. ARQUEOLOGIA

Como já mencionado na Introdução, o interesse pelo passado é algo quase que natural do ser humano. Se buscarmos a etimologia da palavra Arqueologia, encontraremos a junção de dois termos gregos: *archaios*, significando “passado” ou “antigo”, e *logos*, que significa “ciência” ou “estudo”, ou seja, Arqueologia é a ciência que estuda o antigo, o passado. Esse interesse não é algo recente. Os antigos já se dispunham a procurar vestígios em busca de túmulos de reis e heróis descritos na Ilíada e Odisseia. Antes mesmo do reconhecimento da Arqueologia como ciência, Tucídides, historiador grego, que viveu no século V AEC, já fazia uso do termo.

Com o passar do tempo, essa prática foi se aprimorando e ganhou forças na Modernidade. Com o movimento Renascentista as pessoas que se dedicavam a esse exercício eram chamadas de antiquários. O resultado disto foi a formação de grandes coleções que eram expostas em casa de famílias tradicionais ou igrejas (DÍAZ-ANDREU, 2019)<sup>3</sup>. Isto se deve ao fato de que essa atividade demandava um investimento alto, ficando restrito a pessoas abastadas.

Segundo Funari e Tega, “a Arqueologia é uma das disciplinas acadêmicas mais precoces” (FUNARI, TEGA, 2014, p.18)<sup>4</sup>. Em seu texto *Arqueologia, do Imperialismo à inclusão social*, os autores explicam o contexto iluminista do século XVIII e a importância de Galileu Galilei e Giordano Bruno no movimento em que a ciência era reconhecida como o conhecimento objetivo do mundo. Isso viria a impactar nas universidades criadas no medievo, onde a

---

<sup>3</sup> DÍAZ-ANDREU, Margarita *Arqueologia crítica e humanista*. São Paulo: Fonte Editorial, 2019, p.21-22.

<sup>4</sup> FUNARI, Pedro Paulo, TEGA, Glória. *Arqueologia, do Imperialismo à Inclusão Social*. Expressa Extensão, Pelotas, p. 17-27, 2014.

Filologia ocuparia o lugar da gramática e retórica e, posteriormente, viria a viabilizar o surgimento da História e da Arqueologia.

Contudo, Funari e Tega salientam que outros fatores foram importantes para o surgimento dessas disciplinas. Destacam as transformações econômicas, políticas, sociais e culturais. O crescimento da urbanização, resultante da industrialização foi inversamente proporcional ao sistema feudal. Não havia mais espaço para relações entre súditos e reis, entra em cena o Nacionalismo e o Imperialismo.

Margarita Díaz – Andreu<sup>5</sup> considera que esse contexto descrito foi o que possibilitou a institucionalização da Arqueologia e conseqüentemente sua profissionalização, além da criação de cadeiras acadêmicas para a disciplina. Isso se deve porque uma das ferramentas do Nacionalismo estava em buscar no passado algo que fortalecesse a identidade nacional. Já para o imperialismo, o passado significava uma espécie de exemplo a ser seguido, imitado e interpretado da maneira que melhor conviesse para justificar suas ações imperialistas. Foi nesse período que as antigas coleções particulares e os gabinetes de curiosidades tomam importância e dão lugar aos museus.

Por influência do Imperialismo e do Nacionalismo, as coleções dos museus entre o final do século XVIII e início do século XIX, eram compostas por artefatos relacionados às grandes civilizações, não só em países europeus, mas também nas colônias (intuito imperialista). Em seguida, começaram a surgir os museus nacionais, que dedicavam suas coleções à história local, aos heróis nacionais e seus grandes feitos (intuito nacionalista). Hoje podemos encontrar essa configuração em museus municipais, que em sua maioria, exaltam a história local, dedicando importância às figuras e famílias importantes da cidade.

---

<sup>5</sup> DÍAZ-ANDREU, Margarita *Arqueologia crítica e humanista*. São Paulo: Fonte Editorial, 2019, p.20.

Segundo Díaz – Andreu:

(o nacionalismo) Tornou-se a verdadeira espinha dorsal do Estado: os estados apenas poderiam ser sustentáveis se estivessem ancorados por uma nação. A arqueologia forneceu às nações matérias-primas para a formação e a manutenção das identidades nacionais. No século XIX, quando as grandes nações estavam sendo definidas e as primeiras nações menores clamavam seu direito de existir, os arqueólogos não viam como problemáticas a associação entre seus sentimentos nacionalistas e seus interesses no passado. Hoje em dia, menções explícitas deste tipo são encontradas apenas em regiões do mundo que apresentam distúrbios políticos. Pelo contrário, na maioria dos países, o papel dos arqueólogos no nacionalismo tornou-se parte do que se tem chamado de nacionalismo banal (DÍAZ-ANDREU, 2019, p. 29)<sup>6</sup>.

Do exposto até aqui, podemos observar que o nascimento da Arqueologia como uma disciplina e o reconhecimento de sua importância se deveu graças ao contexto nacionalista e imperialista da época, o que acabou por resultar em sua utilização como ferramenta de manutenção e justificação desses regimes políticos. No decorrer de nosso artigo demonstraremos que, com o passar do tempo e em favor de alguns acontecimentos, a maneira de enxergar e utilizar a arqueologia vai se modificando, o que antes servia como alicerce para governos autoritários, passará a ser utilizada de maneira contrária. Mas antes, observaremos como se deu a criação da disciplina História Antiga, que compartilha várias semelhanças com o nascimento da Arqueologia.

---

<sup>6</sup> DÍAZ-ANDREU, Margarita *Arqueologia crítica e humanista*. São Paulo: Fonte Editorial, 2019, p.29.

## **2. HISTÓRIA ANTIGA**

O nascimento da História Antiga como disciplina coincide com o da Arqueologia, com a formação dos Estados Nacionais e movimento imperialista europeu. Os conteúdos abordados não contemplavam toda a História Antiga do mundo. O nome adequado deveria ser “História Antiga do Ocidente”, pois abrangia somente Grécia e Roma, que eram chamadas de Antiguidade Clássica e Egito e Oriente Próximo. O motivo pelo qual foi delimitado esse recorte diz respeito exatamente à função a qual eles atribuíam a História Antiga: formular a história da origem do Ocidente.

Para os europeus, sobretudo, para os governos dos territórios que estavam em processo de formação de seus Estados Nacionais, era preciso criar uma identidade legítima que fortalecesse o sentimento de pertencimento de seus cidadãos. Eles acreditavam que relacionar uma ligação do presente europeu com o passado, especialmente com o passado clássico, serviria de alicerce seguro para formação de uma identidade cultural forte e homogênea.

Segundo Norberto Luiz Guarinello:

A memória social é, com frequência, um campo de conflitos, no qual diferentes sentidos são conferidos ao passado: personagens e fatos distintos são valorizados ou rejeitados, interpretações são contrapostas, silêncios ou lembranças festivas se confrontam. Tradições contrastantes lutam por legitimidade no espaço social da memória através de diferentes lugares e meios: textos, monumentos, festividades, associações, veículos de comunicação, instituições e o próprio Estado. No mundo contemporâneo, o Estado é o maior e mais eficaz produtor de memórias sociais. Ele necessita dessa produção de memória para sua própria legitimidade, mas sobretudo, para manter uma identidade nacional e cívica, para dar sentido a sua existência

como parte da vida dos cidadãos e da própria ideia de nação (GUARINELLO, 2013, p.9-10)<sup>7</sup>.

O ato de recorrerem à Antiguidade demonstra falta de argumentos, de dificuldade de convencimento, ou, até mesmo, uma insegurança no desenvolvimento/criação de uma identidade que dê conta de abranger toda multiplicidade cultural e encaixá-la em um quadrado fechado, tornar um padrão, o qual denominariam como nação.

A Antiguidade Clássica foi utilizada para sanar essa dificuldade. As nações modernas tomariam como exemplo Grécia e Roma antigas, forjando uma hereditariedade, assim sendo, não haveria necessidade de criar algo novo, uma nova cultura ou novos elementos que servissem como agentes de integração social. Para tanto, bastava recriar e moldar a partir da Antiguidade. Deve-se entender que nesse processo não ocorreu uma reprodução exata da cultura antiga, mas sim a apropriação de elementos que lhes convinha enquanto ignoravam ou apagavam o que não lhes era de interesse.

Segundo Glaydson José da Silva:

No que tange aos estudos sobre a antiguidade e sua relação com os nacionalismos, a instância do tempo presente, antes de qualquer outra, é a que determina a produção das memórias nacionais. Pode-se concluir que o discurso da nação obedeceu na Europa, desde a Idade Média, uma tríplice função: 1- afirmar uma identidade; 2- garantir uma continuidade; 3- solidificar uma comunidade de destinos (SILVA, 2007, p.31)<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> GUARINELLO, Norberto Luiz. *História Antiga*. Coleção História na Universidade. Editora Contexto. São Paulo, 2013, p.9-10.

<sup>8</sup> SILVA, Glaydson José. *História Antiga e Usos do Passado: um estudo de apropriações da Antiguidade sobre o regime de Vich (1940 - 1944)*. Tese de doutorado. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007, p.21.

O também historiador Richard Hingley nos orienta no mesmo sentido ao salientar que Roma, enquanto Império, trabalhou no sentido de transmitir sua cultura por todo o território pertencente a seu domínio. O autor se refere a esse processo como “discurso de dominação”, e é exatamente esse elemento que chamava a atenção dos governos modernos, e os servia como legado (HINGLEY, 2010)<sup>9</sup>. A esse processo os romanos deram o nome de *humanitas*, conceito utilizado para explicar o que eles entendiam como “civilização dos bárbaros”.

A ideia de criar um vínculo e de reivindicar uma herança entre os Estados Nacionais modernos e o Império Romano serviu para justificar os empreendimentos imperialistas e colonialistas. Os impérios europeus seriam herdeiros da cultura greco romana e, à imagem de seus antecessores, estariam incumbidos de disseminar a cultura além da Europa e civilizar os povos dos quais entendiam como inferiores.

Isto posto, nos deixa com a impressão de que a Antiguidade, de maneira geral, e a disciplina História Antiga, de maneira específica, servem como ferramentas ideológicas para justificar e manter governos de cunho autoritários, preconceituosos e segregadores. De fato, o contexto em que a mesma nasce favorece essa compreensão e, em alguns momentos, foram feitas interpretações que levaram a movimentos como, por exemplo o Fascismo e o Nazismo. Para Richard Hingley:

Nesses termos, o saber clássico reinventou-se no mundo moderno para dar forma a um elemento vital de um crescente discurso de modernidade pelo qual as relações imperiais foram criadas e transformadas. Tem-se definido modernidade como um esquema conceitual que foi (e continua sendo) fundamental

---

<sup>9</sup> HINGLEY, Richard. *O Imperialismo Romano - novas perspectivas a partir da Bretanha*. UFPR/ UNICAMP/CAPES/ ANNABLUME, São Paulo, 2010, p.69.



para os empreendimentos imperiais das potências ocidentais – um conjunto de noções a partir do qual se imaginou e se manipulou o mundo. [...] muitos dos conceitos a partir dos quais se delineou a modernidade eram, no final das contas, tirados de textos greco-romanos. Adotavam-se e adaptavam-se ideias germânicas por meio da releitura de um herdado e poderoso discurso de dominação. [...] Algumas dessas ideias inerentes desde o passado – por exemplo, “civilização”, “barbarismo” e a ideia de “guerra justa” – continuaram populares, e continuam a serem redefinidas, hoje, a fim de justificar as ações internacionais das nações ocidentais (HINGLEY, 2010, p. 71-71)<sup>10</sup>.

Até o momento, ficamos com a impressão de que a Arqueologia e a História Antiga são disciplinas que oferecem subterfúgios para manutenção de governos e elites, das quais a utilizam na intenção de garantir e justificar seu poder. Esse estigma acompanhou as disciplinas por muito tempo, mas, no decorrer de nosso trabalho, será possível perceber que o contexto influenciou e, ainda influencia no modo como interpretamos as fontes e fazemos uso da História. Apresentaremos como a perspectiva sobre a Arqueologia e a História Antiga transformou-se com o passar do tempo e como alguns acontecimentos influenciaram e possibilitaram novas abordagens, garantindo espaço para novos temas que agregam ao invés de segregar.

### **3. ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA EM CONTEXTO PÓS-COLONIAL**

Neste momento, nossa intenção é demonstrar como as disciplinas História e Arqueologia estão e, sempre estiveram, em movimento. Ambas se relacionam e estão conectadas aos seus contextos histórico-sociais.

---

<sup>10</sup> HINGLEY, Richard. *O Imperialismo Romano - novas perspectivas a partir da Bretanha*. UFPR/UNICAMP/CAPES/ ANNABLUME, São Paulo, 2010, p.71-71.

Trabalhar com História ou Arqueologia significa entrar em contato com o passado, ou passados, sejam eles recentes ou longínquos. Mesmo se tratando do contato com fontes do passado, essa atividade ocorre no presente, fazendo com que nossos anseios, nossas demandas e nossas perspectivas influenciem nosso olhar, as escolhas de nossos objetos de pesquisa e nossa base teórica (FUNARI, 2003)<sup>11</sup>. Dito isto, iniciaremos uma breve reflexão para mostrar algumas mudanças ocorridas com as disciplinas focando no contexto pós-colonial.

Iniciando pela arqueologia, sua vertente teórica que primeiro veio a ser aceita foi a histórico cultural. Esse conceito foi criado no contexto em que os países europeus buscavam conhecer o seu passado e, a partir dele, criar uma identidade que comportaria as características “de um povo (grupo étnico, definido biologicamente) um território delimitado e uma cultura (entendida como língua e tradições sociais)” (FUNARI, 2007, p. 79<sup>12</sup>).

A quebra dessa perspectiva seria proposta nas décadas de 1960 (compreendeu o contexto da Guerra Fria) por pesquisadores estadunidenses, com destaque para Lewis Binford, criando o modelo de Arqueologia Processual. Essa vertente da Arqueologia tratava a Antropologia como primordial para o desenvolvimento de suas pesquisas. Segundo Funari, os arqueólogos ligados à vertente processualista buscavam nas sociedades antigas parâmetros que se repetissem e defendiam com isto, que seria possível criar um padrão que auxiliasse no estudo de todas as civilizações que compreendessem o mesmo período.

Para questionar o método da Arqueologia Processualista, entra em cena, na década de 1980, uma nova perspectiva que viria a ser chamada de

---

<sup>11</sup> FUNARI, Pedro Paulo A. *Antiguidade Clássica: A História e a Cultura a partir de documentos*. Editora Unicamp, 2003, p.19.

<sup>12</sup> FUNARI, Pedro Paulo A. *Arqueologia e Patrimônio*. Editora Habilis, Erechim RS, 2007, p.79.

Arqueologia Pós-processual. Nomes como Bruce Trigger, Ian Hodder, Michael Shanks e Christopher Tilley foram responsáveis por tecer críticas ao método processualista, argumentando que devem ser levados em conta aspectos culturais diversos, indo além de uma visão capitalista e materialista, o que acabaram por classificar como “discursos a serviço das potências imperialistas e da exploração” (FUNARI, 2007, p.81)<sup>13</sup>. Foi por meio da Arqueologia Pós-processual que a disciplina ganhou um caráter social agregador e democrático, abrindo espaço para que as minorias também fossem estudadas, seja no passado ou mesmo na luta por direitos no presente.

Tal mudança se deve ao contexto de descolonização em que os países da África e da Ásia conquistam sua independência. Isso acarreta em uma nova demanda, onde passarão a buscar no passado maneiras de legitimar sua luta. Esse contexto é chamado de pós-colonial e influenciará diretamente na disciplina de história, como observaremos a seguir.

Desde o início, de que temos conhecimento, e podemos chamar de História, até os dias atuais, percebemos que a maneira de se pensar e produzir História passou por várias nuances. Começando desde a antiguidade, com Heródoto, considerado por muitos como o pai da História, onde são atribuídas três modelos: História Humanista, Retórica e Mestra da vida. (Payen, 2011)<sup>14</sup>, até os estudos de pós-modernidade, pós-colonial etc.

Para Reinhart Koselleck<sup>15</sup>, essa história inaugurada na Antiguidade serve como base e perdura até aproximadamente o século XVIII. No do modelo História Mestra da vida, o autor entende que “o emprego de nossa

---

<sup>13</sup> FUNARI, Pedro Paulo A. *Arqueologia e Patrimônio*. Editora Habilis, Erechim RS, 2007, p.81.

<sup>14</sup> PAYEN, Pascal. *A constituição da história como ciência no século XIX e seus modelos antigos: fim de uma ilusão ou futuro de uma herança?* Tradução Gustavo de Azambuja Feix; revisão: Emanuella Gonçalves; revisão de tradução: Patrícia Chittoni Ramos Reuillard; revisão técnica: Temístocles Cezar. Periódico História da Historiografia 103 - 122, Ouro Preto, 2011.

<sup>15</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006, p.42.

expressão permanece como indício inquestionável da constância da natureza humana, cujas histórias são instrumentos recorrentes apropriados para comprovar doutrinas morais, teológicas, jurídicas ou políticas” (KOSELLECK, 2006, p.43)<sup>16</sup>. Tal motivo se dava porque, nesse período as transformações sociais aconteciam de maneira tão lenta que o passado ainda servia como ensinamento e exemplo a ser seguido.

A História como Mestra da vida acaba sendo relacionada com a lógica cristã e as profecias apocalípticas e a questão da salvação eterna. Mesmo quando ocorre a dissociação com a visão cristã, a vertente ganha impulso com Maquiavel, em suas obras *Discursos sobre a primeira década de Títo Livio* e *O príncipe*, onde ressalta a importância de se observar o passado e aprender com o mesmo, nos casos em específico, faz menções a Roma Antiga (BONFÁ, 2017)<sup>17</sup>.

Seria no contexto da Modernidade que aconteceria uma espécie de ruptura entre passado e presente. A História não mais determinaria o futuro, não seria mais instrutiva, como exemplo a ser seguido. Ela não se aprenderia e desenvolveria a partir da repetição do passado. Com essa revolução metodológica ela passa a ser o conhecimento de si própria.

Passou-se a exigir da história uma maior capacidade de representação, de modo que se mostrasse capaz de trazer à luz – em um lugar de sequências cronológicas – os motivos que permaneciam ocultos, criando assim um complexo pragmático, afim de extrair do acontecimento casual uma ordem interna (KOSELLECK, 2006, p.51)<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006, p.43

<sup>17</sup> BONFÁ, D. C. Antiguidade, identidade e os usos do passado. *Revista De Estudos Filosóficos E Históricos Da Antiguidade*, 21(30), 2017, p.16.

<sup>18</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. contribuição à semântica dos tempos históricos*.

Os historiadores adeptos a essas premissas e que estavam preocupados com o processo de reconstrução do passado de uma maneira crítica, entendiam que a antiga metodologia na qual a História instruíra, por meio de exemplos, já não dava mais conta de trazer respostas e sanar as demandas contemporâneas. Isto se dá em decorrência da velocidade com a qual as transformações sociais aconteciam. Um bom exemplo seria o período da Revolução Francesa, em que em um espaço de tempo relativamente curto, ocorreram diversas transformações políticas e sociais.

No século XIX, durante a formação dos Estados nacionais modernos, contexto já explicado anteriormente, pudemos observar que a História ganhou um caráter positivista, no qual se pautava em documentos oficiais, grandes fatos, personalidades e exaltação as chamadas grandes civilizações da Antiguidade. O intuito, como já vimos, era o de manutenção de poder e justificava seus empreendimentos imperialistas.

O primeiro passo para que a História se torne mais abrangente e diversifique seus objetos de estudos e metodologias, ocorre nas décadas de 1920. Nessa ocasião, a História começa a trabalhar em conexão com demais disciplinas como a Antropologia, Sociologia e afins. Esse movimento se torna possível a partir da criação da Escola dos Annales (Lucien Febvre e Marc Bloch). Novas possibilidades são inauguradas a partir de vertentes como a Micro – História, a História Cultural, a História das Mentalidades e a História Social (BONFÁ, MATOS, 2022)<sup>19</sup>.

Abre-se espaço para os indivíduos que viviam às margens da História, como escravizados, libertos, mulheres e todos os demais que antes foram

---

Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006, p.51.

<sup>19</sup> BONFÁ, D. C., & MATOS, K. B. de S. Antiguidade em contexto: os usos do passado e suas intencionalidades. *Revista De Estudos Filosóficos E Históricos Da Antiguidade*, 27(37/38), 94–109, 2022, p.97.

negligenciados. As lutas de movimentos por reconhecimento de seus direitos também fazem com que novos temas sejam estudados (etnicidade, gênero, sexualidade etc.). As pesquisas relacionadas à História Antiga também refletem essas novas demandas, como escreve Funari:

As críticas aos modelos normativos coincidiram com a multiplicação de sujeitos sociais, dos movimentos pelos direitos civis nos Estados Unidos, nas décadas de 1950 e 1960 aos movimentos feministas e estudantis da mesma década de 1960. No interior da sociedade, encarada como todo único ou como bipolar, surgiram manifestações crescentes da diversidade de interesses e objetivos e multiplicavam-se, portanto, os interlocutores sociais. Movimentos religiosos, como a Teologia da Libertação e o Opus Dei, à esquerda e a direita, mostravam a multiplicação das identidades sociais e o esfacelamento, cada vez mais claro das pretensões de homogeneidade social. As reflexões teóricas e os estudos empíricos mostravam como as identidades sociais eram múltiplas e fluidas e como e como os modelos normativos não davam conta da diversidade social. O estatuto da ciência como discurso alheio aos interesses das pessoas foi posto em questão, com a crescente interação entre estudiosos e grupos sociais. [...] Neste contexto, tardou a História Antiga a tomar contato com as discussões epistemológicas sobre a multiplicação de sujeitos mas, quando o fez, o estudo da Antiguidade mostrou-se excepcional para a crítica do conhecimento histórico, em qualquer época ou período (FUNARI, 2005, p. 5-6)<sup>20</sup>.

Após essa trajetória em que tentamos demonstrar como as disciplinas de Arqueologia e História Antiga se transformaram com o passar do tempo e em função das demandas presentes em seus contextos, trataremos a temáti-

---

<sup>20</sup> FUNARI, Pedro Paulo A, BERNAL, Martin, CANFORA, Luciano, OLIVER, Laurent. *Repensando o Mundo Antigo*. Editora Unicamp, 2005, p.5-6.

ca referente ao Oriente Médio e apresentaremos um estudo de caso, que são possíveis graças ao espaço aberto pela perspectiva pós-colonial, refletindo assim suas características.

#### 4. FONTES DO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO

A partir de agora abordaremos o caso específico da chamada “terra entre rios”, a antiga Mesopotâmia. Localizada entre os rios Tigre e Eufrates - daí a explicação do nome -, atual território dos Estados do Irã, Iraque e Jordânia, ela foi o espaço onde ocorreram significativas inovações ao longo dos anos 3100-333 AEC aproximadamente<sup>21</sup>. Tais inovações foram tanto de cunho tecnológico, quanto políticos e sociais, e também por isso há uma certa justificativa e legitimidade de seus estudos pelos pesquisadores europeus posteriores.

Tais estudiosos acreditam que, de algum modo, são herdeiros diretos desse ‘grande’ passado mesopotâmico, uma vez que as civilizações que compuseram essa região assistiram ao nascimento de impérios<sup>22</sup>, das noções de astronomia, matemática, justiça<sup>23</sup> e, destacadamente, da cidade e da escrita, que tiveram (e ainda têm) papel fundamental nas sociedades modernas (ANTEQUARA, 2015)<sup>24</sup>.

O destaque dado às duas últimas se deu devido a sua relevância para as primeiras escavações arqueológicas no Oriente Médio, no início do século XIX, quando descobriram restos de tábuas cuneiformes e objetos como

---

<sup>21</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. *Sociedades do Antigo Oriente Próximo*. São Paulo: Editora Unicamp, 1986, p.31.

<sup>22</sup> O Império Acadiano (2371-2230 AEC) é considerado o primeiro império do mundo.

<sup>23</sup> ‘Código de Eshnunna’ (III Dinastia de Ur-2112-2004 AEC) e ‘Código de Hammurabi’ (Império Paleobabilônico - 1792-1595 AEC) .

<sup>24</sup> ANTEQUERA, R. A. O. M. *Do Templo ao Palácio: Representações da cidade suméria através da “Lista Real Suméria” durante o Dinástico Primitivo (2900 – 2334 A.C.)*. Franca, 2015.

vasos, moedas, templos<sup>25</sup> e relevos em paredes palacianas. Elas orientaram os pioneiros esforços de deciframento e análise dos documentos e, por conseguinte, definiram o movimento historiográfico e arqueológico acerca da temática antiga oriental.

Portanto, a Arqueologia é basicamente a única fonte de conhecimento dos diversos agrupamentos humanos que ali se assentaram, e, por causa das origens nacionalistas durante a sua institucionalização, ela acabou por 'ocidentalizar' essa região, afirmando que sua glória vive apenas nesse passado grandioso, o qual influenciou a literatura épica helênica, os textos bíblicos e ergueu magníficas construções arquitetônicas<sup>26</sup> (CARDOSO, 1990).<sup>27</sup>

Ainda assim, algo comum a toda a História Antiga, as fontes materiais/documentais são escassas, limitando nosso acesso à complexidade desses espaços-tempo. Exemplo disso é a própria escrita cuneiforme, cuja prática era restrita a um grupo seletivo, predominantemente masculino, da classe dominante dos templos religiosos das Cidades-Estados. Isso acabava por excluir as mentalidades e vivências dos colocados como subalternizados: mulheres, escravizados, populações menos abastadas, etc. que não eram alfabetizados.

Ademais, conforme disse Brigitte Lion,

É impossível ter um discurso unitário sobre as diversas civilizações que se desenvolveram na Mesopotâmia durante três milênios e que são expressas em diferentes línguas (**sumério e acadiano por exemplo**)... Devido ao rigor desse campo de

---

<sup>25</sup> Sua forma mais conhecida é o zigurate: 'pirâmide escalonada em cujo topo era construído um templo' (POZZER, 2003, p.73).

<sup>26</sup> Algo que se constitui como 'orientalismo' nos termos de Edward Said: SAID, E. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. 12ª ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

<sup>27</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. *Antiguidade Oriental, Política e Religião*. São Paulo: Contexto, 1990, p.52.



estudos, é preciso ter conta do tempo, do lugar, do pertencimento étnico, do status jurídico, da classe social, etc. (LION, 2007, pp. 1-2, **grifo nosso**; tradução autoral).<sup>28</sup>

As tábuas tratavam de assuntos diversos como movimentos astronômicos, calendários, nascimentos, biologia humana, botânica, geografia, religião, vida cotidiana etc. (BOTTÉRO; MORRISON, 1995, p.29). Porém, para além delas e como complemento indispensável, há o exame das iconografias palacianas e templárias, consideradas as conquistas mais impressionantes do primário processo de urbanização.

Através de relevos em suas paredes elas conseguem retratar uma narrativa que se impõe sobre os circulantes desses ambientes, uma narrativa que demonstra a força e proteção dos deuses e reis, uma narrativa que deve ser exaltada e seguida pelos próximos habitantes (MAY, 2012)<sup>29</sup>. Assim, a Arqueologia se coloca em um papel de demonstrar as mudanças político-administrativas, os costumes, as mentalidades e outros setores mais.

Cardoso (1990) destaca um importante movimento dos setores supracitados: a separação espacial do templo e do palácio, do sagrado e do governo. Antes do Império Acádio (2371-2230 AEC), política, religião e economia eram inseparáveis tanto idealmente quanto em sua execução. O governante da cidade-Estado, inclusive, era chefe secular e sumo sacerdote do deus protetor do local.

---

<sup>28</sup> No original: Il est impossible de tenir un discours unitaire sur les civilisations diverses qui se sont développées en Mésopotamie pendant trois millénaires et se sont exprimées dans différentes langues...comme il est de rigueur dans ce genre d'études, il faut tenir compte du temps, du lieu, de l'appartenance ethnique, du statut juridique, du rang social, etc. (LION, 2007, pp. 1-2).

<sup>29</sup> MAY, Natalie. "Triumph as an Aspect of the Neo-Assyrian Decorative Program". In: WILHELM, Gernot (org.). *Organization, Representation, and Symbols of Power in the Ancient Near East*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2012, p. 475.

Após esse período, e devido em grande parte à necessidade de militarização para a conquista e para o maior controle agora sob os novos territórios e 'súditos', por assim dizer, houve uma cisão entre essas dimensões como resultado de uma transformação na agência 'humana' que acabou por impactar a arquitetura. Como explica Pozzer (2003, p.62): "As cidades mesopotâmicas passaram então, a contar com dois centros de poder: um político e militar - o palácio-, e outro econômico e religioso – o templo –, um espaço profano, outro sagrado."

Aliás, essa interpretação de que mudanças na práxis e na organização afetam as mentalidades e por consequência são refletidas na arquitetura é uma demonstração de análise crítica do objeto arqueológico. Mario Liverani (2016), historiador do antigo Oriente, defende uma leitura maximalista-minimalista dos documentos/monumentos. Ou seja, nem acreditar que tudo o que está contido nele seja verdade (maximalista), nem achar que tudo é ficção (minimalista). Analisar ponderando a possibilidade de existência de elementos reais e outros com interferência subjetiva e criativa do produtor.

Outros pesquisadores da área concordam com essa metodologia e ainda afirmam como as fontes históricas e arqueológicas estão sujeitas a modificações físicas e discursivas:

Como um objeto que é, não só pode ser examinado em todas as suas partes, como também é viável decompô-lo, analisá-lo como qualquer outra amostra. Está disponível para qualquer pessoa, desde que possa lê-lo e isolar suas partes: as ideias, os temas, as imagens, as reviravoltas, as frases, as palavras e até as partículas dessas palavras, moleculares ou atômicas, mesmo que por pouco se detenha em cada uma delas, fixa-se sua curiosidade, sua atenção e sua reflexão. Cada um desses componentes pode não apenas ser separado dos demais, mas

também retomado e, remodelado ou como está, transposto para outros contextos, afetados por significados e alcances diferentes e até contrários, mediante a simples alteração de um ou de outro de seus elementos (BOTTÉRO; MORRISON, 1995, p.20; Tradução autoral)<sup>30</sup>.

Inclusive, como já foi citado anteriormente, é importante destacar que a partir do final do século XX e início do XXI, após as chamadas ‘segunda’ e ‘terceira’ ondas do feminismo, a historiografia da Antiguidade passou a focalizar suas pesquisas através das lentes dos estudos étnicos, feministas, de gênero, queer, pós-coloniais e ainda decoloniais (DÍAZ-ANDREU, 2019, pp.98-100)<sup>31</sup>. Dessa forma, alterou-se metodológica e teoricamente a escrita da História, agenciando novos sujeitos e problematizando os conceitos pre-estabelecidos.

E para entendermos a maneira na qual essa recente metodologia é aplicada, faremos um estudo de caso partindo do filme *Eternos*<sup>32</sup>, produção da *Marvel Studios*, lançado nos cinemas no dia 04 de novembro de 2021.

---

<sup>30</sup> No original: Como objeto que es, no sólo se lo puede examinar en todas sus partes, sino que es factible desmenuzarlo, analizarlo como cualquier otra muestra. Está al alcance de cualquiera, siempre que lo pueda leer y aislar sus partes: las ideas, los temas, las imágenes, los giros, las frases, las palabras y hasta las partículas de esas palabras, moleculares o atómicas, por poco que uno se detenga en cada una de ellas, fijando su curiosidad, su atención y su reflexión. Cada uno de estos componentes no sólo puede ser separado de los demás, sino también retomado y, remodelado o tal cual es, transpuesto a otros contextos, afectado de significaciones y alcances diferentes y hasta contrarios, mediante la simple alteración de uno u otro de sus elementos (BOTTÉRO; MORRISON, 1995, p.20).

<sup>31</sup> DÍAZ-ANDREU, Margarita *Arqueología crítica e humanista*. São Paulo: Fonte Editorial, 2019, pp.98-100.

<sup>32</sup> ETERNOS. Direção: Chloé Zhao. Produção: Kevin Feige. Roteiro: Chloé Zhao; Patrick Burleigh; Ryan Firpo; Matthew K. Firpo. Fotografia de Ben Davis. Disney+: Marvel Studios, 2021.

## 5. HISTÓRIA E CINEMA

A construção de um filme cinematográfico está em constante diálogo com a História, pois é uma obra artística realizada em um certo período, por pessoas que pertencem a determinados segmentos sociais, que possui objetivos intrínsecos e é recebida por um público que coloca suas percepções individuais sobre o conteúdo final. Dessa forma, o Cinema é uma fonte historiográfica privilegiada por possibilitar acesso ao imaginário humano em e sobre uma época, uma vez que “o cinema, sobretudo a ficção, abre uma via real na direção de zonas psico-sócio-históricas jamais atingidas pela análise dos ‘documentos’ [escritos e arqueológicos]” (MORETTIN, 2003, p.23)<sup>33</sup>.

Inclusive, as mídias visuais históricas atuam como as principais propagadoras da chamada História Pública nos dias atuais (ROSENSTONE, 2010, p.28)<sup>34</sup>, principalmente por atingirem um público amplo e variado, tanto nas salas de cinema quanto nos *streamings* disponíveis através de assinaturas *online* e jogos virtuais. Os filmes de ficção histórica, aqui enfocados, podem demonstrar o que aconteceu ou o que poderia ter acontecido, em um exercício de criatividade e liberdade artística do produtor:

É possível encarar a contribuição de tais obras em termos não apenas dos detalhes específicos por elas apresentados, mas, sim, no sentido abrangente do passado que elas transmitem, as ricas imagens e metáforas visuais que elas nos fornecem para que pensemos historicamente. Também é possível encarar o filme histórico como parte de um campo separado de representação e discurso cujo objetivo não é fornecer verdades

---

<sup>33</sup> MORETTIN, E. V. *O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro*. In: História: Questões & Debates, Curitiba, n. 38, 2003, p.23.

<sup>34</sup> ROSENSTONE, Robert A. *A história nos filmes, os filmes na história*. São Paulo: Paz e Terra, 2010 [tradução Marcelo Lino], p.28.

literais acerca do passado (como se a nossa história escrita pudesse fazê-lo), mas verdades metafóricas que funcionam, em grande medida, como uma espécie de comentário, e desafio, em relação ao discurso histórico tradicional (ROSENSTONE, 2010 pp.23-24).

Todavia, é possível e mesmo pertinente aplicar a metodologia crítica maximalista-minimalista que utilizamos para os documentos/monumentos também às mídias visuais, analisando suas constituições externas e internas, visto que todas essas fontes são montadas segundo metas específicas e limitadas ao que lhes é pertinente. Tais produções cinematográficas também vão atender e responder a demandas do seu momento de criação, e, quando reproduzem um passado, fazem isso o mediatizando pelo seu presente, perceptível através da escolha dos elementos retratados na tela (MORETTIN, 2003, p. 31).

Iremos utilizar como exemplo a indústria estadunidense de filmes e séries, que, desde os anos 1920 é predominante no cinema internacional. Na verdade, 69% dos filmes estrangeiros exibidos na maior parte dos Estados atuais tem como país de origem os Estados Unidos da América (EUA) (JEWETT; LAWRENCE, 1979, p.309)<sup>35</sup>. Ademais, uma das empresas mais famosas e influentes é a *Marvel Studios*, que pertence à *Disney* desde 2009, e é responsável pelo Universo Cinematográfico da Marvel (MCU), que já lançou mais de 27 filmes (interconectados), seis curta-metragens, mais de 5 séries no *Disney+*, – todos sucessos de bilheteria – além de já ter confirmadas mais 12 produções futuras (CARNES; GOREN, 2022, p.1)<sup>36</sup>.

---

<sup>35</sup> JEWETT, Robert; LAWRENCE, John Shelton. *The Problem of Mythic Imperialism*. Summer, vol.2, 1979, p.309.

<sup>36</sup> CARNES, Nicholas. GOREN, Lilly J. *The Politics of the Marvel Cinematic Universe*. University Press of Kansas, 2022, p.1.

Por alcançarem tamanhos números e popularizarem seus personagens através da venda de outros objetos, como blusas, bonecos, enfeites, etc., o MCU deve ser considerado um importante influenciador social e um poderoso veículo de mensagens no âmbito internacional. Seus trabalhos despertam reflexões e sentimentos nas pessoas e, assim exercem um papel-chave no imaginário social, ainda mais considerando que seus personagens são seres com poderes sobre-humanos que tentam ou prevenir ou salvar a humanidade (que quase sempre se restringe aos EUA) de ameaças malignas. Porém, como afirmam Marisa Fernandez e Laura Méndez:

A mídia em geral e o cinema em particular podem ser definidos como dispositivos de reprodução ideológica cujo objetivo é inculcar e defender a agenda econômica, social e política dos grupos dominantes. O surgimento de uma indústria de entretenimento e o processo de espetacularização é uma consequência lógica do mecanismo de regeneração do sistema (FERNANDEZ; MÉNDEZ, p.2)<sup>37</sup>.

Dessa maneira, se analisados atentamente, é possível perceber a tendência de duas categorias de super-heróis: aqueles ou com poderes extraterrestres ou com poderes que provêm de tecnologias de alta ponta desenvolvida por milionários, distante das pessoas comuns, que conseguem salvar o dia unicamente por causa desses dons especiais (CARNES; GOREN, 2022, p. 11); e aqueles super-heróis individualistas, que salvam o dia sozinhos e não participam de nenhuma comunidade, em uma ideia que pode ser interpretada como anti-democrática (JEWETT; LAWRENCE, 1979, p. 316).

---

<sup>37</sup> No original: Los medios de comunicación en general y el cine en particular, pueden definirse como dispositivos de reproducción ideológica cuyo propósito es inculcar y defender el orden del día económico, social y político de los grupos dominantes. La puesta en marcha de una industria del entretenimiento y el proceso de espectacularización es una consecuencia lógica del mecanismo de regeneración del sistema (FERNANDEZ; MÉNDEZ. In: *Historia enseñada, cine y mujeres: una tríada a debate*, p.2).

Ambas categorias podem ser enquadradas como imperialistas/colonialistas, uma vez que a primeira impõe a ideia de que apenas seres superiores e com acesso a grandes tecnologias têm a capacidade de acudir os meros cidadãos do inimigo (esse sendo, muitas vezes, etnicamente especificado), e a segunda propaga uma ideologia de salvação quase divina, estipulando que a força popular conjunta não consegue proteger seu território.

Essa última representação é vinculada, por exemplo, pela Capitã Marvel<sup>38</sup>, heroína cujo filme foi lançado em 2019 e comercializada como a força feminista do MCU. Ela ganha seus extraordinários poderes através da absorção de energia de uma das Joias do Infinito extraterrestres, o Tesseract, e assim consegue proteger uma população inteira de exilados Skrulls (raça alienígena escondida na Terra) contra os Krees (raça alienígena genocida). Porém, paralelamente, a personagem descobre que nasceu e viveu no planeta Terra-616, e inclusive trabalhou para as Forças Aéreas estadunidenses, sendo o filme acusado pelos críticos de propaganda militar, que se utiliza do empoderamento feminino de Carol Danvers para passar a mensagem de que ela ganhou tamanha força por causa de seu treinamento especializado (WHITELAW, 2019)<sup>39</sup>.

Já a personagem Kamala Khan, mais conhecida como Ms. Marvel, fã e sucessora de Danvers, entrou oficialmente no MCU com a estreia da minissérie “Ms. Marvel”<sup>40</sup>, em junho de 2022. Ela e sua família são muçulmanas paquistanesas que se mudaram para os EUA com o intuito de alcançar “maior liberdade” e que possuem uma íntima conexão com o momento da Partição

---

<sup>38</sup> Filme disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/capita-marvel/38xJGILAQy9a>

<sup>39</sup> WHITELAW, Gavia Baker. *Is 'Captain Marvel' military propaganda?*. Daily.dot, 1 mar. 2019. Disponível em: <https://www.dailydot.com/parsec/is-captain-marvel-military-propaganda/>. Acesso em: 21 jan. 2023.

<sup>40</sup> Minissérie disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/series/ms-marvel/45BsikoMcOOo>

da Índia e do Paquistão em 1947. Kamala é uma adolescente de Jersey City que desperta seus poderes devido à sua raiz Djinn<sup>41</sup>, legada por sua bisavó.

Khan se encaixa na primeira categoria de super-heroína que definimos acima, pois ela tem a ajuda de amigos e familiares para derrotar os inimigos, que, na minissérie, são policiais do governo e ClanDestinos (super-humanos de outra dimensão). Porém, essa personagem é especialmente interessante para os objetivos do presente artigo por escancarar as visões orientalistas e imperialistas que a Marvel possui e propaga pelos quatro cantos do mundo. Isso porque Kamala é representada a partir de termos e noções ocidentais de ‘modernidade’, feminismo e liberdade, uma vez que ela é uma muçulmana “moderada” que não utiliza hijab - ao contrário de sua melhor amiga Nakia, o contrapeso tradicional islâmico da história - e que está em constante dúvida se deve escolher entre os valores religiosos ou estadunidenses, situação que ainda a coloca na condição de “Outro”, diferente, que não se encaixa (HOSEIN, 2016, pp. 57-58)<sup>42</sup>.

Apesar disso, ela é uma heroína que não cai no estereótipo pós 11 de setembro de “muçulmana má” e “terrorista”, isso simplesmente pelo fato dela ser leal e lutar pelos Estados Unidos da América, se igualando aos outros super-heróis da franquia, e assim podendo contribuir para vender a imagem ‘inclusiva’ da empresa de cinema, quadrinhos, bonecos, etc.

## **6. ESTUDO DE CASO**

Nós realçaremos neste tópico a produção cinematográfica *Eternos*, que foi baseada em uma História em Quadrinhos homônima, do artista Jack Kirby, e trata a respeito de dez seres alienígenas humanóides imortais e super

---

<sup>41</sup> Djinns são espíritos da cultura islâmica, que não atuam nem pelo bem nem pelo mal.

<sup>42</sup> HOSEIN, Safyyia. The “Worlding” of the Muslim Superheroine: An Analysis of Ms. Marvel’s Kamala Khan. In: *The Popular Culture Studies Journal*, Vol. 7, No. 2, 2019, pp 57-58.



poderosos que vêm para a Terra com o intuito de protegê-la dos ‘Deviantes’, monstros malignos que destroem qualquer sinal de vida.

Para tal, os heróis se assentam no planeta no ano 5000 AEC, justamente na região da Mesopotâmia, e logo no início eles encontram um pequeno agrupamento humano, polindo uma pedra no formato de adaga, com casas de madeira, flechas e um idioma básico<sup>43</sup>. A partir daí eles se infiltram dentro dessa comunidade e se colocam como indivíduos superiores, ou talvez até mesmo divindades, que levam conhecimento e progresso de maneira benévola.

Essa noção fica tão explícita no enredo que os anos se passam e é mostrada a “grande” Babilônia durante 575 AEC, em pleno auge do Império Neobabilônico (626-539 AEC)<sup>44</sup>. Nessa cena nos é mostrada que alguns super-heróis não se misturam com a população babilônica, enquanto outros estão inseridos na sua rotina diária, além de apresentar um diálogo na qual o Eterno Phastos está literalmente criando o arado que será colocado à disposição dos seres humanos do Próximo Oriente<sup>45</sup>, e a Eterna Sersi está adicionando água na plantação<sup>46</sup>.

---

<sup>43</sup> Como é possível ver em: ETERNOS. Direção: Chloé Zhao. Produção: Kevin Feige. Roteiro: Chloé Zhao; Patrick Burleigh; Ryan Firpo; Matthew K. Firpo. Fotografia de Ben Davis. Disney+: Marvel Studios, 2min. 50s., 2021. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/eternos/5cmhJAAtkt6Jk>

<sup>44</sup> Como é possível ver em: ETERNOS. Direção: Chloé Zhao. Produção: Kevin Feige. Roteiro: Chloé Zhao; Patrick Burleigh; Ryan Firpo; Matthew K. Firpo. Fotografia de Ben Davis. Disney+: Marvel Studios, 21min. 56s., 2021. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/eternos/5cmhJAAtkt6Jk>

<sup>45</sup> Como é possível ver em: ETERNOS. Direção: Chloé Zhao. Produção: Kevin Feige. Roteiro: Chloé Zhao; Patrick Burleigh; Ryan Firpo; Matthew K. Firpo. Fotografia de Ben Davis. Disney+: Marvel Studios, 23min. 26s., 2021. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/eternos/5cmhJAAtkt6Jk>

<sup>46</sup> Como é possível ver em: ETERNOS. Direção: Chloé Zhao. Produção: Kevin Feige. Roteiro: Chloé Zhao; Patrick Burleigh; Ryan Firpo; Matthew K. Firpo. Fotografia de Ben Davis. Disney+: Marvel Studios, 27min. 51s., 2021. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/eternos/5cmhJAAtkt6Jk>

Em uma outra cena, a Eterna Sprite está contando histórias épicas, religiosas/mitológicas e de reis de forma magistral, referenciando inclusive um dos mais famosos textos mesopotâmicos, a Epopeia de Gilgamesh, se utilizando da linguagem oral e de 'poderes desenhísticos' para impressionar e convencer os habitantes:

“As maravilhas do mundo aguardam vocês.  
Sigam Gilgamesh e Enkidu na batalha.  
Sejam eternamente inspirados pela bravura e força deles.  
Você e seu companheiro sairão em grandes aventuras  
E se tornarão as próprias lendas!”<sup>47</sup>

A Epopeia de Gilgamesh é conhecida por ser o primeiro poema épico da História, remontando ao III milênio AEC, que inspirou a tradição literária do mito do herói forte e corajoso que sai em aventuras perigosas que vemos em Homero, Hesíodo, Antigo Testamento até às Histórias em Quadrinhos e filmes/séries/jogos dos séculos XX e XXI. Acredita-se que Gilgamesh existiu historicamente como um rei sumério do período proto-dinástico (por volta de 2750-2600 AEC), seu nome inclusive consta na Lista de Reis Sumérios (POZZER, 2020)<sup>48</sup>, e o filme se aproveita de tais informações para nomear um dos Eternos como o antigo rei, nos fazendo concluir que esse antigo prestigiado governante era, na verdade, o Eterno Gilgamesh<sup>49</sup>.

---

<sup>47</sup> Como é possível ver em: ETERNOS. Direção: Chloé Zhao. Produção: Kevin Feige. Roteiro: Chloé Zhao; Patrick Burleigh; Ryan Firpo; Matthew K. Firpo. Fotografia de Ben Davis. Disney+: Marvel Studios, 25min., 2021. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/eternos/5cmhJAkt6Jk>

<sup>48</sup> A EPOPEIA de Gilgamesh (Entrevista com Katia Pozzer). Spotify: Diálogos Olímpianos, 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3FnxA6gyfL29UUdqfNldf?si=70686ba7bfb748a6>.

<sup>49</sup> Até irônico pensar que na Epopeia de Gilgamesh o herói tenta buscar a vida sem fim a qualquer custo e descobre que é algo impossível, enquanto o Eterno Gilgamesh já nasce com o peso da imortalidade nas costas,

Para além desses detalhes, o que mais nos interessa aqui são as representações das construções monumentais, dos jardins suspensos, com cores vibrantes e materiais valiosos. O famoso 'Portal de Ishtar' - construído durante o reinado de Nabucodonosor II (604-562 AEC), reconstruído com seus tijolos originais em 1926 e adquirido pelo Metropolitan Museum of Art em 1931<sup>50</sup> - é focalizado tanto na apresentação da cidade quanto em uma cena de ação na qual os Eternos lutam contra os Deviantes<sup>51</sup>.



Fonte: Metropolitan Museum of Art

<sup>50</sup> KIOSSESKI, Caroline dos Santos. Pannel com leão em posição de marcha. <https://www.ufrgs.br/leao/>, 20 set. 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/leao/>. Acesso em: 9 nov. 2022.

<sup>51</sup> Como é possível ver em: ETERNOS. Direção: Chloé Zhao. Produção: Kevin Feige. Roteiro: Chloé Zhao; Patrick Burleigh; Ryan Firpo; Matthew K. Firpo. Fotografia de Ben Davis. Disney+: Marvel Studios, 20min. 56s., 2021. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/eternos/5cmhJAkt6Jk>



Fonte: Disney+

Curioso pensar que os produtores do filme escolheram precisamente o Império mesopotâmico mais conhecido pela historiografia Ocidental (principalmente por causa dos livros bíblicos dos Reis e de Daniel), e a construção composta por imagens de leões, touros e dragões, animais e seres que simbolizam força, poder e proteção para a sociedade neobabilônica.

Essas escolhas não são tão surpreendentes após nos atentarmos ao fato de que a produção foi financiada por uma empresa estadunidense de entretenimento que visa atingir o público mundial, e, por consequência, espalhar suas ideologias a partir dos pressupostos imperialistas historicamente construídos. O autor pós-colonial Edward Said (1990)<sup>52</sup> conceituou esse tipo de atitude dos povos ocidentais (norte-americanos e europeus) frente aos povos “não ocidentais” como ‘Orientalismo’.

<sup>52</sup> SAID, E. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Em seu famoso livro de mesmo nome, ele assim o define:

É antes uma *distribuição* de consciência geopolítica em termos estéticos, eruditos, econômicos, sociológicos, históricos e filológicos; é uma *elaboração* não só de uma distinção geográfica básica (o mundo é feito de duas metades, o Ocidente e o Oriente), como também de toda uma série de «interesses» que, através de meios como a descoberta erudita, a reconstrução filológica, a análise psicológica e a descrição paisagística e sociológica, o orientalismo não apenas cria como mantém; ele é, em vez de expressar, uma certa *vontade* ou *intenção* de entender, e em alguns casos controlar, manipular e até incorporar, aquilo que é um mundo manifestamente diferente (ou alternativo e novo); é, acima de tudo, um discurso que não está de maneira alguma em relação direta, correspondente, ao poder político em si mesmo, mas que antes é produzido e existe em um intercâmbio desigual com vários tipos de poder, moldado em certa medida pelo intercâmbio com o poder político (como uma ordem colonial ou imperial), com o poder intelectual (como as ciências reinantes da linguística comparada ou anatomia, ou qualquer urna das modernas ciências ligadas decisão política), com o poder cultural (como as ortodoxias e cânones de gosto, textos e valores), com o poder moral (como as ideias sobre o que “nós” fazemos e o que “eles” não podem fazer ou entender como “nós” fazemos) (SAID, 1990, p.24).

Logo, a ideia propagada pela obra cinematográfica de que seres culturalmente e intelectualmente superiores foram àquele local para levar progresso e civilização aos povos que ali viviam se assemelha aos discursos e ações imperialistas dos Estados europeus e norte-americanos nos continentes africano, asiático e latino americano ao longo dos séculos XIX e XX, mostrando a árdua reminiscência de valores imperialistas (e orientalistas) na indústria

cultural mesmo em um tempo de inclusão de grupos sociais comumente subalternizados.

Assim, os Estudos Subalternos, que surgiram durante a década de 1980 entre os marxistas de orientação maoísta do Centro de Estudos de Ciências Sociais de Calcutá (Índia), nos ajudam a colocar em evidência as visões das classes que foram marginalizadas pelo sistema capitalista, colaborando com novas reflexões acerca do presente, do passado, e até mesmo do futuro (ARRUDA; JUNIOR, 2019, p.106)<sup>53</sup>. O texto de Sanjay Seth, “Razão ou Raciocínio? Clio ou Shiva?” (2013)<sup>54</sup> é um exemplo do compilado de críticas que surgiu a partir dos movimentos sociais da segunda metade do século XX (como o feminista, antirracista, pós-colonialista, decolonialista, etc.).

Nesse texto o autor afirma que o ideal de “Razão” foi criado a partir da exclusão de outras definições existentes. O conceito foi gerado pelo “mundo Ocidental” e tido como universal, como se abrangesse as diferentes realidades geográficas. Assim, ele demonstra que a História definida pelos historicismos é um código não-universal que impossibilita os componentes do “mundo não-Ocidental” de decodificá-lo. Portanto, a noção de superioridade Ocidental alcançada a partir de um progresso supostamente natural é fruto de uma estratégia imperialista que busca subjugar e adestrar o “Outro” epistemologicamente, economicamente e fisicamente, além de rotulá-lo de selvagem, inferior.

---

<sup>53</sup> ARRUDA, L.P.; JUNIOR, D. N. F. Estudos pós-coloniais e decoloniais: uma perspectiva comparativa entre o Orientalismo de Edward Said e os estudos decoloniais. In: *Orientalismo Conectado*, LAPHIS – Laboratório de Aprendizagem Histórica da UNESPAR Leitorado Antigo – UPE Projeto Orientalismo, 2019.

<sup>54</sup> SETH, Sanjay. “Razão ou raciocínio? Clio ou Shiva?”. In: *História da historiografia*. Ouro Preto, número 11, 2013, pp. 173-189.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No decorrer da leitura de nosso texto, podemos perceber o dinamismo das disciplinas História Antiga e Arqueologia. Ambas se institucionalizaram em contexto político conturbado (pós Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria) onde, por vezes, foram utilizadas como ferramenta de legitimação de governos autoritários. Graças às suas potencialidades e seu caráter dinâmico, somados a luta a coragem das minorias subalternizadas em busca de espaço e reivindicação de direitos, além do trabalho de historiadores e arqueólogos comprometidos com as demandas sociais de seus contextos, tanto a arqueologia quanto a história antiga puderam superar o rótulo e o estigma que carregaram como disciplinas eurocêntricas e elitistas, buscando cada vez mais abordar temáticas que vão na contramão as suas origens segregadoras.

Um bom exemplo sobre os reflexos dessas transformações são as próprias produções acadêmicas feitas em nosso país. Não pertencemos aos “grandes centros” onde se discutem Antiguidade, mas cada vez mais podemos observar pesquisadores brasileiros (Pedro Paulo Funari – *Arqueologia Clássica: O Quotidiano de Gregos e Romanos* - 2015, Filipe Noé da Silva – *De escravos a benfeitores: os libertos e a munificência na Hispania Romana* – 2021, Julio Cesar Magalhães de Oliveira – *the Ancient History from Below* – 2021, entre outros) publicando sobre temas de grande relevância e com qualidade inquestionável, mostrando o quanto temos a contribuir com nossa visão, que por vezes foi, e para alguns ainda é, marginalizada. Isto é de tamanha importância levando em consideração os últimos quatro anos em que a ciência foi atacada e desacreditada e que ocorreram vários revisionismos de nossa história.

Ademais, tentamos demonstrar como as produções da cultura pop, tanto as séries, os jogos, os livros, as novelas como os filmes, este último utilizado como fonte no estudo de caso, podem auxiliar no entendimento das realidades do passado se criticados e analisados a partir das pesquisas e descobertas de historiadores e arqueólogos. Tais obras são importantes para a historiografia dos dias atuais por conseguirem alcançar um grande-público e suscitarem a curiosidade, o interesse e a interação dele através das redes sociais e das relações interpessoais, não podendo ser ignorados neste mundo de entretenimento tecnológico.

## **REFERÊNCIAS**

- A EPOPEIA de Gilgamesh (Entrevista com Katia Pozzer). Spotify: Diálogos Olímpicos, 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3FnxaA6gyfL29UUdqfNldf?si=70686ba7bfb748a6>. Acesso em: 22 jan. 2023.
- ANTEQUERA, R. A. O. M. *Do templo ao palácio: representações da cidade suméria através da “Lista Real Suméria” durante o Dinástico Primitivo (2900-2334 A.C.)*. Franca, 2015.
- ARRUDA, L.P.; JUNIOR, D. N. F. Estudos pós-coloniais e decoloniais: uma perspectiva comparativa entre o Orientalismo de Edward Said e os estudos decoloniais. In: *Orientalismo Conectado*, LAPHIS – Laboratório de Aprendizagem Histórica da UNESPAR Leitorado Antigo – UPE Projeto Orientalismo, 2019.
- BONFÁ, D. C. Antiguidade, identidade e os usos do passado. *Revista De Estudos Filosóficos E Históricos Da Antiguidade*, 21(30), 2017.
- BONFÁ, D. C., & MATOS, K. B. de S. Antiguidade em contexto: os usos do passado e suas intencionalidades. *Revista De Estudos Filosóficos E Históricos Da Antiguidade*, 27(37/38), 94–109, 2022.
- BOTTÉRO, Jean; MORRISON, Ken (orgs.). *Cultura, Pensamento e Escrita*. São Paulo, Ática, 1995.



- CAPITÃ Marvel. Direção: Anna Boden; Ryan Fleck. Produção: Kevin Feige. Roteiro: Anna Boden; Ryan Fleck; Geneva Robertson-Dworet. Gravação de Ben Davis. [S. l.]: Walt Disney Studios Motion Pictures, 2019. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/capita-marvel/38xJ-GILAQy9a>. Acesso em: 22 jan. 2023.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Antiguidade Oriental, Política e Religião*. São Paulo: Contexto, 1990.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Sociedades do Antigo Oriente Próximo*. São Paulo: Editora Unicamp, 1986.
- CARNES, Nicholas. GOREN, Lilly J. *The Politics of the Marvel Cinematic Universe*. University Press of Kansas, 2022, p.456. Disponível em: books.google. Acesso em: 21 jan. 2023.
- DÍAZ-ANDREU, Margarita *Arqueologia crítica e humanista*. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.
- ETERNOS. Direção: Chloé Zhao. Produção: Kevin Feige. Roteiro: Chloé Zhao; Patrick Burleigh; Ryan Firpo; Matthew K. Firpo. Fotografia de Ben Davis. Disney+: Marvel Studios, 2021. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/eternos/5cmhJAkt6Jk>. Acesso em: 8 nov. 2022.
- FERNANDEZ, Marisa; MÉNDEZ, Laura. *Historia enseñada, cine y mujeres: una tríada a debate*, pp.1-16.
- FUNARI, Pedro Paulo A, BERNAL, Martin, CANFORA, Luciano, OLIVER, Laurent. *Repensando o Mundo Antigo*. Editora Unicamp, 2005.
- FUNARI, Pedro Paulo A. *Antiguidade Clássica: A História e a Cultura a partir de documentos*. Editora Unicamp, 2003.
- FUNARI, Pedro Paulo A. *Arqueologia e Patrimônio*. Editora Habilis, Erechim RS, 2007.
- FUNARI, Pedro Paulo, TEGA, Glória. *Arqueologia, do Imperialismo à Inclusão Social*. Expressa Extensão, Pelotas, p. 17-27, 2014.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. *História Antiga*. Coleção História na Universidade. Editora Contexto. São Paulo, 2013.
- HINGLEY, Richard. *O Imperialismo Romano - novas perspectivas a partir da Bretanha*. UFPR/UNICAMP/CAPES/ ANNABLUME, São Paulo, 2010.

- HOSEIN, Safyyia. The “Worlding” of the Muslim Superheroine: An Analysis of Ms. Marvel’s Kamala Khan. In: *The Popular Culture Studies Journal*, Vol. 7, No. 2, 2019, pp 56-69. Disponível em: [cloudfront.com](https://cloudfront.com). Acesso em: 21 jan. 2023.
- JEWETT, Robert; LAWRENCE, John Shelton. The Problem of Mythic Imperialism. Summer, vol.2, 1979, pp. 309-320. Disponível em: [https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1542-734X.1979.0202\\_309.x](https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1542-734X.1979.0202_309.x). Acesso em: 21 jan. 2023.
- KIOSSESKI, Caroline dos Santos. Painel com leão em posição de marcha. <https://www.ufrgs.br/leao/>, 20 set. 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/leao/>. Acesso em: 9 nov. 2022.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.
- LION, Brigitte. *La notion de genre en assyriologie* In: *Problèmes du genre en Grèce ancienne* [en ligne]. Paris : Éditions de la Sorbonne, 2007 (généré le 10 mars 2012). Disponible sur Internet: <http://books.openedition.org/psorbonne/33244>. ISBN :9791035101862. DOI: <https://doi.org/10.4000/books.psorbonne.33244>. Acesso em: 21 jan. 2023.
- MAY, Natalie. “Triumph as an Aspect of the Neo-Assyrian Decorative Program”. In: WILHELM, Gernot (org.). *Organization, Representation, and Symbols of Power in the Ancient Near East*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2012, p. 475.
- MORETTIN, E. V. *O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro*. In: *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 38, 2003, pp.11-42.
- MS. Marvel. Direção: Adil El Arbi; Bilall Fallah; Meera Menon; Sharmeen Obaid-Chinoy. Produção: Kevin Feige; Louis D’Esposito; Victoria Alonso; Brad Winderbaum; Adil El Arbi; Bilall Fallah; Bisha K. Ali. Roteiro: Bisha K. Ali; Kate Gritmon; Freddy Syborn; A. C. Bradley; Matthew Chauncey; Sabir Pirzada; Fatimah Asghar. Gravação de Robrecht Heyvaert; Carmen Cabana; Jules O’Loughlin. Disney+: Marvel Studios, 2022. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/series/ms-marvel/45BsikoM-cOOo>. Acesso em: 22 jan. 2023.

- PAYEN, Pascal. *A constituição da história como ciência no século XIX e seus modelos antigos: fim de uma ilusão ou futuro de uma herança?* Tradução Gustavo de Azambuja Feix; revisão: Emanuella Gonçalves, revisão de tradução: Patrícia Chittoni Ramos Reuillard; revisão técnica: Temístocles Cezar. Periódico História da Historiografia 103 - 122, Ouro Preto, 2011.
- POZZER, Kátia Maria Paim. Cidades Mesopotâmicas: história e representações. O mundo urbano – espaço profano e sagrado. In: *Revista Anos 90*. Volume 10, No 17. 2003. p.61-73.
- ROCHA, Ivan Esperança. Mario Leviani: a trajetória de um orientalista. In: SILVA, Glaydson José da; CARVALHO, Alexandre Galvão (orgs.). *Como se escreve a História da Antiguidade: olhares sobre o antigo*. São Paulo: Editora Unifesp, 2020. pp. 479-486.
- ROSENSTONE, Robert A. *A história nos filmes, os filmes na história*. São Paulo: Paz e Terra, 2010 [tradução Marcelo Lino].
- SAID, E. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SETH, Sanjay. “Razão ou raciocínio? Clio ou Shiva?”. In: *História da historiografia*. Ouro Preto, número 11, 2013, pp. 173-189.
- SILVA, Glaydson José. *História Antiga e Usos do Passado: um estudo de apropriações da Antiguidade sobre o regime de Vich (1940 - 1944)*. Tese de doutorado. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007.
- WHITELAW, Gavia Baker. *Is ‘Captain Marvel’ military propaganda?*. Daily.dot, 1 mar. 2019. Disponível em: <https://www.dailydot.com/parsec/is-captain-marvel-military-propaganda/>. Acesso em: 21 jan. 2023.

# AFRODITE *ZEÍDŌROS*: UM ESTUDO SOBRE FUNÇÕES E EXPRESSÕES DE PHILOTES, SEGUNDO EMPÉDOCLES<sup>1</sup>

Izabela Silva Cabral<sup>2</sup>

**RESUMO:** Os quatro elementos, terra, água, ar e fogo são denominados por Empédocles de quatro raízes. Segundo ele, são essas quatro raízes que constituem e originam todas as coisas existentes. São elas a origem e o princípio de tudo quanto existe. Entretanto, dois princípios fundamentais operam diretamente sobre elas: *Philotes* e *Neikos*, o primeiro é identificado à deusa Afrodite, em versos que descrevem sua função na articulação e organização dos seres vivos. Logo, Empédocles apresenta o desenvolvimento do mundo e de tudo o que existe nele, através de seis princípios originários em um ciclo que flui eternamente. A finalidade deste artigo é investigar a função de *Philotes* nos seres organizados, ou seja, na fase mundana do ciclo cósmico, na expressão mítica dos trabalhos da deusa Afrodite, que também recebe os nomes de Alegria, Harmonia e Cipris.

**Palavras-chave:** *Philotes*. Afrodite. *Zeídōros*. Vida.

## APHRODITE *ZEÍDŌROS*: A STUDY OF PHILOTES FUNCTIONS AND EXPRESSIONS, ACCORDING TO EMPEDOCLES

**ABSTRACT:** The four elements, earth, water, air and fire, are called the four roots by Empedocles. According to him, these four roots are the foundation and origin of all things in existence. They are the origin and principle of everything that exists. However, two fundamental

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte da pesquisa de mestrado desenvolvida entre dezembro de 2020 e outubro de 2022, sob orientação dos professores Henrique Modanez de Sant'Anna e Ivanete Pereira, no bojo do Mestrado Interinstitucional em Metafísica UnB-UFAM.

<sup>2</sup> Docente na Secretaria de Estado de Educação do Amazonas (SEDUC). Tem mestrado em Metafísica pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: izabelacabral12@hotmail.com

principles act directly upon them: *Philotes* and *Neikos*, the first being identified with the goddess Aphrodite, in the verses describing her function in the articulation and organization of living things. Then Empedocles presents the evolution of the world and everything that exists in it through six original principles in a cycle that flows eternally. The purpose of this study is to examine the function of *Philotes* in organized living things, that is, in the mundane phase of the cosmic cycle, in the mythical expression of the works of the goddess Aphrodite, who also bears the names Joy, Harmony and Cypris.

**Keywords:** *Philotes*. Aphrodite. *Zeidōros*. Life.

## 1. CAMPO SEMÂNTICO DE PHILOTES E CORRESPONDÊNCIA COM AFRODITE

Natural de Agrigento, Empédocles, de acordo com Hipôbotos, era filho de Mêton e neto de Empédocles – segundo Diógenes Laércio (DL VIII 2,51). Sua vida é envolta em lendas, e ele é relacionado, pela doxografia, a filósofos como Parmênides, Anaxágoras e aos pitagóricos (DL VIII 7,54). Sabemos que ele foi um grande orador, pois Aristóteles atesta essa qualidade, considerando-o inventor da retórica (cf. DL VIII 1,57), e consta que ele foi mestre de Górgias, o sofista (DL VIII 7,58). A ele são atribuídas duas obras: *Da Natureza* (*Περὶ φύσεως*) e *Purificações* (*Καθαρμοί*).

Ao analisarmos o poema *Da Natureza* verificamos que ele é dirigido a uma só pessoa, Pausânias; ao passo que o *Purificações* é dedicado a um grupo de pessoas habitantes da parte alta de Agrigento. Do poema *Purificações* restaram trinta e sete fragmentos, retirados, especialmente a partir do marco do compêndio de Hermann Diels, entre final do século XIX e início do século XX<sup>3</sup>, de várias obras de filósofos e doxógrafos.

A interpretação dos fragmentos existentes dos poemas *Da Natureza* e *Purificações* foi complicada pelo debate acadêmico moderno sobre se eles

---

<sup>3</sup> DIELS, Hermann. *Poetarum Philosophorum Fragmenta*. Berlim, 1901.

de fato constituem duas obras, como Diógenes Laércio alegou, ou um único projeto filosófico, como alguns estudiosos como Inwood (2001) argumentaram. Esta última hipótese havia sido alimentada ainda mais pela publicação do *Papiro de Estrasburgo* (MARTIN & PRIMAVESI, 1999), que contém uma parte do poema *Da Natureza* com linhas que tradicionalmente haviam sido atribuídas às *Purificações*. Contudo, passado o fervor da discussão, boa parte dos estudiosos manteve a divisão clássica em dois poemas, como se vê, por exemplo, com André Laks e Glenn Most, no recente compêndio de textos pré-socráticos que editaram (2016).

Empédocles, segundo Aristóteles (e.g. *Metafísica* I 4, 985 a 29-33), foi o precursor da teoria das quatro raízes-elementos (ar, água, terra e fogo) juntamente com dois princípios ativos, *Philotes* e *Neikos*, sendo que *Philotes* é representada, pelo agrigentino, inúmeras vezes como Afrodite, divindade grega do amor e da beleza. Ao que tudo indica, Empédocles serviu-se de motes do mito e do culto popular relacionado à deusa, transmutando-os em elementos de sua hipótese filosófica sobre a vida.

*Philotes* é uma palavra composta pelo elemento φίλο-, “frequentemente empregado em compostos” – (cf. s.v. LSJ), + o sufixo –της. *Philos*, que pode ser relacionada particularmente com a hospitalidade. Possui um sentido mais amplo e mais forte do que o do vocábulo da Língua Portuguesa que o traduz. O *philos* e seus derivados possuem valores afetivos, que aparecem nos usos que qualificam relações internas do grupo pertencente à família: *phílos* “querido”, *Philotes* “amor”. Assim, aparentemente, nada mais simples do que a relação entre *philos* “amigo” e *Philotes*, *philia* “amizade”. *Philotes* em Homero, segundo Benveniste<sup>4</sup>, também pode ser entendido como amizade, uma amizade muito definida, que estabelece vínculos e supõe

<sup>4</sup> BENVENISTE, Émile. *O vocabulário das instituições indo-europeias*. Vol.I. Tradução de Denise Battman. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

compromissos recíprocos, com juramentos<sup>5</sup> e sacrifícios. O termo grego *Philotes* é o que aparece nos fragmentos que chegaram até nós, como podemos conferir em DK 31 B 17, 20: [...] καὶ Φιλοτήs ἐν τοῖσιν, ἴσηι ὑηκόs τε πλάτος τε [...]<sup>6</sup> (“E a Amizade dentro deles, igual em comprimento e largura”).

Nesse verso que escolhemos (B 17, 20), portanto, destacamos o emprego do termo empedocliano Φιλοτήs (*Philotes*), que Cavalcante (1996) e Bignone (1963) traduzem por Amizade, no caso do segundo autor, *Amicizia*; KRS (1983) e Wright (1981) traduzem por Amor, *Love*.

Jean-François Balaudé na obra *Les Vocabulaire des Présocratiques*, aborda sinteticamente uma das ideias que queremos explorar no decorrer da nossa pesquisa:

De fato, a *Philotes* de Empédocles também é designada por ele como Afrodite, Harmonia, Cípris, e o modo como Parmênides introduziu o Amor faz parte de uma verdadeira cenografia mítica... *Philotes*, é uma força de união e harmonia, que dá consistência e domínio ao mundo. O amor reúne o que está disperso, desarticulado e o unifica, dá forma ao que falta e, além disso, transmite sua fecundidade ao que fecundou e formou.<sup>7</sup> (BALAUDÉ, 2002, p. 9)<sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> Juramento também é o nome de um deus (ἄρκος). Os juramentos eram algo muito importante no contexto social e religioso grego, tanto que muitas vezes um deus era chamando, por meio de Hinos e Preces para se fazer presente no momento, a fim de atestar a veracidade daquele ato; sendo assim, é algo de extrema responsabilidade.

<sup>6</sup> KIRK, G.S, RAVEN, J.E e SCHOFIELD. *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Tradução de Carlos Alberto L. Fonseca. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983. Cp. DK 31 B 17, 7; B 19; B 20,2; B 21,8; B 26,5; B 35, 4 e 13.

<sup>7</sup> “De fait, la philotès d’Empédocle est aussi désignée par lui comme Aphrodite, Harmonie, Cypris, et la façon dont Parménide introduisait l’Amour relève d’ une véritable scénographie mythique... Mais l’essentiel est sans doute là: ce qui est pensé à travers erôs et philotès, c’est une force d’union et d’harmonie, qui donne sa consistance et sa tenue au monde. L’amour rassemble ce qui est épars, disjoint, et l’unifie, il donne forme à ce qui en manque, et de surcroît il transmet sa fécondité à ce qu’il a fécondé et formé.”

<sup>8</sup> BALAUDÉ, Jean -François. *Les Vocabulaire des PreSocratiques*. Ellipses Édition, 2002.

É sabido que motes homéricos e hesiódicos foram empregados por Empédocles. Para o nosso enfoque, interessará destacar a presença de elementos da *Teogonia* de Hesíodo<sup>9</sup>, referidos direta ou indiretamente pelo agrigentino, por exemplo, quando se trata da genealogia dos deuses. Contudo, nesse tema em particular, Empédocles “corrige” a teologia tradicional formulada na obra hesiódica, quando afirma que Afrodite, expressão de *Philotes*, ou seja, o Amor – e não Cronos – foi, originalmente, a divindade suprema (KRS, 1983, p. 334).

A referência à deusa Cípris “rainha” (DK 31 B 128), que corresponde a Afrodite na *Teogonia*, mostra que, segundo Empédocles, nem Ares, nem Zeus, nem Poseidon, nem Cronos poderiam ser deuses regentes em seu ideário, mas apenas a deusa. Nada mais natural, pois, para o agrigentino, Cípris-Afrodite é quem preside as formas dos seres compostos no mundo, e *Philotes*, princípio do qual ela é expressão, rege o estado mais excelente de unidade cósmica. Recolhamos traços míticos tradicionais da deusa, na medida em que os consideramos de algum modo presentes, ainda que transmutados, na formulação poético-filosófica de Empédocles.

De acordo com a mitologia grega, Afrodite é a divindade que rege o amor. Porém, essa não é a única função da deusa: paixão, fertilidade, abundância, beleza, graça são alguns dos inúmeros atributos associados à sua imagem. São muitas as narrativas míticas que a envolvem, inclusive as que relatam o seu nascimento. Na *Teogonia* de Hesíodo, versos 188-206, ela nasceu quando Cronos cortou os órgãos genitais de Urano, e os arremessou ao mar. A partir da espuma do pênis que se formou nas ondas do mar, surge Afrodite:

---

<sup>9</sup> De fato, poderíamos ter explorado a rede de conexões com as poesias lírica e trágica contemporâneas a Empédocles, mas as limitações temporais da pesquisa exigiram o recorte.



O pênis, tão logo cortando-o com o aço atirou (188)  
do continente no undoso mar,  
aí muito boiou na planície, ao redor branca  
espuma da imortal carne ejaculava-se, dela  
uma virgem criou-se. Primeiro Citera divina  
atingiu, depois foi à circunfluída Chipre  
e saiu veneranda bela Deusa, ao redor relva  
crescia sob esbeltos pés. A ela. Afrodite (195)  
Deusa nascida de espuma e bem-coroadada Citeréia  
apelidam homens e Deuses, porque da espuma  
criou-se e Citeréia porque tocou Citera,  
Cípris porque nasceu na undosa Chipre,  
e Amor-do-pênis porque saiu do pênis à luz.<sup>10</sup> (200)<sup>11</sup>

Gerada desse líquido espumoso formado pelo esperma de seu pai e as águas do mar, Afrodite carrega dentro de si a essência do seu nascimento, que enfatiza o seu papel de promotora da fertilidade, pois, assim como as águas foram fertilizadas para o seu nascimento, a deusa fertiliza os caminhos por onde passa, como descreve Hesíodo nos versos 195-6 da *Teogonia*: “[...] e saiu veneranda bela deusa, ao redor relva crescia sobre seus esbeltos pés...”.

<sup>10</sup> HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Estudo e Tradução Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2007. Daqui em diante, todas as citações da *Teogonia* procederão dessa edição, exceto se informarmos outra.

<sup>11</sup> Μήδεα δ' ὡς τὸ πρῶτον ἀποτομήξας ἀδάμαντι  
κάββαλ' ἀπ' ἠπειρίοιο πολυκλύστῳ ἐνὶ πόντῳ,  
ς φέρετ' ἄμ πέλαιγος πουλῶν χρόνον, ἀμφὶ δὲ λευκὸς  
ἀφρὸς ἀπ' ἀθανάτου χρόδος ὤρνυτο· τῷ δ' ἔνι κούρη  
ἔθρέφθη· πρῶτον δὲ Κυθήροισιν ζαθέοισιν  
ἔπλητ', ἔνθεν ἔπειτα περιήρτυον ἴκετο Κύπρον. Ἐκ δ' ἔβη αἰδοίη καλὴ θεός, ἀμφὶ δὲ ποίη  
ποσσὶν ὑπο ῥαδινοῖσιν ἀέξετο· τὴν δ' Ἀφροδίτην  
ἀφρογενέα τε θεὰν καὶ εὐστέφανον Κυθήρειαν]  
κικλήσκουσι θεοὶ τε καὶ ἄνδρες, οὐνεκ' ἐν ἀφρῶ  
θρέφθη· ἀτὰρ Κυθήρειαν, ὅτι προσέκυρσε Κυθήροις·  
Κυπρογενέα δ', ὅτι γέντο πολυκλύστῳ ἐνὶ Κύπρῳ·  
ἠδὲ φιλομμηδέα, ὅτι μηδέων ἐξεφαάνθη.]

Afrodite, então, emerge das águas na ilha de Citera. Seus pés, ainda úmidos da espuma da qual foi criada, fertilizavam o solo da cidade, e por onde a deusa caminhava a relva nascia, medrando a vida no lugar. O *Hino Homérico*<sup>12</sup> VI<sup>13</sup>, em seus 21 versos, descreve com riqueza de detalhes a beleza física da deusa e sua chegada à ilha, e o que acontece com Afrodite, ao sair das águas logo após o seu nascimento:

Canto a formosa Afrodite, de láureas douradas e augusta,  
Que tem por lote as cidades muradas de Chipre marinha  
Toda, onde a úmida força do Zéfiro, tendo soprado,  
Trouxe-a por cima das ondas do mar de múltiplas vozes  
Dentro de espuma macia. As Horas de frisos dourados  
A receberam gentis e a envolveram com veste ambrosina.  
Sobre a cabeça imortal colocaram-lhe láureas bem-feitas,  
Belas, lavradas em ouro. Nos lóbulos já perfurados,  
Elas puseram-lhe enfeites de ouro estimado e oricalco  
E lhe adornaram seus seios argênteos e o tenro pescoço  
Com amuletos dourados, os quais são as joias que as próprias  
Horas de frisos dourados costumam vestir quando vão  
Rumo à mansão de seu pai para a dança adorável dos deuses.  
Logo, depois de lhe ornarem sua forma de modo completo,  
Elas levaram-na aos deuses eternos que a vendo a acolheram,  
Dando-lhe as mãos e rogando poder conduzi-la pra casa,  
Cada um dos deuses, na forma de sua legítima esposa,  
Tanto Citéria das láureas violáceas os tinha espantado.

---

<sup>12</sup> Os hinos homéricos são uma série de 33 hinos, dedicados a diversas divindades com a função de invocar e homenagear os deuses na antiguidade. A autoria desses poemas não é conhecida sendo provável que uma longa tradição oral os tenha produzido, sendo chamados de homéricos devido analogias estilísticas. O metro desses hinos era o hexâmetro datílico, o que os situa ao lado da *Ilíada*, da *Odisséia*, dos poemas de Hesíodo e de outros poemas épicos.

<sup>13</sup> Servimo-nos, nas citações de versos do Hino Homérico VI, da seguinte tradução: ANTUNES, C. L. B. 26 *Hinos Homéricos. Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 15, p. 13-24, 2015. DOI: 10.11606/issn.2359-5388.i15p13-24. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/114362>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Salve, senhora dos olhos furtivos, do doce que vence!  
Dá-me vencer o presente certame e equipar-te em canção!  
Ora de ti eu irei me lembrar e de uma outra canção!<sup>14</sup>  
(ANTUNES, 2015)

Afrodite é a personificação da beleza, é aquela que une os pares no amor, que dá beleza ao mundo. Afrodite impera sobre um dos mais poderosos instintos da humanidade: a procriação, o instinto de reprodução, basicamente a sexualidade reprodutiva. É possível conferir essa relação de Afrodite com a sexualidade nos 6 primeiros versos do *Hino Homérico V*:

Musa, reconta-me os feitos da pluridourada Afrodite,  
Cípris, aquela que incita nos deuses o doce desejo  
E tem domínio nas tribos dos homens de todo mortais  
E sobre as aves aladas e todos os tipos de feras,  
Tanto as que vivem na terra bem como as nutridas no mar:

---

<sup>14</sup> αἰδοίην, χρυσοστέφανον, καλὴν Ἀφροδίτην  
ἄσομαι, ἢ πάσης Κύπρου κρήδεμνα λέλογχεν  
εἰναλίης, ὄθι μιν Ζεφύρου μένος ὑγρὸν ἀέντος  
ἦνεικεν κατὰ κύμα πολυφλοίσβοιο θαλάσσης  
ἀφρῶ ἔνι μαλακῶ: τὴν δὲ χρυσάμπυκες Ὕραι  
δέξαντ' ἀσπασίως, περὶ δ' ἄμβροτα εἴματα ἔσσαν:  
κρατὶ δ' ἔπ' ἀθανάτω στεφάνην εὐτυκτον ἔθηκαν  
καλὴν, χρυσεῖην: ἐν δὲ τρητοῖσι λοβοῖσιν  
ἄνθεμ' ὀρειχάλκου χρυσοῖό τε τιμήεντος:  
δειρῆ δ' ἄμφ' ἀπαλῆ καὶ στήθεσιν ἀργυφέοισιν  
ὄρμοισι χρυσεῖοισιν ἐκόσμεον, οἷσί περ αὐταὶ  
Ὕραι κοσμίεσθην χρυσάμπυκες, ὀππότε' ἴοιεν  
ἐς χορὸν ἡμερόντα θεῶν καὶ δῶματα πατρός.  
αὐτὰρ ἐπειδὴ πάντα περὶ χροὶ κόσμον ἔθηκαν,  
ἦγον ἐς ἀθανάτους: οἱ δ' ἠσπάζοντο ἰδόντες  
χερσὶ τ' ἐδεξιόωντο καὶ ἠρήσαντο ἕκαστος  
εἶναι κουριδίην ἄλοχον καὶ οἴκαδ' ἄγεσθαι,  
εἶδος θαυμάζοντες ἰοστεφάνου Κυθερείης.  
χαῖρ' ἑλικοβλέφαρε, γλυκυμείλιχε: δὸς δ' ἐν ἀγῶνι  
νίκην τῷδε φέρεσθαι, ἐμὴν δ' ἐντυνον αἰοιδῆν.  
αὐτὰρ ἐγὼ καὶ σεῖο καὶ ἄλλης μνήσομ' αἰοιδῆς.

Todas se ocupam dos feitos da bem laureada Citéria.<sup>15</sup>  
(ANTUNES, 2015)<sup>16</sup>

Nesses versos, é possível notar o vasto campo de atuação da deusa e o poder avassalador que Afrodite desempenha perante os deuses do Olimpo e todos aqueles seres vivos da terra, do mar ou do ar. Porém, mais adiante, nos versos seguintes 8-23 do mesmo *Hino*, são especificadas as únicas divindades que não são afetadas por esse doce desejo incitado pela deusa:

[...] O da donzela de Zeus porta-égide, Atena glaucópida, pois não se apraz com os feitos da pluridourada Afrodite. [...] Ártemis de áureos projéteis, de graves barulhos, tampouco pode Afrodite amadora do riso domar na paixão. [...] Nem para a augusta donzela compraz o labor de Afrodite, Héstia, que Crono de curvo pensar engendrou por primeiro, Sendo a mais nova também por vontade do egífero Zeus.<sup>17</sup> (ANTUNES, 2015)

Atena, Ártemis e Héstia são as deusas que escapam desse maravilhoso e magnífico poder de Afrodite. Ao explicitar que essas três divindades

---

<sup>15</sup> Μούσα, ξαναπες μου τα κατορθώματα της πολύχρυσης Αφροδίτης, Κύπρις, αυτή που υποκινεί στους θεούς τον γλυκό πόθο  
Και έχει κυριαρχία στις φυλές των ανθρώπων όλων των θνητών  
Και για τα φτερωτά πουλιά και κάθε είδους άγρια ζώα,  
Τόσο εκείνοι που ζουν στη στεριά όσο και εκείνοι που τρέφονται στη θάλασσα:  
Όλοι τους ασχολούνται με τα πεπραγμένα της καλά εκτοξευμένης.

<sup>16</sup> Nas citações do Hino Homérico V, usamos a seguinte versão: ANTUNES, Leonardo. Hino Homérico 5, a Afrodite. Neolympikai, 2014. Disponível em: <http://neolympikai.blogspot.com/2014/05/hino-homerico-5-afrodite.html?m=1>. Acesso em: 03 abr. 2022.

<sup>17</sup> [...] Αυτή της αιγίδας υπηρέτριας του Δία, Αθηνάς γλαυκοπίδας, γιατί δεν την ευχαριστούν τα κατορθώματα της πολύχρυσης Αφροδίτης.  
[...] Η Άρτεμη των χρυσών βλημάτων, των σοβαρών θορύβων, ούτε η Αφροδίτη, ερασιπέχνης του γέλιου, μπορεί να δαμάσει στο πάθος. [...] Ούτε η αυγουσιάτικη κοπέλα δεν ευχαριστεί το έργο της Αφροδίτης, η Εστία, την οποία ο Κρόνος της καμπύλης σκέψης γέννησε πρώτος, Όντας ο νεότερος και από τη θέληση του αιγόφερτου Δία.

são as únicas capazes de ficarem, de certa forma, “imunes” aos encantos da deusa do amor, o poeta enfatiza que todo e qualquer outro deus ou mortal está submetido ao poder avassalador da Citéria.

A ampla gama de textos e referências sobre Afrodite permitem acesso ao cosmos que a engloba e as diversas formas que ela vem sendo representada ao longo do tempo. Com Empédocles, a reencontramos como uma expressão fundamental de *Philotes*, e podemos declarar que, para o filósofo de Agrigento, a deusa é responsável pela formação e organização dos seres vivos, o que evidencia uma forte pervivência do fundo mítico tradicional, embora em outra chave.

Podemos também dizer que, para Empédocles, o amor é presente em nós através das formas dadas às criaturas por Afrodite. Os seres mortais são formados a partir das raízes – terra, ar, água e fogo –, com mediação dos movimentos operados por *Philotes*, ou Afrodite, e *Neikos*. A ação de *Philotes* une raízes diferentes, e assim, formam-se as coisas particulares, bem como a estrutura de todo o cosmos. Por sua vez, *Neikos* separa esses elementos, desagregando estrutura. Mas, segundo Primavesi (2016, p.5), embora a função de *Neikos* seja a de dissolver as combinações de diferentes elementos, tanto *Philotes* quanto *Neikos* têm sua parte na composição do cosmos.

Seja como for, da análise dos versos, resulta que o filósofo de Agrigento parece ter realizado não só uma associação divina de *Neikos* com a deusa Éris<sup>18</sup> (DK 31 B 20,4; DK 31 B 122,2), que nos escritos gregos é conhecida como a deusa da discórdia, mas também, no fragmento DK 31 B 128,

---

<sup>18</sup> A deusa em tudo o que toca ou participa, inevitavelmente gera antagonismo, confronto, disputa, ódio, violência e destruição. Hesíodo, em sua Teogonia aponta a entidade como filha sem pai de Nix, a Noite. Nesse caso, ela seria irmã de Thanatos, a Morte, Hypnos, o Sono, além de muitos outros. Já Homero, aponta Hera e Zeus como pais da deusa. No caso, não de forma concreta, mas apenas destaca Éris como “irmã” de Ares, o deus da guerra. Como Ares era filho de Zeus e Hera, subentende-se sua linhagem.

estabeleceu relações de *Neikos* com: Kydoimos, personificação da desordem (HOMERO, *Iliada*, 18, v. 535); Ares, deus da guerra sangrenta (HESÍODO, *Teogonia*, v.922); Zeus, porta égide pai dos deuses e dos homens (HESÍODO, *Teogonia*, v.11); Cronos de curvo pensar (HESÍODO, *Teogonia*, v.427); Poseidon, deus dos mares e oceanos (HESÍODO, *Teogonia*, v. 426); todos em oposição a *Philotes* que, frequentemente expressada pelo nome da deusa Afrodite, ou ainda Cípris, como podemos conferir nos versos 23 e 24 do fragmento DK 31 B 17 (SIMPLÍCIO, *Física*, 157): “[...] por eles pensam (coisas) de amor e obras ajustadas fazem, de Alegria chamando-a pelo nome, e de Afrodite”<sup>19</sup>. E no fragmento DK 31 B 73 (SIMPLÍCIO, *Do céu*, 530, 8): “E como outrora Cípris a terra quando a molhou em chuva, formas diligenciando a rápido fogo deu para firmar [...]”<sup>20</sup>.

Retomando os versos 195-6 da *Teogonia*, nos quais Hesíodo descreve o momento em que a relva crescia ao redor dos pés de Afrodite, ao chegar à ilha de Citera, destacamos como notável a atribuição, à deusa, do nascimento e crescimento de flores, plantas e a árvores. Talvez seja possível estabelecer uma relação entre esses versos da *Teogonia* com o testemunho de Aécio (DK 31 A 70) em que de acordo com Empédocles as árvores foram as primeiras coisas vivas a brotarem da terra. DK 31 A 70:

Empédocles diz que as árvores foram os primeiros animais a crescer da terra, antes que o sol se desdobrasse em torno dela e antes que a noite e o dia fossem separados; devido à simetria de sua mistura, eles incluem a natureza [logos] do masculino e do feminino. (AÉCIO, *Dox.Gr.*, 406 apud INWOOD, 2001, p. 186).<sup>21</sup>

<sup>19</sup> τῆ τε φίλα φρονέουσι καὶ ἄρθμια ἔργα τελοῦσι,  
Γηθοσύνην καλέοντες ἐπώνυμοι ἤδ' «Ἀφροδίτην»

<sup>20</sup> ὡς δέ τότε χθόνα Κύπρις, ἐπεὶ τ' ἔδιηεν ἐν ὄμβρῳ,  
εἶδεα πομπνῦουσα θοῷ πυρὶ δῶκε κρατῦναι

<sup>21</sup> “Empedocles says that trees were the first animals to grow up from the earth, before the sun

Podemos corroborar essa afirmação com o fragmento DK 31 B 79, transmitido por Aristóteles: “E assim põe ovos primeiro as grandes oliveiras...”<sup>22</sup> (*Da Geração dos Animais*, I, 23. 731 a 1.) Segundo Pereira (2019, p.253), “as árvores são os seres vivos mais próximos de *Philotes* e as mais diletas súditas de Afrodite”.

Empédocles propôs, pela primeira vez, a influente teoria das quatro raízes (água, terra, ar e fogo), segundo Aristóteles: “Empédocles foi o primeiro a dizer que os elementos de natureza material são quatro em número” (*Metafísica* I 4, 985 a 29-33)<sup>23</sup> e a introduziu *Philotes* e *Neikos* como princípios cósmicos do movimento:

[...] como era evidente na natureza a existência de coisas contrárias às boas, assim como a existência não só da ordem e beleza, mas também da desordem e feiura, e a existência de males mais numerosos do que os bens, e coisas feias em maior número do que belas, houve outro pensador que introduziu a Amizade e a Discórdia como causas, respectivamente, desses contrários.<sup>24</sup> (*Metafísica* I 4, 984 b 32-985 a 4)

Essa alternância, registrada por Aristóteles em chave ética, parece levar às combinações dos elementos que produzem o mundo fenomênico enquanto fase, entre a mistura completamente homogênea dos elementos em uma esfera sob ação de *Philotes* e a completa separação dos mesmos sob ação de *Neikos*. A função de *Philotes*, no mundo fenomênico, seria, então,

---

was unfolded around it and before night and day were separated; because of the symmetry of their blend they include the nature [logos] of male and female.”

<sup>22</sup> οὕτω δ' φωτοκεῖ μακρὰ δένδρεά πρώτων ἑλαίας.

<sup>23</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Texto grego com tradução de Giovanni Reale. Trad. Marcelo Perine. Vol II. São Paulo: Loyola, 2001.

<sup>24</sup> πρὶ δὲ καὶ τάναντία τοῖς ἀγαθοῖς ἐνόητα ἐφαίνετο ἐν τῇ φύσει, καὶ οὐ μόνον τάξις καὶ τὸ καλὸν ἀλλὰ καὶ ἀταξία καὶ τὸ αἰσχρὸν, καὶ πλείω τὰ κακὰ τῶν ἀγαθῶν καὶ τὰ φαῦλα τῶν καλῶν, οὕτως ἄλλος τις φιλίαν εἰσήνεγκε καὶ νεῖκος, ἐκάτερον ἐκατέρων αἴτιον τούτων.

combinar diferentes elementos ou pequenas porções de elementos, como é dito no fragmento DK 31 B 35.4-6: “[...] e que em pleno torvelhinho Amizade fica, nela todas estas (coisas) convergem a ser um só, não de vez, mas queridas compondo-se uma de cada canto.”<sup>25</sup> Ao misturar os elementos, *Philotes* forma coisas vivas e convence as raízes a se misturarem entre si, de boa vontade (CURD, 2016, p.66).

Patricia Curd se utiliza do termo “força criativa” (“*creative force*”) para definir *Philotes*, no sentido de que é o amor que combina ingredientes diferentes na formação de ossos ou carne, ou reúne animais para produzir outros (CURD, 2016, p.70). Então, para Empédocles, é *Philotes* que mistura e combina as raízes para formar a imensidade de criaturas mortais que nós conhecemos. Em vários versos Empédocles invoca a imagem de *Philotes-Afrodite* como esse poder criativo (DK 31 B 17,24; DK 31 B 22,5; DK 31 B 66; DK 31 B 71; DK 31 B 87), que também atende pelo nome de Harmonia (DK 31 B 23,4; DK 31 B 27,3; DK 31 B 96; DK 31 B 122,2), mais um heterônimo empregado por Empédocles para designar um de seus poderes motores (AFONASINA, 2012, p.66), que é *Philotes*.

Nota-se que, ao abordarmos a filosofia empedocliana, mesmo que o foco seja voltado para a atuação de *Philotes* nos seres organizados, é preciso citar e explicitar a função de *Neikos* na alternância da regência dos elementos-raízes, apesar de a complexidade da ação de *Philotes-Afrodite* ser muito maior, comparada à ação de *Neikos*, visto que a atividade de Afrodite, inclui modelar todas as estruturas detalhadas de corpos vivos, de acordo com seu aparente desejo de preservá-los como indivíduos e como espécies (BUTLER, 2018)<sup>26</sup>.

<sup>25</sup> δίνης, εν δέ μέση φιλότης στροφάλιγγι γένηται,  
έν τή δή τάδε πάντα συνέρχεται έν μόνον είναι, ούκ άφαρ,  
άλλά θελημά συνιστάμεν' άλλοθεν άλλα.

<sup>26</sup> BUTLER, Edward, P. Perceiving Aphrodite: Empedoclean Metaphysics. *Walking the Worlds*,



## 2. EXPRESSÕES DE PHILOTES NA FASE MUNDANA DO CICLO

Foi dito que Empédocles cita em seus fragmentos uma série de figuras divinas que estão inseridas no campo poético de Homero e Hesíodo. *Philotes* corresponde a Afrodite, a deusa que articula a vida. Ela parece ser a divindade por excelência, personificação simbólica do poder divino, o único princípio de tudo que une, que une e que cria inúmeros vínculos entre os seres. Contudo, a deusa não é a única “expressão de *Philotes* na fase mundana do ciclo cósmico” (PEREIRA, 2019). Harmonia, Alegria, Cípris, são algumas das expressões que podem ser encontradas nos fragmentos do filósofo de Agrigento. Tais fragmentos com as expressões de *Philotes* podem ser conferidos no quadro abaixo:

Harmonia (Ἄρμονιή)	DK 31 B 23,4; DK 31 B 27,3; DK 31 B 96; DK 31 B 122,2
Alegria (Γηθοσύνην)	DK 31 B 17,24; DK 31 B 27;
Cípris (Κύπρις)	DK 31 B 73; DK 31 B 75; DK 31 B 95; DK 31 B 98; DK 31 B 128,3;
Afrodite (Ἀφροδίτη)	DK 31 B 17,24; DK 31 B 22,5; DK 31 B 66; DK 31 B 71; DK 31 B 86; DK 31 B 87;

Agora, reunamos subsídios para pensar sobre possíveis sentidos de cada um desses nomes-expressões de *Philotes*.

### 2.1. HARMONIA (ΑΡΜΟΝΙΑ)

Começaremos por Harmonia, segundo a mitologia grega. Essa deusa aparece no *Hino Homérico a Apolo* e na *Teogonia* hesiódica, como uma

---

v.4, n.2, 2018, p. 40-53.

antiga divindade beócia que, provavelmente, foi superada por Afrodite (CUNHA,1998, p.182). Harmonia compartilhava da maior parte das atribuições da nova deusa estrangeira, e ela não desapareceu, mas passou a integrar o cortejo de Afrodite como figura menor, o que podemos conferir no *Hino Homérico III*, a Apolo, versos 194-199:

[...] Graças de belos cabelos, então, com as álacres Horas, Hebe, Harmonia e também com a filha de Zeus, Afrodite, Dançam reciprocamente seguras com mãos em seus pulsos junto em seu meio alguém canta, não sendo nem fraca nem feia, Mas muito grande de ver e espantosa na sua feitura, Ártemis, hábil flecheira, criada contígua de Apolo.<sup>27</sup> (ANTUNES, 2015)

As Musas cantam ao som da cítara de Apolo. O deus toca e dança, pisando alto e soltando faíscas de seus pés. Tudo brilha ao seu redor. Harmonia dança em um círculo, de mãos dadas com as Graças, as Horas, Hebe e Afrodite. Com elas, mas não no mesmo coro, Ártemis canta, enquanto Ares e Hermes dançam à parte. Harmonia é filha de Ares e Afrodite na *Teogonia* (v. 937) e, como filha de Afrodite, presidia a harmonia conjugal, suavizando o conflito e a discórdia. Como filha de Ares, representava a ação harmoniosa na guerra. Harmonia foi representada também como uma divindade alegórica, presidindo a harmonia cósmica e participando do cortejo de Afrodite, como já dito acima. Como agente ou auxiliar de sua mãe, Harmonia incorpora um princípio de união ou de amor. Acreditamos que foi a partir do mito da

---

<sup>27</sup> [...] Χάριτες ξανθών μαλλιών, λοιπόν, με τις χαρμόσυνες Ὁρες, Ἡ Ἥβη, ἡ Ἀρμονία καὶ ἐπίσης με τὴν κόρη τοῦ Δία, τὴν Ἀφροδίτη, Χορεύουν ὁ ἓνας τὸν ἄλλον κρατώντας τὰ χέρια στους καρπούς τους μαζί, ἐνῶ κάποιος τραγουδάει, οὔτε ἀδύναμος οὔτε ἀσχημος, Ἀλλὰ πολὺ μεγάλο καὶ εκπληκτικὸ σὴν κατασκευὴ τοῦ, Ἄρτεμις, δεξιότηχνης τοξότης, δούλη συνεχόμενη τοῦ Ἀπόλλωνα.

deusa que Empédocles desenvolveu mais essa expressão de *Philotes*, que podemos encontrar em pelo menos quatro fragmentos do filósofo, transmitidos por Simplício em seus comentários à *Física* de Aristóteles. Simplício comenta que Harmonia é outro nome para *Philotes*-Afrodite “a artesã das coisas vivas e de suas partes” (CUNHA, 1999, p.183), como neste grupo de versos:

Como quando pintores quadros votivos pintam coloridos,  
homens em arte bem entendidos por seu talento,  
os quais quando tomam em mãos pigmentos multicores,  
em harmonia tendo misturado uns mais e outros menos,  
deles formas a todas (as coisas) semelhantes produzem,  
árvores estatuindo e também homens e mulheres,  
e feras e pássaros e peixes que se criam n’água,  
e mesmo deuses de longa vida e em honra supremos;  
assim não te vença engano (com) o senso de que outra é  
de mortais (coisas) a fonte, quantas infinitas se mostraram,  
mas claramente sabe isto, de um deus (o) mito tendo ouvido.<sup>28</sup>

No fragmento acima, DK 31 B 23<sup>29</sup>, podemos perceber a relação de analogia que Empédocles estabelece entre a geração dos seres vivos (árvores, homens, mulheres, feras, pássaros e peixes), a partir das quatro raízes, e a arte da pintura, cujas produções resultam da mistura de um número

---

<sup>28</sup> ὡς δ' ὀπότεν γραφέες ἀναθήματα ποικίλλωσιν,  
άνερες ἀμφί τέχνης ὑπό μήπιος εὐ δεδάωτε,  
οἱ τ' ἐπεὶ οὖν μάρμωσι πολύχροα φάρμακα χερσίν,  
ἀρμονίη μίζαντε τά μὲν πλέω, ἀλλὰ δ' ἐλάσσω,  
ἐκ τῶν εἶδεα πάσιν ἀλίγκια πορσύνουσι,  
δένδρεά τε κτίζοντε καὶ άνέρας ἠδέ γυναίκας,  
θήράς τ' οἰωνούς τε καὶ ὕδατοθρέμμονας ἰχθύς,  
καὶ τ ε θεοῦς δολιχαίωνας τιμήσι φερίστους'  
οὔτω μή σ' ἀπάτη φρένα καινύτω ἄλλοθεν εἶναι  
θνητῶν, ὄσσα γε δῆλα ἴγεγάσιν} ἄσπετα, πηγῆν,  
ἀλλά τορῶς' ταῦτ' ἴσθι, θεοῦ πάρα μῦθον ἀκουσας.

<sup>29</sup> Em todas as citações dos fragmentos de Empédocles, servimo-nos da tradução de José Cavalcante de Souza, em: *FILÓSOFOS PRÉ-SOCRÁTICOS*. Trad. José Cavalcante de Souza, *et al.* São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).

limitado de pigmentos. Assim como o pintor utiliza de pigmentos para obter a arte desejada, a alternância entre as duas forças motivadoras resulta na geração de tudo, a partir da combinação das quatro raízes. Então, assim como quando os pintores conseguem representar tudo que sentem por meio de pigmentos de várias cores, Harmonia faz com que tudo neste mundo surja das quatro raízes.

Segundo Afonasina, é no fragmento DK 31 B 23 que Harmonia representa proporção, também mencionada no fragmento DK 31 B 96, que veremos mais adiante. Harmonia por vezes é heterônimo da deusa como em DK 31 B 96 e DK 31 B 122, mas, ao menos em um fragmento DK 31 B 23 é, no dizer de Afonasina, “instrumento nas mãos de Afrodite” (AFONASINA, 2012, p.72).

Avançamos então para a Harmonia do fragmento DK 31 B 27, preservado por Plutarco, em sua obra *Da Face da Lua*:

Ali nem de sol são distinguidos ágeis membros, nem tampouco  
de terra força hirsuta, nem mar;  
de tal modo em cerrado invólucro de Harmonia está fixado  
Esfero torneado, alegre em sua solidão circular<sup>30</sup>.

É Harmonia que mantém o *Sphairos* imóvel e uno, e a podemos considerar ainda como um princípio de coesão, aqui diretamente correspondente a *Philotes*, enquanto *Neikos*, o princípio oposto e complementar de separação, é descrito como sendo “destruidor, pernicioso e furioso” (DK 31 B 17,9; DK 31 B 19, DK 31 B 115,14). Segundo Wright (1981, p.186), o contexto de Plutarco define firmemente uma descrição dos quatro elementos completamente não misturados sob reinado de *Neikos*, antes de harmonizados pelo poder de

---

<sup>30</sup> οθής, χωρές τό βαρύ πάν καέ χωρίς πιθεές τό κοῦφον^ ένθ' οὐτ' ήελίοιο ἴδεδίπτεταιἰ άγαλόν είδος, οὐδέ μέν οὐδ' αἴης λάσιον μένος, οὐδέ θάλασσα

*Philotes*. Assim, por um processo regular, a consciência divina que era parcial e perturbada nos elementos, lançada no vórtice do *Philotes* e de *Neikos*, combina-se na unidade harmônica do *Sphairos*, o deus bem-aventurado que em paz reagrupa os espíritos inquietos do mundo (BIGNONE, 1963, p. 601).

A união de fogo, terra, água e ar no fragmento DK 31 B 96 de Empédocles também é obra de Harmonia:

Mas a terra amorosa em amplos recipientes,  
duas partes das oito recebeu de Nestis brilhante,  
e quatro de Hefesto; e os ossos brancos nasceram,  
pelo cimento de Harmonia divinamente ajustados.<sup>31</sup>

Este fragmento, transmitido por Simplicio, traz de volta a noção de proporção já citada no fragmento DK 31 B 23. Empédocles faz de *Neikos* e de *Philotes* as causas formais entre os princípios, de acordo com a proporção pela qual eles fizeram nascer todas as coisas. Assim, a carne e os ossos e cada uma das outras partes corpóreas são formadas em uma certa proporção, ou seja, graças a causas divinas *Philotes* e *Neikos* e, sobretudo, a *Philotes* ou Harmonia; porque as coisas são ajustadas por suas colas (BOLLACK, 1969, p.384), como podemos conferir no verso 4, de DK 31 B 96. Este fragmento descreve o trabalho de Harmonia relativamente à proporção de cada raiz para a formação dos ossos, o que se encaixa perfeitamente com o que é referido nas três primeiras linhas do fragmento, citadas com aprovação por Aristóteles (WRIGHT, 1981, p.209), em *Sobre a Alma* 410a 1-6: “Pois cada coisa não são os elementos em nenhuma condição antiga, mas em certa proporção e combinação, como Empédocles diz sobre o osso: (DK 31 96.1-

---

<sup>31</sup> ἡ δὲ χθων ἐπίηρος ἐν εὐστέρνοις χοάνοισι  
τῷ δὴ τῶν ὀκτῶ μερέων λάχε Νήσιτιδος αἴγλης,  
τέσσαρα δ' Ἡφαίστιοιο' τὰ δ' ὅστέα λευκὰ γένοντο,  
ἀρμονίης κόλλησιν ἀρηρότα θεσπεσ' ἰηθεν.

3)”. Isso por mostrar que não são os elementos-raízes de que algo é feito que conferem à coisa o seu caráter, isto é, a proporção de sua combinação. Estamos, portanto, diante de um fragmento fundamental para a descrição dos trabalhos de Afrodite. Leiamos, agora, o fragmento DK 31 B 122, transmitido por Plutarco, na obra *Da Tranquilidade da Alma* 15, 474 B:

Lá estavam Subterrâneas e Vista-de-Sol que ao longe vê,  
Batalha sanguinolenta e Harmonia de manso olhar, e Belíssima  
e Feia, Rápida e Demorada,  
Infalível amorosa e, de negras pupilas, Incerteza.<sup>32</sup>

Plutarco contrasta as personificações enquanto espécies de espíritos do bem e do mal que acompanham os homens ao longo da vida: batalha e Harmonia, belo e feio, rápido e demorado, *Philotes* e *Neikos*. Os membros de cada par, no entanto, não são todos opostos e vistos, obviamente, como bons e maus. Antes, é possível que se atraíam e complementem, um dependendo da existência do outro (WRIGHT, 1981, p. 280).

A artesã que vemos trabalhar em todos esses fragmentos é Afrodite, que combina os quatro elementos para construir as formas e cores de compostos temporários como podemos conferir em DK 31 B 71: “Mas se sobre estas (coisas) era falha tua certeza, como é que de água, de terra, de éter e de sol misturados nasceram formas e cores de mortais (coisas), tantas quantas agora existem conjugadas por Afrodite.”<sup>33</sup> (SIMPLÍCIO, *Do céu*, 529, p. 28).

---

<sup>32</sup> ἐνθ' ἦσαν Χθον'ιη τε καὶ Ἥλιόπη ταναώπις,  
Δήρ'ις θ' αἰματόεσσα καὶ Ἄρμονιή θεμερωπις,  
Καλλιστώ τ' Αἰσχροῖ τε, θόωσά τε  
Δηναίη τε, Νημερτής τ' ἑρόεσσα μελάγκουρός τ' Ἀσάφεια.

<sup>33</sup> εἰ δέ τί σοι περὶ τῶνδε λιπόζυλος ἐπλετο π'ίστις,  
πῶς ὕδατος γὰ'ιτης τε καὶ αἰθέρος ἡελίου τε  
κίρνομένων εἶδη τε γενοῖατο χροιά τε θνητῶν  
τόσσ' ὄσα νῦν γεγάασι συναρμοσθέντ' Ἀφροδίτη

Ora, todas as coisas que, tendo sido compostas por Afrodite, agora existem. Wright observa que o particípio “reforça a noção de que não se trata de uma mistura, mas de um ajuste das partes para fazer o todo” (1981, p. 280). O mesmo vale para o fragmento DK 31 B 23 onde não se trata de uma “mistura” de cores a fim de se obter, com Harmonia, diversas tonalidades, mas de uma justaposição de cores diferentes.

Do exposto, percebemos que a Harmonia é um dos conceitos centrais da filosofia do Agrigentino, pois abrange vários níveis da sua zoogonia. Assim, podemos dizer que a Harmonia se revela nas raízes-elementos, unindo-os como cola, tanto na fase mundana do ciclo, como na estruturação do todo uno, ou seja, do *Sphairos* (SOUZA, 2018).

## **2.2 ALEGRIA (ΓΗΘΟΣΥΝΗΗ)**

As três Graças são as divindades da beleza. São elas que espalham a alegria na natureza e no coração dos homens, e até no dos deuses. Moram no Olimpo, na companhia das Musas, com as quais as vezes fazem coros. Elas são representadas como três irmãs que têm os nomes de Eufrosina, Talia e Aglaia. Têm Zeus como pai, e como mãe Eurínome, filha de Oceano, “de cujos olhos brilhantes esparge-se o amor solta membros, e belo brilha o olhar sob os cílios” (HESÍODO, *Teogonia*, v. 910-911).

Atribui-se às Graças toda a espécie de influências nos trabalhos do espírito e nas obras de arte (RAGUSA, 2001, p.117). Elas emprestam sua graça e beleza a tudo o que deleita e eleva deuses e homens. Foram elas que teceram a veste de Harmonia. Acompanham de bom grado Atena, deusa da guerra astuciosa e da inteligência. Eram associadas à deusa Afrodite, fazendo parte de sua comitiva e acompanhando-a em todos os lugares (RAGUSA, 2001, p.117). Encontramos referência a Alegria nos fragmentos

de Empédocles, aqui retomando DK 31 B 27: “[...] Esfero torneado, alegre em sua solidão circular” (PLUTARCO, *Da Face da Lua*, 12, p.926 d). No mesmo sentido, o fragmento DK 31 B 28 “[...], Mas o de todo lado igual a si mesmo e todo infinito / Esfero torneado, alegre em sua solidão circular” (ESTOBEU, *Éclogas*, I, 15, 2 ab). Finalmente, temos o verso 24 do fragmento DK 31 B 17: “[...] por eles pensam (coisas) de amor e obras ajustadas fazem, de Alegria chamando-a pelo nome, e de Afrodite. [...]”<sup>34</sup> (SIMPLÍCIO, *Física*, 157).

Sob a influência de *Philotes*, os elementos-raízes se combinam em uma esfera homogênea (*Sphairos*), harmoniosa, resplandecente, alegre, unidos e ajustadas, enquanto na fase mundana, Alegria está associada ao pensamento e ao labor humano, no âmbito ético-amoroso de *Philotes*- Afrodite.

### 2.3 CÍPRIS (ΚΥΠΡΙΣ)

Eu cantarei a nativa de Chipre, Citéria, que aos homens  
Dá seus presentes gentis, com sorrisos no rosto adorável  
Sempre e adorável também sendo o brilho que cobre a sua tez.  
Salve, deidade, que tens Salamina bem-feita em tua guarda e  
Chipre banhada no mar! Para mim, dá uma amável canção!  
Ora de ti eu irei me lembrar e de uma outra canção! <sup>35</sup>  
(*Hino Homérico X*, a Afrodite.<sup>36</sup>)

Afrodite que surgiu “das ondas do mar”, tão logo nasceu, foi levada pelas ondas ou pelo vento Zéfiro para Citera e em seguida para Chipre, ter-

<sup>34</sup> τῆι τε φίλα φρονέουσι καὶ ἄρθμια ἔργα τελοῦσι

<sup>35</sup> υπρογενῆ Κυθέρειαν ἀείσομαι, ἦτε βροτοῖσι  
μείλιχα δῶρα δίδωσιν, ἐφ’ ἡμερτῶ δὲ προσώπῳ  
αἰεὶ μειδίαιε καὶ ἐφ’ ἡμερτὸν θέει ἄνθος.  
χαίρε, θεά, Σαλαμῖνος εὐκτιμένης μεδέουσα  
εἰναλίης τε Κύπρου: δὸς δ’ ἡμερόεσσαν ἀοιδῆν.  
αὐτὰρ ἐγὼ καὶ σεῖο καὶ ἄλλης μνήσομ’ ἀοιδῆς

<sup>36</sup> Tradução citada: ANTUNES, C. L. B. 26 *Hinos Homéricos. Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 15, p. 13-24, 2015. DOI: 10.11606/issn.2359-5388.i15p13-24. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/114362>. Acesso em: 20 dez. 2021.



ras consideradas como a pátria de Afrodite e que lhe deram os epítetos de Citeréia e Cípris, como podemos conferir retomando os versos 201-206 da *Teogonia* de Hesíodo:

[...] Afrodite Deusa nascida de espuma e bem-coroadada Citeréia  
apelidam homens e Deuses, porque da espuma  
criou-se e Citeréia porque tocou Citera,  
Cípris porque nasceu na undosa Chipre,  
e Amor-do-pênis porque saiu do pênis à luz.<sup>37</sup>

Afrodite, a áurea deusa *Cípris*, assim como aquilo a que denominamos “amor”, tem múltiplas faces, desde a mais suave até a mais ameaçadora. Segundo Hesíodo<sup>38</sup> (*Teogonia*, v. 209-211) são essas as honrarias da deusa:

[...] Esta honra tem dês o começo e na partilha  
coube-lhe entre homens e Deuses imortais  
as conversas de moças, os sorrisos, os enganãos,  
o doce gozo, o amor e a meiguice.<sup>39</sup>

No fragmento DK 31 B 73, cuja fonte é Simplicio, encontramos a primeira referência a Cípris nos fragmentos de Empédocles: “E como outrora Cípris a terra, quando a molhou em chuva, formas diligenciando, ao rápido fogo deu para firmar.”<sup>40</sup>

---

<sup>37</sup> Τῆ δ' Ἔρος ὠμάρτησε καὶ Ἴμερος ἔσπετο καλὸς  
γεινομένη τὰ πρῶτα θεῶν τ' ἔς φύλον ἰούση.  
Ταύτην δ' ἔξ ἀρχῆς τιμὴν ἔχει ἠδὲ λέλογχε  
μοῖραν ἐν ἀνθρώποισι καὶ ἀθανάτοισι θεοῖσι,  
Παρθενίους τ' ὄαρους μειδήματά τ' ἔξαπτάς τε  
τέρψιν τε γλυκερὴν φιλότητά τε μελιχίην τε.

<sup>38</sup> HESÍODO. *Teogonia*: a origem dos deuses. Estudo e Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2007.

<sup>39</sup> φάσκε δὲ πταίνοντας ἀτασθαλίη μέγα ῥέξαι

ἔργον, τοῖο δ' ἔπειτα τίσιν μετόπισθεν ἔσεσθαι. Νύξ δ' ἔτεκεν στυγερόν τε Μόρον καὶ Κῆρα μέλαιναν

<sup>40</sup> ὡς δὲ τότε χθόνα Κύπρις, ἐπεὶ τ' ἐδίηεν ἐν ὄμβρῳ,  
εἶδεα ποινῆουσα θοῷ πυρὶ δῶκε κρατῦναι

O fragmento é citado por Simplício, junto com DK 31 B 71, DK 31 B 75, DK 31 B 86, DK 31 B 87, DK 31 B 95 – e todos mencionam *Philotes*-Afrodite-Cípris como artesã responsável pelas formas de vida e suas partes. Simplício acrescenta que Empédocles está falando sobre o cosmos.

A linguagem de DK 31 B 73 é a do oleiro e suas formas de barro, ume-dicidas e depois queimadas (WRIGHT, 1981, 233). Acreditamos que Afrodite ocupa o papel de Zeus Cronida, do soberano de Olimpo e criador dos fenômenos naturais. Ora, Empédocles diz isso claramente nos versos iniciais do fragmento DK 31 B 128, cuja fonte é Porfírio (*Da Abstinência*, II, 20):

Nem para aqueles era algum deus Ares, nem Kydoimos, nem Zeus soberano, nem Cronos, nem Posidão, mas Cipris, rainha [...]

Esta com piedosas oferendas propiciavam, com pinturas de animais e perfumes de rica fragância, com oblações de mirra pura e de incenso perfumado, libações de mel dourado derramando sobre o solo; e com puro sangue de touros não se aspergia altar, mas isto era uma mácula, a maior entre homens, arrancar uma vida e devorar nobres membros.<sup>41</sup>

Nos versos 1 e 2, *Neikos* teria um fio condutor com todas as divindades nomeadas. Para M. R. Wright, (1981, p.282), a ligação de Cípris com

---

<sup>41</sup> ουδέ τις ἦν κείνοισιν Ἄρης θεός οὐδέ Κυδοιμός  
οὐδέ Zeus βασιλεύς οὐδέ Κρόνος οὐδέ Ποσειδών,  
ἀλλά Κύπρις βασιλεία,  
ἢ ἔστιν ἢ φιλία'  
τῆν οἱ γ' εὐσεβέεσσιν ἀγάλμασιν ἰλάσκοντο  
γραπτοῖς τε ζφροισι μύροισι τε δαιδαλεόδομοις  
σμίρνης τ' ἀκρήτου θυσίαις λιβάνου τε θυώδους,  
ξανθῶν τε σπονδάς μελίτων ρίπτοντες ἔς οὐδας,  
ἄπερ καί νῦν ἐπι σφζεται παρ' ἐνίοις οἶον ἴχνη τινά τῆς ἀληθείας ὄντα,  
ταύρων δ' Χάκρ'ιτοισιΧ φόνους οὐ δεύετο βωμός,  
ἀλλά μύσος τοῦτ' ἔσκεν ἐν ἀνθρώποισι μέγιστον,  
θυμόν ἀπορραΐσαντας ἐέδμεναι ἡέα γυῖα

*Philotes* é clara, ao serem oferecidos à deusa, que era considerada como padroeira das criaturas, quando todas viviam sob a influência da amizade, perfumes, incenso, mirra e mel (WRIGHT, 1981, p.283), ofertas sem sangue, pertencentes ao início da história da humanidade. Era “quando” *Philotes* controlava tudo, e ninguém matava nenhum animal, na crença de que os outros animais são nossos parentes. Mas quando Ares e Kydoimos e todos os tipos de batalha e o início das guerras tomaram o controle, então pela primeira vez ninguém poupou nenhum de seus parentes (INWOOD, 2001, p.146).

Recordamos aqui que Empédocles afirma que *Philotes*, ou seja, Amor/Amizade, e não Cronos, foi originalmente a divindade suprema (KRS, 1983, p. 334). A negação do reinado de Cronos, segundo Wright (1981, p.283), se dá em contraste com o reinado da Idade de Ouro de Hesíodo<sup>42</sup>. Neste período, os sacrifícios eram realizados com animais, o que Empédocles considera como um assassinato de seus próprios parentes como podemos conferir em DK 31 B 136: “Não ireis parar com matança de sinistros ecos? Não vedes que uns aos outros vos devorais em desmazelos de mente?”<sup>43</sup> Também em DK 31 B 137, lemos:

De forma mudado o próprio filho o pai, erguendo-o,  
degola fazendo uma prece, grande tolo; e se perturbam  
o suplicante sacrificando; e surdo aos próprios clamores,  
feita a degola, prepara em casa infame festim.  
E assim mesmo o filho agarra o pai e as crianças a mãe,

---

<sup>42</sup> O termo idade de ouro, vem da mitologia grega, sendo descrita na obra *Os Trabalhos e os Dias*, de Hesíodo. Refere-se ao mais antigo período da mitologia grega, que divide a evolução da espécie humana em cinco períodos: Idade de Ouro; Idade de Prata; Idade de Bronze; idade heroica; e Idade de Ferro. Na mitologia grega clássica, a Idade de Ouro foi presidida pelo Titã Cronos.

<sup>43</sup> οὐ παύσεσθε φόνοιον δυσηχέος; οὐκ έσοράτε  
άλλήλους δάπποντες άκηδέ'ιησι νόοιο

e a vida lhes arrancando, as próprias carnes devoram.<sup>44</sup>  
(SEXTO EMPÍRICO, IX, 127)

Os fragmentos DK 31 B136 e DK 31 B 137 nos revelam o horror ao deramamento de sangue e ao consumo de carne, pois se seguirmos realmente a teoria de Empédocles, aos matarmos um animal, podemos estar a matar nosso filho ou nosso próprio pai, o que é bem visível analisando o segundo verso de DK 31 B 136, no qual se pressupõe que Empédocles está a fazer uma súplica para que as pessoas percebam que estão devorando uns aos outros. O mesmo apelo se encontra nos primeiros versos de DK 31 B 137, onde Empédocles descreve o sacrifício de um animal, como se fosse um pai matando seu próprio filho.

Empédocles descreve os sacrifícios tradicionais, que seriam, segundo ele, ocasiões em que as pessoas se arvoravam em matar e alimentar-se com as carnes dos sacrifícios. Todo sacrifício é divino, isto é, uma atividade realizada em honra aos deuses, mas para agradar aos deuses, sendo Empédocles um cultor de *Philotes* e Afrodite (PEREIRA, 2017, p. 244) – cf. DK 31 B 128 a referência à deusa Cípris como “rainha”, que corresponde, como já mostramos no tópico anterior, a Afrodite nos fragmentos e nos poemas hesiódicos –, as oferendas não poderiam ser realizadas com sangue. Antes, eram ofertadas presumivelmente representações da deusa, ou para a deusa, como se nota na descrição de pinturas de figuras de animais (afinal, Cípris é a padroeira das criaturas vivas), perfumes, incenso e mirra e mel (WRIGHT, 1981, p.283). Ora, como já é sabido por nós, segundo Empédocles, nem Ares, nem

---

<sup>44</sup> μορφήν δ' ἀλλάξαντα πατήρ φίλον υἰόν ἀεΐρας  
σφάζει ἐπευχόμενος μέγα νήπιος Χοῖ δ' ἔ πορευῦνταιΧ  
λισσόμενον θύοντες' Χό δ' ἀνήκουστοςΧ ὀμοκλέων  
σφάξας ἐν μεγάροισι κακὴν ἀλεγύνατο δαίτα.  
ὥς δ' αὖτως πατέρ' υἱός ἐλών καί μητέρα παῖδες  
θυμὸν ἀπορραΐσαντε φ'ίλας κατὰ σάρκας ἔδουσι

Zeus, nem Poseídon, nem Cronos eram deuses para os humanos, mas apenas “Cípris, rainha”. Cípris-Afrodite é, em suma, a que preside e mantém coesas as formas de vida.

## 2.4 AFRODITE (ΑΦΡΟΔΙΤΗ)

*Philotes* é aquela força interna que, nos próprios elementos-raízes, atua na união, no nascimento de novas combinações, é justo dar-lhe o seu nome tradicional e popular de Afrodite, embora os mortais possam ter uma imagem incompleta e mutilada dela. Afrodite é deslumbrante, os homens a contemplam deslumbrados, como que se fascinados por sua luz. Empédocles revela aos homens o bem de *Philotes*, de amor, de afeto. Ela faz a vida florescer das entranhas da terra, ela é a personificação dos poderes geradores da natureza e a mãe de todos os seres vivos. Dessa forma, sendo popularmente conhecida como a deusa do amor, que excitava a paixão nos corações de deuses e homens, e por deter esse poder, governa sobre toda a criação viva. Nos versos 20-26 de DK 31 B 17, transmitidos por Simplício, podemos encontrar a primeira referência de *Philotes* com o nome da deusa Afrodite:

[...] e Amizade dentro deles, igual em comprimento e largura;  
contempla-a co’ a mente, e com os olhos não te sentes pasmo;  
ela entre mortais se considera implantada em seus membros,  
por eles pensam (coisas) de amor e obras ajustadas fazem,  
de Alegria chamando-a pelo nome, e de Afrodite.  
Ela por entre eles se enrolando não a viu nenhum  
mortal; mas tu ouve do discurso a sequência não enganosa.<sup>45</sup>

---

<sup>45</sup> και φιλόττης έν τοΐσιν, ίση μήκος τε πλάτος τε  
τήν συ νόφ δέρκευ, μηδ’ όμμασιν ήσο τεθηπώς  
ήτις και θνητοΐσι νομίζεται έμφυτος άρθροις,

Aqui, Empédocles, especificamente afirma que *Philotes* não é para se ver com os olhos, mas sim que a nossa consciência sobre ela provém das nossas próprias experiências de atração, combinadas com nossos poderes de entendimento (CURD, 2016, p.72). Podemos afirmar que DK 31 B 17 é um fragmento essencial para explicar a filosofia de Empédocles e, ademais, que nos dá sinais claros da admiração do nosso filósofo-poeta pela deusa. De seu teor é possível depreender que, para Empédocles, *Philotes* está presente em nós através das formas dadas às criaturas por Afrodite.

Já o fragmento DK 31 B 22 pode nos sugerir que toda a atração, quer de semelhantes quer de dessemelhantes, é realizada por Afrodite: “[...] E assim mesmo quantas em mistura melhor se correspondem, umas às outras se amam, semelhadas por Afrodite.”<sup>46</sup> (SIMPLÍCIO, 160, 26). Afrodite traz partes separadas das raízes em misturas as adequando em proporções (WRIGHT, 1981, p.192), como vimos rapidamente em DK 31 B 96, no qual as misturas se ajustam à maneira da atração que provoca a união sexual.

Os detalhes de “moldar”, “colar” e “pregar” as peças em inteiros são apresentados no fragmento DK 31 B 71, em que Empédocles descreve como Afrodite encaixa uma mistura de elementos com o objetivo de criar os mortais: “Mas se sobre estas (coisas) era falha tua certeza, como é que de água, de terra, de éter e de sol misturados nasceram formas e cores de

---

τή τε φίλα φρονέουσι και ἄρθμια ἔργα τελοῦσι,  
Γηθοσύνην καλέοντες ἐπώνυμου ἡδ' Ἀφροδίτην  
τήν οὐ τις μετά τοῖσιν ἐλισσομένην δεδάηκε  
θνητός ἀνήρ' συ δ' ἀκουε λόγου στόλου οὐκ ἀπατηλόν.

<sup>46</sup> ἀλλήλοισ εστερκται ὁμοιωθέντ' Αφροδίτη"  
ἐχθρα μάλιστ' (ὄσα) πλείστον ἀπ' ἀλλήλων διέχουσι  
γέννη τε κρήσει τε και εἶδεσιν ἐκμακτοῖσι,  
πάντη συγγίγνεσθαι ἀήθεα και μάλα λυγρά  
ΧνικεογεννέστησινΧ ὅτι σφισι Χγένναν ὄργα

mortais (coisas), tantas quantas agora existem conjugadas por Afrodite...”<sup>47</sup> (SIMPLÍCIO, *Do céu*, 529, 28).

Segundo Wright (1981, p.221), é nos fragmentos DK 31 B 71, DK 31 B 86, DK 31 B 87 e DK 31 B 95, todos preservados por Simplício, que Empédocles esclarece o princípio geral do trabalho de Afrodite neste mundo, o qual consiste em produzir a variedade da vida como a conhecemos, a partir das combinações das quatro raízes-elementos.

## REFERÊNCIAS

### FONTES

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Texto grego com tradução de Giovanni Reale. Trad. Marcelo Perine. Vol II. São Paulo: Loyola, 2001.
- HESÍODO. *Teogonia*. Trad. Jaa Torrano. 3 ed. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- HOMERO. *Ilíada*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- HOMERO. *Odisséia*. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Hedra, 2011.
- LAÉRTIOS, Diógenes. *Vida e Doutrina dos Filósofos Ilustres*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da UNB, 1988.
- SOUZA, José Cavalcante. (org. e trad.). *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1973.

---

<sup>47</sup> εἰ δὲ τί σοι περὶ τῶνδε λιπόζυλος ἐπλετο πισις,  
πῶς ὕδατος γαιιτης τε και αιθέρος ἡελίου τε  
κιρνομένων εἶδη τε γενοῖατο χροιά τε θνητῶν  
τόσσ᾽ ὄσα νῦν γεγάασι συναρμωσθέντ᾽ Αφροδίτη

**BIBLIOGRAFIA**

- AFONASINA, Anna S. (ΑΦΟΗΑΣΙΗΑ, Анна, Сергеевна). The birth of harmony out of the spirit of tekhe. *ΣΧΟΛΗ*, v. 6, n. 1, 2012, p. 68-75.
- ANTUNES, C. L. B. 26 Hinos Homéricos. *Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 15, p. 13- 24, 2015. DOI: 10.11606/issn.2359-5388.i15p13-24. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/114362>. Acesso em: 20 dez. 2021.
- ANTUNES, Leonardo. *Hino Homérico 3*, a Apolo. *Neolympikai*, 2017. Disponível em: <http://neolympikai.blogspot.com/2017/01/hino-homerico-3-vv-1-178-apollo-delio.html?m=1>. Acesso em: 03 abr. 2022.
- ANTUNES, Leonardo. *Hino Homérico 5*, a Afrodite. *Neolympikai*, 2014. Disponível em: <http://neolympikai.blogspot.com/2014/05/hino-homerico-5-afrodite.html?m=1>. Acesso em: 03 abr. 2022.
- BERNABÉ, Alberto. *Platão e o Orfismo: Diálogos entre religião e filosofia*. São Paulo, Annablume, 2011.
- BIGNONE, Ettore. *Empedocle : Studio critico, traduzione e commento delle testimonianze e dei frammenti*. Turin: Fratelli Bocca, 1916.
- BOLLACK, Jean. *Empédocle*, 4 vols. Paris, 1965-1969.
- BURKERT, Walter. *A Criação do Sagrado*. Tradução de Vitor Silva. Lisboa: Edições 70, 1996.
- BURKERT, Walter. *A Religião Grega na Época Clássica e Arcaica*. Tradução de M.J. Simões Loureiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- BURKERT, Walter. *Antigos Cultos de Mistério*. Tradução de Denise Botman. São Paulo: EDUSP, 1991
- BURNET, John. *Early Greek Philosophy*. 3rd ed. London: A. and C. Black, 1920.
- BURNET, John. *O Despertar da Filosofia Grega*. Tradução de Mauro Gama. São Paulo: Siciliano, 1994.
- BURNS, Jonathan. *Os Filósofos Pré-Socráticos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.



- BUTLER, Edward, P. Perceiving Aphrodite: Empedoclean Metaphysics. *Walking the Worlds*, v.4, n.2, 2018, p. 40-53.
- CORNFORD, F.M. *Principium Sapientiae: as origens do pensamento filosófico grego*. Tradução de Maria Manuela Rocheta dos Santos. Prefácio de W. K. C Guthrie. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.
- CORRÊA, Paula da Cunha. *Harmonia: Mito e Música na Grécia Antiga*. São Paulo: Humanitas, 2003.
- CURD, Patricia. Powers, Structure, and Thought in Empedocles. *Rhizomata*, 4(1), 2016, p. 55-79.
- CURD, Patricia. Where Are Love and Strife? Incorporability in Empedocles. In: McCOY, Joe. (ed.) *Early Greek Philosophy*. The Presocratics and the Emergence of Reason. Washington, D.C.: The Catholic University of America Press, 2013. (Studies in Philosophy and the History of Philosophy vol 57.
- DETIENNE, Marcel. *Os Mestres da Verdade na Grécia Antiga*. Tradução de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- DIELS, Hermann. *Poetarum Philosophorum Fragmenta*. Berlin, 1901.
- DODDS, E.R. *Os Gregos e o Irracional*. Tradução de Paulo Domenech Oneto. São Paulo: Escuta, 2000.
- GAZZINELLI, Gabriela Guimarães (org.). *Fragmentos Órficos*. Tradução e organização. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2007. Revisão Técnica de Jacira de Freitas. Caracteres gregos e transliteração de Zélia de Almeida Cardoso. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- GUTHRIE. *Os Filósofos Gregos: de Tales a Aristóteles*. Tradução de Maria José Vaz Pinto. Lisboa: Editorial Presença, 1987.
- HADOT, Pierre. *O que é Filosofia Antiga*. Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- INWOOD, Brad. *The Poem of Empedocles*. (Revised Edition). Toronto: University of Toronto Press, 2001.
- KIRK, G.S, RAVEN, J.E e SCHOENFIELD. *Os Filósofos Pré Socráticos*. Tradução de Carlos Alberto L. Fonseca. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.

- LAKS, Andre. *Introdução à “Filosofia Pré-Socrática*. Tradução de Miriam Campolina Diniz Peixoto. São Paulo: Paulus, 2013.
- LAKS, André; MOST, Glenn W. (eds). *Early Greek Philosophy*. Volume I: Introductory and Reference Materials. Harvard: Harvard University Press, 2016. (Loeb Classical Library 524.)
- LAKS, André; MOST, Glenn W. (eds). *Early Greek Philosophy*. Volume V: Western Greek Thinkers, Part 2. Harvard: Harvard University Press, 2016. (Loeb Classical Library 528). (Empédocles: Capítulo 22, p. 317-733.)
- LONG, A. A. *Primórdios da Filosofia Grega*. Tradução de Paulo Ferreira. Aparecida, São Paulo: Idéias e Letras 2008.
- LAKS, André; MOST, Glenn W. *Les débuts de la philosophie: Des premiers poseurs grecs à Socrate*. Textes édités, réunis et traduits par André Laks et Glenn W. Most, avec la collaboration de Gérard Journée et David Lévy Stone. Paris: Fayard, 2016. (Empédocles: Capítulo 22, p. 659-819.)
- MARTIN, Alain; PRIMAVESI, Oliver. *L'Empédocle de Strasbourg*. (P. Strasb. Gr. Inv. 1665-1666). *Introduction, édition et commentaire*. Strasbourg: Bibliothèque Nationale et Universitaire de Strasbourg; Berlin / New York: Walter de Gruyter, 1999.
- MARTINICH, *Ensaio filosófico: o que é, como se faz*. Tradução de Adail U. Sobral. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.
- MCKIRAHAN, Richard. *A Filosofia Antes de Sócrates: uma introdução com textos e comentários*. Tradução de Eduarodo Wolf Pereira. São Paulo, 2013.
- OTTO, Walter. *Os Deuses da Grécia: a imagem do divino na visão do espírito grego*. Tradução de Ordep Serra. São Paulo: Odysseus, 2005.
- OTTO, Walter. *Teofania: o espírito da religião dos gregos antigos*. Tradução de Ordep Trindade Serra, São Paulo: Odysseus, 2006.
- PEREIRA, Ivanete. *Aspectos sagrados do mito e do lógos: poesia hesiódica e Filosofia de Empédocles*. 2. ed. São Paulo: EDUC – Editora da PUC/SP, 2006. v. 1. 176p .
- PEREIRA, Ivanete. Πιζώματα: Raízes na cosmologia de Empédocles / Ivanete Pereira. Guarulhos, 2019.

- PEREIRA, Ivanete. Sobre o estatuto das formas de vida no legado de Empédocles. *Perspectiva Filosófica*, vol. 49, n. 2, 2022, p. 298-317.
- PESSANHA, José Américo Mota. "Empédocles e a democracia". In: *Kleos Revista de Filosofia Antiga*. Rio de Janeiro, 1965.
- PRIMAVESI, Oliver. Empedocles' Cosmic Cycle and the Pythagorean Tetractys. *Rhizomata*, 4(1), 2016, p. 5-29.
- RAGUSA, Giuliana. *Da castração à formação: a gênese de Afrodite na Teogonia*. *Letras Clássicas*, (5), 109-130.
- REALE, Giovanni. *Os Pré-Socráticos e o Orfismo*. São Paulo, Edições Loyola, 2009.
- ROSSETI, Lívio. *Introdução à Filosofia Antiga: premissas filológicas e outras "ferramentas de trabalho"*. Tradução de Élcio de Gusmão Verçosa Filho. São Paulo: Paulus, 2006.
- SASSI, Maria Michela. *Os Inícios da Filosofia Grega*. Tradução de Dennys Garcia Xavier. São Paulo: Loyola, 2015.
- SEDLEY, D. Empedoclean Superorganisms. *Rhizomata*, v. 4, n. 1, p. 111-125. 2016. Também: SEDLEY, D. *Lucrecio and the transformation of Greek Wisdom* Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- VERNANT, Jean-Pierre e DETIENNE, Marcel. *Métis: as astúcias da inteligência*. Tradução de Filomena Hirata. São Paulo: Odysseus, 2008.
- VERNANT, Jean-Pierre. *A morte nos olhos: a figuração do outro na Grécia Antiga, Ártemis e Gorgó*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. Tradução de Ísis Borges da Fonseca. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Figura, Ídolos e Máscaras*. Tradução de Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1992.
- WRIGHT, M. Rosemary. *Empedocles: The Extant Fragments*. 2a ed. London: Bristos Classic Press, 1995; reprinted 2001. (1a ed., 1981.)

**BIBLIOGRAFIA DE APOIO (DICIONÁRIOS, LÉXICOS E OUTRAS OBRAS DE REFERÊNCIA)**

- BAILLY, Anatole. *Dictionnaire Grec-Français*. 26<sup>a</sup>. ed. Édition revue par L. Séchan et P. Chantraine. Paris: Hachette, 1963.
- BENVENISTE, Émile. *O Vocabulário das Instituições Indo-Européias II – Poder, Direito, Religião*. Tradução de Denise Botmann, Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- BENVENISTE, Émile. *O Vocabulário das Instituições Indo-Européias I Economia, Parentesco, Sociedade*. Tradução de Denise Botmann. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck, 1968.
- LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. Revised and augmented throughout by Sir Henry Stuart Jones with the assistance of Roderick McKenzie. Oxford: Clarendon Press, 1940.
- PETERS, F.E. *Termos Filosóficos Gregos*. Trad. Beatriz Rodrigues Barbosa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1976.

# **CAPITALISTAS E REVOLUCIONÁRIOS NA ROMA CLÁSSICA: A VISÃO DE ROSTOVZEFF SOBRE A QUEDA DE ROMA**

**Widerman Júnior<sup>1</sup>**  
**Pedro Paulo Abreu Funari<sup>2</sup>**

**RESUMO:** O presente artigo se propõe a analisar os debates em torno da economia romana. O objeto de estudo é a interpretação de Mikhail Rostovtzeff, segundo o qual Roma poderia ser enquadrada em termos capitalistas. O contexto, as razões e os diálogos que o nortearam constituem o tema deste trabalho.

Os objetivos principais são: a) analisar, mediante o escrutínio da interpretação de Rostovtzeff, a relação dialética entre passado e presente, na qual os desejos e as aflições dos modernos moldam a sua visão a respeito dos antigos, de forma que a antiguidade passa a servir de exemplo ou de aviso para a modernidade; b) apontar como os debates que envolvem a economia romana podem ser de extrema relevância para o entendimento da sociedade atual, uma vez que eles giram em torno da definição e da compreensão do que é o capitalismo. Para tanto, o artigo foi dividido em cinco tópicos, que abordam, em sequência, a Teoria da História, a biografia do autor, o debate econômico, os conflitos sociais e, por fim, reflexões sobre o passado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Roma. Economia. Luta de classes. Rostovtzeff.

---

<sup>1</sup> Graduando do Departamento de História no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP).

<sup>2</sup> Professor titular de História no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

## **CAPITALISTS AND REVOLUTIONARIES IN CLASSIC ROME: ROSTOVITZEFF'S PERSPECTIVE ON THE FALL OF ROME**

**ABSTRACT:** This article intends to go through the debates concerning the roman economy. The object of study is the interpretation of Mikhail Rostovtzeff, according to whom Rome could be classified in capitalistic terms. The context, motives and dialogues that guided his work are the subjects of this paper.

The main objectives are: a) to analyze, through the scrutiny of Rostovtzeff's interpretation, the dialectic relation between past and present, in which the wills and fears of modern observers mold their perception about the ancients, so that ancient history becomes either an example or a warning to modernity; b) to point out how the debates concerning roman economy can be extremely relevant for a broader comprehension of our current society, since the debates revolve around the definition and the comprehension of the capitalist system.

In order to achieve these goals, this article is divided into five sections. Which one contains, in sequence: theory of history, a biography of the author, the economical discussion, the social conflicts and, at last, reflections about the past.

**KEYWORDS:** Rome. Economy. Class Struggle. Rostovtzeff.

### **INTRODUÇÃO**

Edward Carr, em seu ensaio *What is History?*, formulou o significativo aviso de que se deve conhecer o historiador, antes de conhecer os fatos por ele narrados [1961] (1987).

A afirmação do britânico Carr foi redigida na década de 1960, no auge da Guerra Fria e em meio ao reposicionamento das balizas teóricas das Ciências Humanas, em que aspectos como tempo, subjetividade e relativismo passaram, a partir desse momento, a ser mais discutidos (BRAUDEL, 1965; CERTEAU, [1975] 2002; VEYNE, [1970] 2008).

Já desde a chamada primeira geração dos Annales, capitaneada por Bloch, a História, enquanto disciplina, foi despida pouco a pouco do seu caráter puramente objetivo e factual, passando, em seu lugar, a assumir um aspecto mais parcial, que viria a ser ainda mais acentuado nas décadas seguintes. A *history from below* dos ingleses, afamada justamente pelas convicções políticas que guiaram os trabalhos de seus historiadores, é uma demonstração disso (HOBSBAWM, 2013)

Já à época de Carr, portanto, não se aceitava a alegação de que os documentos pudessem falar por si próprios: é preciso, conforme Bloch já enunciara anos antes, fazer perguntas a eles (2002, p. 79). Mas, se assim for, também é verdade que as indagações formuladas e as respostas extraídas irão variar segundo a perspectiva de cada autor (THOMPSON, 1981). A tese que, então, vigorava era a de que tanto as fontes quanto os próprios historiadores deveriam ser objetos de escrutínio, uma vez que, situados no âmbito do discurso, ambos seriam enviesados, parciais e, por conseguinte, sujeitos a questionamentos.

Admite-se, assim, que cada obra, ao invés de ser vista como um espelho direto do passado, necessita de ser contextualizada no que diz respeito à época em que foi produzida e às intenções de cunho político de quem a escreveu. Afinal, o juízo que o historiador faz da sua fonte revela um determinado posicionamento, que pode ser do seu interesse. Com isso, tanto as experiências pessoais quanto a posição social ocupada são percebidas como elementos que influenciam o valor atribuído aos eventos e aos personagens do passado, o que levará Carr a resgatar a citação de Croce de que, ao fim, “toda história é história contemporânea”(1987, pp. 20-21).

Tais ponderações servem de preâmbulo e justificativa ao presente artigo, para o qual as afirmações de Carr são tanto mais verdadeiras e significativas

quando se leva em consideração que o objeto de estudo é investigar um historiador, Mikhail Ivanovich Rostovtzeff, cuja interpretação acerca da queda de Roma foi moldada por acontecimentos pessoais. Caso essa informação não seja levada em consideração, torna-se impossível compreendê-lo.

Parte-se, aqui, da premissa de que a maneira singular com a qual ele selecionou e analisou os documentos está relacionada ao caráter abertamente subjetivo e político de sua obra, bastante preocupada com os fatos contemporâneos a ela. Por esse motivo, se é preciso primeiramente conhecer o historiador, este artigo principiará com uma breve biografia de Rostovtzeff, uma vez que se entende que ela é de notável relevância para a compreensão das suas visões e dos seus julgamentos sobre o evento histórico abordado.

## **O AUTOR**

Filho de um latinista que lecionava em colégios, Mikhail Ivanovich Rostovtzeff nasceu em 1870, na cidade de Zitomir, na Rússia Czarista, em um território que hoje pertence à Ucrânia (FUNARI, 2020). Foi criado, portanto, em um ambiente classicista e pequeno-burguês, situado historicamente logo após a Libertação dos Servos, de 1861.

Seguindo os passos ascendentes de Rostovtzeff, descobre-se que ele se graduou na Universidade de São Petersburgo. Durante seus estudos, publicou um livro sobre escavações em Pompeia, o que já evidenciava desde cedo o seu interesse pela arqueologia, além de revelar seu caráter de intelectual promissor (*ibid.*).

Nas áreas clássicas, lecionou em colégios por certo tempo e, em seguida, no ano de 1903, passou a dar aulas na Universidade de São Petersburgo, a mesma em que se formara (*ibid.*). Participou de revistas,



institutos e academias de diversos pontos da Europa, e, a despeito de sua jovem idade, já havia conquistado certa notoriedade com suas abordagens arqueológicas e econômicas. De fato, foi um dos primeiros a reconhecer a importância da arqueologia para os estudos históricos, utilizando-a em larga escala em seus trabalhos (*ibid.*).

Da posição que partira, Rostovtzeff já havia galgado passos notórios, os quais, no entanto, foram interrompidos pelos desdobramentos da Revolução Russa; mais especificamente, pela Revolução de Outubro. Membro do Partido Constitucionalista Democrata, os chamados *Kadets*, Rostovtzeff, assim como tantos outros, caiu em desgraça quando os bolcheviques ascenderam ao poder. Por ser de espectro liberal, foi obrigado a se exilar, vivendo, a partir desse momento, toda a sua vida fora da Rússia (*ibid.*).

Viajou, primeiro, para a fronteira com a Finlândia e, de lá, foi para a Inglaterra, onde conseguiu se empregar como professor em Oxford. Em território inglês, no entanto, por ser russo, enfrentou a desconfiança e o desdém de muitos de seus pares. Não era bem-vindo, a ponto de aspectos como o seu forte sotaque serem causas de importunações e aborrecimentos (*ibid.*). Por isso, decidiu refugiar-se nos Estados Unidos, onde acabou por encontrar melhor acolhida.

Rapidamente se tornou uma das maiores autoridades em História Antiga e passou a lecionar na Universidade de Yale, na qual se aposentou em 1944 (*ibid.*). Terminou os seus dias no continente americano, em 1952, na idade de 81.

Foi durante os seus primeiros anos em solo estadunidense que ele produziu duas obras notórias, as quais serão os temas deste artigo: a ensaística *Rome*, em 1927, e a monumental *Social and Economic History of The Roman Empire*, publicada no ano anterior.

Embora possuam o mesmo pano de fundo, a natureza de ambas difere. A primeira, assemelhando-se ao ensaio, é mais sucinta e dinâmica, pautada na narração dos grandes acontecimentos e nas explicações tecidas pelo autor. A segunda, por sua vez, é de maior fôlego e, como o título já sugere, desce aos pormenores das estruturas político-sociais e econômicas de Roma. Assim, descrições economicistas detalhadas e imagens de registros arqueológicos abundam no livro.

O substrato comum delas são a influência e o objetivo. Escritas logo após o exílio, Rostovtzeff enxergava uma semelhança notável entre os eventos experimentados pela Rússia Bolchevique e os ocorridos na Roma Antiga; a tal ponto de não hesitar em utilizar termos como “luta de classes”, “capitalismo”, “proletariado” e “democratas” para se referir aos tempos da antiguidade (1983).

Os tópicos seguintes se ocuparão em explicar o porquê disso.

## **CAPITALISMO - DISCUSSÃO ECONÔMICA**

Desde o século XIX, a natureza da economia antiga tem sido fonte de controvérsia entre os historiadores. Para alguns, como Meyer, eram nítidas as suas semelhanças com o capitalismo moderno [1884] (1912). Para outros, como Bücher, no entanto, tal semelhança é espúria, uma vez que a antiguidade possuía características econômicas fechadas e rudimentares [1893] (1901).

A controvérsia é longa. Traçando uma linha do tempo, podemos ver que ela ocupou a mente dos historiadores da área Antiga por quase um século: desde a década de 1880 (com o embate Bücher-Meyer), passando por Weber e Rostovtzeff (no início do século XX), até chegar a Veyne e Finley, nas décadas de 1960 e 1970.

Para facilitar o estudo, as diferentes tendências foram divididas em grupos. Os partidários do pensamento de Bücher foram denominados “primitivistas”; os de Meyer, “modernistas”; e os de Weber, “institucionalistas” (CARDOSO, 2011). A novidade introduzida por estes últimos foi a refutação de ambos os primeiros. Aceitavam que a economia antiga possuísse um amplo comércio e grandes fontes de enriquecimento; mas negavam que ela pudesse ser caracterizada como capitalista, uma vez que, para tanto, seria necessária “a ética protestante” de acúmulo sem fim de dinheiro.<sup>3</sup>

Focando na interpretação de Rostovtzeff, podemos principiar dizendo que o seu vocabulário, embora pareça absurdamente anacrônico aos olhos atuais, não se trata de uma posição solitária. Pelo contrário. Tal forma de enxergar a antiguidade como terreno de lutas entre aspirações socialistas e reacionários capitalistas era algo relativamente comum à época, o que pode ser encontrado em alguns trabalhos do começo do século XX. Afinal, anteriormente, nas primeiras páginas do Manifesto Comunista, o próprio Marx já havia feito essa correlação de maneira indireta (2017, p. 22).<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Ou seja, para os institucionalistas, como Veyne e Finley, a racionalidade dos sistemas antigos e modernos é diferente. Conforme Veyne aponta em *Vie de Trimalchio* (1961), a finalidade do acúmulo de riqueza para os romanos nascidos em classes baixas era o de, primordialmente, comprar terras e, por consequência, se equiparar à nobreza. Ou seja, nesse caso, constata-se que o dinheiro possui, literalmente, um fim, que fecha um círculo de: trabalho, obtenção de riqueza e validação social. Por outro lado, conforme Weber elucida em *Ética Protestante e Espírito do Capitalismo* (2004), o acúmulo de dinheiro pelos grandes capitalistas obedece a um círculo que, ao invés de fechar, se retroalimenta continuamente, fruto da lógica calvinista. De modo que, herdeira da “ética protestante”, a sociedade inteira se encontra ordenada no sentido de produzir lucro atrás de lucro, sem que a gigantesca soma resultante tenha alguma finalidade para além de gerar ainda mais lucro. Assim, o dinheiro, no capitalismo, ao invés de ter um objetivo final, torna-se um princípio autotélico; isto é, um fim em si mesmo.

<sup>4</sup> No trecho bem conhecido: “A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor feudal e servo, mestre de corporação e companheiro, em resumo, opressores e oprimidos [...] têm convivido numa guerra ininterrupta [...] que terminou sempre ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em conflito” (2017, p. 22).

Somente a título de exemplo, podem-se citar casos de estudiosos como Frank Abbot, que também descreveu as reivindicações plebeias como “socialistas” que dividiram a sociedade em dois setores rivais (1901, p. 33). Já na literatura, aparece na boca de um dos personagens de *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann, que, devido à ambição e à importância que os romanos davam ao dinheiro, “a Antiguidade era capitalista” [1924] (1980, p. 447).

Até certo ponto, é simples compreender a razão. Os debates que ferviam à época, sobretudo nos loucos anos da década de 1920, refletiam com extraordinária nitidez as lutas memoráveis da Roma Clássica: o desejo plebeu de participação política, o anseio de reforma agrária e a resistência da elite patricia. Tudo isso desenha um quadro em que há, de um lado, um grupo social despossuído e revolucionário; ao passo que, do outro, há os conservadores dominantes. É bastante significativo, por exemplo, que um dos partidos comunistas de maior pujança na Europa desse contexto se denominava Liga Espartaquista; em referência, nesse caso, à revolta de escravos liderada por Espártaco e esmagada por Crasso e Pompeu.

Esse panorama demonstra como as apropriações das lutas sociais romanas estavam em voga no concerto europeu da primeira metade do século XX. Os modernos viravam a cabeça para trás e olhavam para os antigos em busca de ideais, exemplos e heróis nos quais pudessem se inspirar e que pudessem emular, a fim de possuir referências para embasar suas pautas no presente.

No entanto, para este artigo, a pergunta que ainda se impõe é: mas era Roma capitalista? Antes de oferecer uma resposta, é importante frisar, a princípio, que os antigos possuíam uma interpretação distinta do que significava a economia.

Do grego *oikos*, casa, e *nomos*, normas, o termo economia aparece pela primeira vez em um tratado de Xenofonte - um discípulo de Sócrates - a respeito do bom gerenciamento do lar (FINLEY, 1973).

Trata-se de um diálogo interessante, travado primeiramente entre Critobulo e Sócrates. Ambos começam a debater as causas que levam alguns a serem abastados, ao passo que outros vivem em constantes apuros financeiros em seus lares. Sócrates, então, passa a relatar um diálogo anterior que teve com Iscômaco, em que este lhe ensinou como fez para ser próspero nos assuntos domésticos: deixou tudo nas mãos de sua sensata mulher. Não antes, é claro, de a instruir devidamente em seus afazeres (1999, pp. 34-35).

É, portanto, uma obra que reforça o padrão grego de que o homem é um animal da pólis (político) e, por isso, deve consagrar seus esforços aos interesses externos à casa; ao passo que à mulher cabe ficar responsável pela esfera privada, constituída pelo lar, pela terra e pelos escravos.<sup>5</sup> No tratado, o próprio Iscômaco se refere a essa distinção, quando afirma que “certamente não passo meus dias dentro de casa”, uma vez que “minha esposa é bastante capaz de gerenciar nossos assuntos domésticos sem a minha ajuda”.<sup>6</sup>

No campo da modernidade, entretanto, a situação é bastante oposta, pois a economia, para nós, se dá, em maior medida, justamente nos interesses externos ao lar. Ainda assim, há pontos de semelhança entre ambas as visões, os quais se resumem à capacidade administrativa dos

---

<sup>5</sup> Cf.: MARQUETTI, Flávia; FUNARI, Pedro. *Gênero e Cidade: Entre o Exposto e o Velado*. In: *Idem* (orgs.). *Autorretrato, Gênero, Identidade e Liberdade*. 1ed. Londrina: ESUEL, 2019, v. 1, p. 21-38.

<sup>6</sup> XENOPHON. *The Economist*, p. 29. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/gu001173.pdf>. Acesso em: 04 set. 2022. Traduzido do inglês: “*I certainly do not spend my days indoors, if for no other reason, because my wife is quite capable of managing our domestic affairs without my aid*”.

recursos e à consequente prosperidade material que advém disso. Não à toa, foram os modernos que se apropriaram do arcaico conceito de economia para investigar e definir as leis que regem o gerenciamento dos mercados e a riqueza dos Estados modernos (FINLEY, 1973, pp. 17-20).

Seja como for, essa é uma questão conceitual, que, como qualquer outro conceito, pode ser mobilizada com menor ou maior rigor pelos autores. Certamente, nem todos, como atesta o falecido professor Flamarion Cardoso, têm em alta consideração os escrúpulos linguísticos, bastando que, para serem utilizados, os conceitos possuam uma correlação prática entre os fatos do passado e os do presente (2011). É o que leva certos autores, como Rostovtzeff, a afirmar que, sim, a economia romana era capitalista. E isso por dois motivos. Um, de ordem econômica; já o outro, de ordem psicossocial.

O primeiro diz respeito às grandes conexões do mercado romano e ao seu consequente acúmulo de riquezas. Na literatura, tal aspecto é patente, embora seja relatado, sobretudo, por meio de um viés negativo. A explicação pode ser dada pelo despreço de certos antigos em relação ao comércio, que era visto como uma atividade gananciosa e inferior do ponto de vista intelectual (CÍCERO, 1913, p. 155).<sup>7</sup> Não à toa, tal ofício era praticado, principalmente, não pelos altivos patrícios, mas sim pelas camadas baixas, como os libertos - escravos alforriados que enriqueciam nos negócios, sobretudo no transporte naval de mercadorias.

O personagem romano célebre que incorpora esse arquétipo é Trimalchão, de Petrónio, que, presente no *Satyricon*, é estereotipado como opulento e licencioso. Tal representação orna com a de outros autores, como

---

<sup>7</sup> É relevante pontuar que a passagem referenciada, no entanto, é ambígua. No mesmo trecho, Cícero abre uma exceção e diz que, nos casos de trocas comerciais legítimas em grande escala e em grandes distâncias, o ofício de comerciante pode "merecer o maior respeito" (1913, p. 155).

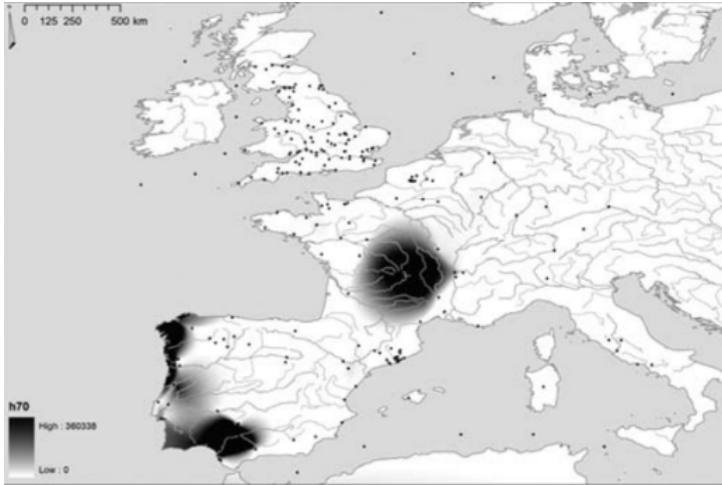
Horácio e Juvenal, que, em suas sátiras, depreciavam os ricos pela ganância e pela ostentação excessiva.

Há um consenso de que o enriquecimento romano por meio do transporte de mercadorias começou ainda no período da República, com as vitórias sobre Cartago nas Guerras Púnicas, em que o Mar Mediterrâneo se transformou, para os romanos, no “nosso mar” - *mare nostrum* (ABBOT, 1901; FUNARI, 2019; ROSTOVTZEFF, 1983). De modo que se tornou possível locomover pessoas e produtos para territórios cada vez mais distantes, à medida que Roma se estendia.

A arqueologia corrobora essa chave interpretativa. Um caso relevante que pode ser citado é o das ânforas - vasos utilizados para guardar e transportar azeite e vinho, dois produtos alimentícios vitais para a economia antiga, cujas vendas eram fontes de vultosas fortunas para os romanos (FUNARI, 2019).

Feitas de cerâmica, as ânforas são fundamentais para evidenciar a extensão dos mercados. Seus fragmentos perduram até hoje, e suas múltiplas origens podem ser rastreadas pelas inscrições que carregavam (*ibid.*). Há uma quantidade formidável de restos de ânforas à disposição dos pesquisadores, já que em Roma havia um verdadeiro aterro onde elas eram depositadas, situado no Monte Testaccio. Rastreado-as, é possível constatar produções na Península Ibérica, na Gália (atual França), na Britânia e na própria Península Itálica (*ibid.*, p. 107). Uma vez que Rostovtzeff definia o capitalismo como “um modo econômico que mira o lucro” (1957, v. 2, p. 543, nota 1), o amplo comércio romano bastaria para se encaixar em características modernas.

## *Capitalistas e Revolucionários na Roma Clássica:...*



Pontos de produção de ânforas, no fim da República e início do Principado, espalhados por toda a extensão romana. Retirado de: CARRERAS; MORAIS, 2012, p. 433 *apud* FUNARI *et al*, 2019, p. 107.



Exemplo de ânforas (Dressel 14 da Lusitânia Meridional, território equivalente ao atual sul de Portugal). Disponível em: < <http://amphorae.icac.cat/amphora/dressel-14-meridional-lusitania> >. Acesso em: 29 oct. 2022.



Por sua vez, o segundo dos motivos que levou Rostovtzeff a caracterizar Roma como capitalista - aqui classificado como de ordem psicossocial - diz respeito à possibilidade de ascensão. É fato notável que a sociedade romana constituía um interessante contraponto a outros povos. Desde o período monárquico, a política romana, em maior ou menor medida - a depender do contexto -, foi simbolizada pela extensão dos direitos de inclusão social, sejam aos plebeus, sejam aos estrangeiros. A oportunidade de ingressar nas fileiras do exército; a possibilidade de aspirar ao posto de cônsul; o vislumbre de enriquecimento pelo comércio. Todas essas eram portas que, seja na Monarquia, na República ou no Império, se abriam para os de baixo ascenderem.

Para além da esfera comercial, vale a pena abordar também o campo político-militar, cuja escalada recebe o nome de *cursus honorum*: o caminho da honra (ABBOT, 1901). Tratava-se dos degraus da magistratura que o indivíduo deveria galgar para partir da base e chegar ao topo. Os dois exemplos mais notórios dessa abertura são os antagônicos Mário e Cícero.

O primeiro, de nascimento obscuro, conquistou notoriedade, riqueza e poder através de seus feitos militares (PLUTARCO, 2003). O segundo, por sua vez, possuía origens melhores, embora estivesse longe da nata da aristocracia; seguiu o caminho político e triunfou por meio do intelecto (*ibid.*). Ambos eram *homines novi*: cidadãos que foram os primeiros de suas famílias a alcançaram, por meio do próprio valor, o ápice da República: o cargo de cônsul. Cícero, uma vez. Mário, sete (*ibid.*).

É justamente a junção de tais características - econômicas e psicossociais - que, para Rostovtzeff, tornam a sociedade romana capitalista. Afinal, um dos pilares do capitalismo é o individualismo, pautado no discurso de esforço próprio, mérito e, por consequência, conquista de ascensão social.

Partidário dos *Kadets*, Rostovtzeff não apreciava os ares aristocráticos da Rússia Czarista, de modo que não era de todo indiferente às aspirações do povo. Mas, para ele, a melhoria de vida deveria ser possibilitada pelo Estado e galgada *pari passu* pelo cidadão, e não ser entregue a ele de mão beijada, como, a seu ver, desejavam os *populares*, na Roma, e os bolcheviques, na Rússia.

Na visão de Rostovtzeff, tratava-se de uma questão psicológica. O indivíduo, por inferior que fosse a sua posição social, sabia que, através de seu talento e esforço, poderia ascender - como de fato, por vezes, ocorria. Essa possibilidade estimulava os homens a serem audaciosos e criativos, empreendendo ações únicas. Com efeito, a combinação de ânsia de glória e imperialismo capitalista - que, através da colonização e do comércio, levou a civilização aos povos conquistados - constitui as origens de onde a grandeza romana surgiu (1983).

Tanto na esfera material quanto na intelectual, Roma lavrou e refinou, ao longo de quase um milênio, a nata da sociedade, cujas contribuições se veem até hoje - no Direito, na literatura, na filosofia, no militarismo e nas construções públicas. Os aquedutos, as termas, os monumentos, as estradas, as redes de esgoto, os anfiteatros, etc., impressionavam até mesmo os antigos (HALICARNASSO 3. 67), a ponto de Rostovtzeff dizer que

Roma, a enorme e linda capital do mundo, era obviamente a cidade mais admirada e lisonjeada do Império. E ela *merecia* a admiração [de seus] contemporâneos tanto quanto ela *merece a nossa*: quão linda Roma é até mesmo em suas ruínas, quão impressionante [são] seus monumentos públicos - seus templos, os palácios dos imperadores com seus "jardins" na cidade e suas vilas nos subúrbios, seus palácios para o povo (as termas, as

basílicas, os pórticos) e suas praças e jardins públicos (1957, p. 139; tradução e grifos meus).



Detalhe da Ara Pacis (9 a. C.), altar erigido em homenagem a Augusto, em mármore de Carrara. Os monumentos são um dos símbolos de grandeza, tanto pelo material utilizado quanto pela qualidade artística. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Tellus\\_-\\_Ara\\_Pacis.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Tellus_-_Ara_Pacis.jpg)>. Acesso em: 20 oct. 2020.

Certamente, Rostovtzeff não foi o primeiro a se impressionar com as ruínas romanas. Antes dele, outros não menos importantes, como Petrarca, Gibbon e Goethe, tiveram uma impressão semelhante (GIBBON, 1906; FUNARI, 2003, p. 99; PANOFKY, 1981). Foram os homens valorosos da plebe e da elite, instigados pelo ânimo capitalista, que ergueram essa Roma tão fascinante. Tanto é que, tão logo a liberdade romana foi sufocada, a grande cidade, pouco a pouco, passou a ruir.

O início do fim se deu após o reinado de Cômodo, que marcou o término da dinastia dos Antoninos e a ascensão da dinastia dos Severos. Rostovtzeff não poupa elogios aos primeiros. Na sua visão, os Antoninos

representavam uma “monarquia esclarecida” - *enlightened monarchy* (1957, p. 106), que lembra o chamado absolutismo esclarecido do século XVIII. Isto é, monarcas que possuíam um amplo poder político e militar; mas que, ao invés de abusarem dele, usavam-no para o bem da própria sociedade, pois eram guiados pela filosofia e pela razão. Em suma: não eram senhores (*domini*), mas sim os primeiros (*principes*) entre os iguais.

De fato, a tradição sempre foi bastante laudatória em relação aos Antoninos. É creditado a Trajano o auge do Império Romano (GIBBON, 1906), e tanto os seus contemporâneos - a exemplo de Plínio, o Jovem - quanto autores dos séculos seguintes, como Dante, louvaram-no por sua magnanimidade e retidão.<sup>8</sup> Marco Aurélio, por sua vez, é benquisto por ter sido o imperador filósofo, autor das *Meditações*, de caráter estóico. E os monarcas restantes - Nerva, Adriano e Antônio Pio - são lembrados como partes integrantes de uma dinastia exemplar (MAQUIAVEL, 1994, p. 54; VOLTAIRE, 1959, p. 268).<sup>9</sup>

A virada do século II d. C. para o século III, no entanto, marcou uma inflexão em tal processo. Nesse período, ascendeu ao poder Septímio Severo, que, diante do caos provocado por Cômodo, possuía um caráter mais

---

<sup>8</sup> Sobre Plínio, o Jovem, conferir o panegírico destinado a Trajano: GIRON, Lucas. *Panegírico de Plínio Segundo* - Tradução e Estudo Introdutório. Tese (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, p. 161, 2017. Já sobre Dante, o poeta da *Divina Comédia* cita Trajano nos seguintes termos: “Aqui brilhava a preeminente glória/Desse famoso Imperador romano,/Por quem Gregório obteve alta vitória./Ao natural tirado era Trajano” (Canto X, Purgatório, vv. 72-6). DANTE. *A Divina Comédia*. Trad. Xavier Pinheiro. Disponível em: < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/eb00002a.pdf> >. Acesso em: 03 set. 2022.

<sup>9</sup> Nas palavras de Maquiavel: “O estudo da história ensinará também como se pode fundar um bom governo, pois todos os imperadores que subiram ao trono por direito de nascença foram maus, com a exceção de Tito; os adotados como reis foram todos excelentes, como se pode ver pelos cinco que se sucederam, de Nerva a Marco Aurélio” (1994, p. 54). Nas de Voltaire: “[Governantes como] Calígula, Nero, aterrorizaram a terra com suas atrocidades; mas Tito, Trajano, Antônio Pio, Marco Aurélio a consolaram com suas boas ações” (1959, p. 268).

autoritário que os seus antecessores. Havia sido governador da Panônia, no leste europeu, e, quando subiu ao trono, trouxe diversos soldados e costumes típicos das monarquias orientais, de caráter helenístico. Perseguiu senadores, deu benefícios ao exército e isentou os mais pobres de pagar certos impostos, como os das liturgias (1957, pp. 400-410). Assim, na análise de Rostovtzeff, um dos traços mais marcantes da dinastia Severa foi a tentativa de aproximação com as classes mais baixas por meio de favores políticos, militares e sociais; bem ao contrário, portanto, do espírito meritocrático, civilizado e esclarecido dos tempos anteriores.

Já iniciada no reinado de Septímio, essa prática se tornou ainda mais evidente com o seu filho e sucessor Caracala, célebre por ter instituído o edito que concedeu cidadania a todos os homens livres do Império, no que Rostovtzeff via mais uma tentativa de angariar o apoio das massas. Diz-se até mesmo que Septímio, em seu leito de morte, recitou ao seu sucessor, Caracala, a lição de como governar: “enriqueça os soldados e escarneça do resto” - *enrich the soldier and scorn the rest* (1957, p. 403).

Em uma linguagem corrente, mais próxima da nossa, é como se essa chave interpretativa basicamente acusasse os Severos de serem populistas: líderes que, ao invés de criarem políticas que possibilitassem a ascensão dos de baixo, seguiram o caminho fácil de tirar dos ricos para dar aos pobres, a fim de aliciá-los.

A questão piorou após a Anarquia Militar do século III. Imperadores subiam num instante e caíam no seguinte; moedas fracas eram emitidas; a inflação galopava; e, em meio à carestia e à violência generalizada, as pessoas debandavam das cidades. Para solucionar a desordem, foram necessárias medidas duras e enérgicas, que terminaram de estrangular o que ainda havia de liberdade romana.

O responsável por elas foi Diocleciano. Dentre suas ações, destacam-se a divisão do poder imperial e a fixação dos indivíduos em suas terras e em seus postos de trabalho (FUNARI, 2019). Se uma das características singulares de Roma era a mobilidade e a possibilidade de ascensão, pode-se dizer que esse foi o golpe de misericórdia em tal ideal.

Daí em diante na história romana, inexistiu semelhante abertura. A consequência, aos olhos de Rostovtzeff, foi uma prostração geral. Afinal de contas, sem a possibilidade de ascensão, que estímulos as pessoas teriam para proceder com os grandes feitos e com as grandes conquistas? O espírito criativo e engenhoso, que foi a seiva vital de Roma, esmoreceu. Por essa razão, os homens de valor - em todas as áreas - se resignaram e deixaram o campo livre para os inferiores comandarem. A filosofia, a literatura, os avanços militares, a administração pública e os progressos econômicos, na falta de grandes líderes, estancaram a longo prazo. E a consequência veio dois séculos depois, quando Roma caiu.

A essa singular condição psicológica Rostovtzeff deu o nome de “o suicídio da raça”. Isto é, diante da ausência de boas perspectivas tanto no presente quanto no futuro, as classes dominantes deixaram de ter filhos, alargando ainda mais o campo para a ralé da sociedade (1983, p. 300).

A expressão, na realidade, já era utilizada no início do século XX.<sup>10</sup> Tenney Frank, possivelmente, foi um dos primeiros a utilizá-la no contexto da antiguidade, no seu polêmico artigo *Race Mixture in the Social Empire*, no qual, em um viés racista, afirmava que a queda de Roma foi fruto

---

<sup>10</sup> É possível encontrá-la, por exemplo, em um discurso de Theodore Roosevelt. Cf.: KING, Miriam; RUGGLES, Steven. *American Immigration, Fertility, and Race Suicide at the Turn of the Century*. The Journal of Interdisciplinary History Vol. 20, No. 3 (Winter, 1990), pp. 347-369. Disponível em: < [https://www.jstor.org/stable/204082?seq=7#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/204082?seq=7#metadata_info_tab_contents) >.

no fim das contas, [...] [d]o fato de que as pessoas que erigiram Roma cederam espaço a uma raça diferente. A falta de energia e de empreendimento, [...] o enfraquecimento do moral e do vigor político, todos [esses elementos] foram concomitantes com a diminuição gradual do estoque que, antigamente, havia exibido essas qualidades (1916, p. 705, tradução minha).

Embora negue o teor explicitamente racista de Frank, Rostovtzeff se embasa nele e segue uma lógica semelhante (1957, pp. 539-541). Ela orna bem com as críticas moralistas que eram lançadas ao chamado *fin-de-siècle*, nas quais preocupações higienistas e eugênicas se encontravam na pauta do dia; sobretudo no que dizia respeito à questão da fertilidade.

Para o contexto romano, é difícil provar que tal prática tenha, de fato, acontecido. Isto é, que as elites conscientemente pararam de ter filhos, motivadas pelo pessimismo de sua época. Existem, no entanto, alguns trechos de literatura que servem como embasamento. Versos de Juvenal, ainda no século I d. C., são citados por Frank. O poeta, conhecido pelas suas *Sátiras*, faz um contraste entre as mulheres ricas e as mulheres pobres. Estas, diz ele,

Pelo menos, suportam os perigos do parto e todo  
O trabalho de ter de nutrir as suas crias, conforme o destino as  
ordena.  
Difícilmente uma mulher que dorme em um berço de ouro irá se  
deitar nele para o [trabalho de parto].  
Tal é o poder dos artificios e dos medicamentos da mulher que  
procura  
Abortar e, assim, assassinar os embriões humanos em seu ventre  
(*apud* FRANK, 1916, p. 704).<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Tradução minha, feita com o auxílio do Prof. Dr. Pedro Funari. Tirado da versão inglesa: *Yet at least such women endure the dangers of childbirth, and all/The effort of nurturing their offspring*

O aborto, portanto, assim como o enjeitamento, elucidariam os meios pelos quais ocorreu a mudança de eixo estrutural que levou ao fim de Roma.

## **FORMAS DE GOVERNAR - DISCUSSÃO SOCIAL**

É de Aristóteles a divisão clássica entre formas legítimas e degeneradas de governo. Conforme trata em *Política* (1998, pp. 211-213), as formas legítimas são aquelas que visam ao bem comum, nomeadamente: a monarquia (de um), a aristocracia (dos melhores) e a politeia (dos muitos).<sup>12</sup> Os seus antônimos são a tirania (de um, com benefício pessoal), a oligarquia (dos poucos, geralmente ricos) e a democracia (da turba, geralmente pobres): formas em que os governantes atuam visando aos próprios interesses (*ibid.*). Além do mais, um governo bom é aquele que preserva a estabilidade e evita as revoluções; entendidas, aqui, como um eterno retorno das mudanças de governo, causadas por abusos e más administrações (*ibidem*, p. 255; pp. 349-87; KOSELLECK, 2006).

Rostovtzeff não faz citações diretas a essa divisão, e é difícil encaixar a singularidade romana em tais classificações. Entretanto, é possível encontrar semelhanças com o pensamento aristotélico na sua forma de enxergar as sociedades e os governos, no passado e no presente.

---

*their lot in life dictates./Hardly any woman who sleeps in a gilded bed will lie there in labour./Such is the power of the arts and drugs, of that woman who procures/Abortions, and contracts to murder human embryos in the womb.* Disponível em: < [https://www.poetryintranslation.com/PITBR/Latin/JuvenalSatires6.php#anchor\\_Toc282858869](https://www.poetryintranslation.com/PITBR/Latin/JuvenalSatires6.php#anchor_Toc282858869) >. Acesso em: 04 set. 2022. No original: *Hae tamen et partus subeunt discrimen et omnis/nutricis tolerant fortuna urgente labores;/sed iacet aurato vix ulla puerpera lecto,/tantum artes huius, tantum medicamina possunt,/quae steriles facit atque homines in ventre necandos/conducit* (Sátiras, VI, v, 592). Leis, como a *Iulia et Papia Poppaea* também são demonstrações de preocupações com a baixa fertilidade romana.

<sup>12</sup> Do grego *Πολιτεία* (1998, p. 212). Na tradução, aparece como "regime constitucional" (*ibid.*, p. 211).



Até mesmo pela experiência com o Terror Vermelho, a sua repulsa maior é dirigida ao governo que assenta o seu apoio na multidão; na maioria das vezes, através de favores e concessões, tais como os realizados pelos Severos. Em contraposição, a melhor forma seria aquela em que apenas os mais dignos assumem a dianteira da sociedade. Mas os melhores, no caso, não seriam pelo nascimento, como na perspectiva aristocrática, e sim pelos feitos e pelas contribuições dadas à sociedade.

Conforme já foi dito no tópico anterior, exalta-se, assim, um ideal meritocrático, em contraposição aos desejos revolucionários, que apresentam um caráter disruptivo ao corpo social. Essa é uma posição que está bem assentada nas próprias fontes romanas. Alguns nomes que podem ser levantados são os de Cícero (*De Officiis* 2.5), Salústio (*Guerra de Jugurta*, XLI-XLII) e Santo Agostinho (*Cidade de Deus*, 3.24). Autores de diferentes períodos que simplesmente rechaçam as tentativas de transformações bruscas na ordem social.

A mais importante e controversa delas ao longo de toda a história romana foi a da reforma agrária. Uma pauta fundamental para os antigos e para os modernos, foi - e tem sido - uma das principais causadoras dos embates que convulsionam a sociedade - dividida entre proprietários e despossuídos. Para o contexto romano, o que chamamos hoje de lutas de classes recebe o nome de Conflito das Ordens (CARY; SCULLARD, 1975).

Na historiografia, é recorrente a interpretação de que o prelúdio para tais conflitos foram as permissões dadas por Sérvio Túlio aos plebeus, que, daí em diante, passaram a ser admitidos às fileiras do exército. A causa da concessão foi a necessidade de ampliar o contingente militar (ABBOT, 1901; ROSTOVTZEFF, 1983).

As armas conferiram às classes baixas uma força que até então não tinham. Mas, ao invés de apontá-las aos patrícios, o *modus operandi* da sua aplicação consistia em recusar-se a lutar nas guerras sempre que uma de suas reivindicações não fosse atendida. Faziam isso abandonando a cidade e refugiando-se nos montes ao redor de Roma.

Conforme relatado por Tito Lívio em *Ab Urbe Condita Libri*, foi assim que, por inúmeras vezes, os plebeus conseguiram ampliar sua participação política na sociedade romana. A criação do tribunato e de diversas leis deveram-se a essa espécie de greve, através da qual a cidade ficava não somente desprotegida, como também desabastecida de víveres, uma vez que, com os plebeus fora, não havia quem plantasse (LÍVIO, 1989, pp. 152-153).

Tal situação, evidentemente, era incômoda aos patrícios, que não desejavam ceder espaço aos plebeus (*ibid.*). Por diversas vezes, resistiram e reagiram; mas, ao fim, precisavam transigir, já que não podiam viver sem eles. Leis como a Canuleia (445 a.C.), Licínia (367 a. C) e Hortênsia (287 a. C.) surgiram assim. A primeira permitia casamento entre plebeus e patrícios; a segunda impunha limites à posse de terras e instituía que um dos côsules fosse plebeu; e a terceira determinava que as decisões dos plebiscitos fossem válidas para toda a sociedade (ABBOT, 2001; ROSTOVITZEFF, 1983).

Embora tenham sofrido grandes resistências, foram essas leis, conquistadas através de lutas, que garantiram as aberturas tão louvadas por Rostovtzeff. No entanto, havia um limite muito claro nas concessões que poderiam ser feitas: a questão agrária.

Os patrícios já haviam transigido na Lei Licínia. Todavia, parte dos plebeus ainda continuava a reivindicar maiores posses de terra, instigada, sobretudo, pelos irmãos Gracos. A consequência foram violentos distúrbios,

que culminaram na morte de ambos os irmãos e no aprofundamento da polarização da sociedade entre dois grupos antagônicos: os *populares*, partidários dos Gracos e da reforma agrária, e os *optimates*, partidários dos patrícios e da manutenção das posses (ROSTOVTZEFF, 1983). Na visão de alguns, como Rostovtzeff, as guerras que se sucederam foram fruto dessas tentativas de mudanças. A começar pela disputa entre Mário e Sila; passando pelas guerras civis dos triunviratos; até terminar em Augusto. A partir daí, enquanto a elite esclarecida pôde reinar, a ordem se manteve, e Roma prosperou. Os imperadores, de modo geral, fomentaram a liberdade e o empreendedorismo, garantindo a estabilidade necessária para que os cidadãos pudessem contribuir ao Império. A tal ponto que, segundo Rostovtzeff, nos dois primeiros séculos da Era Cristã, a “vida era fácil e alegre” (1983, p. 242) e Roma era um local onde “[...] nunca na história da humanidade [...] um número maior de pessoas desfrutou de tanto conforto” (1983, p. 243). Como já se abordou, foi quando as camadas baixas voltaram a conquistar espaço que Roma declinou. Nessa perspectiva, a queda romana tratava-se de um problema de administração pública. Afinal, sem cabeças esclarecidas e competentes no comando, não houve planejamento militar eficaz para manter os bárbaros fora das fronteiras (como o saque de 410 d. C. comprovou), tampouco houve planejamento governamental efetivo para controlar o descalabro financeiro e o caos social. Nada mais nefasto e subversivo à sociedade, portanto, do que a busca por alterações profundas.

A palavra *seditio* - e suas variações - por diversas vezes é utilizada nas fontes romanas para descrevê-las (CÍCERO, 1913, pp. 184-185). Traduzida comumente como “revolução” (*ibidem*), reforça a correlação que os modernos fazem entre as lutas antigas e as lutas modernas, em que personagens como

os Gracos são livremente caracterizados como socialistas (ABBOT, 1901, pp. 94-5). Rostovtzeff, por exemplo, na década de 1920, afirmou que “nossa era está cheia dos mesmos contrastes políticos violentos que encontramos na época da morte dos Gracos” (1983, p. 106).

O quadro final que se tem é que a queda de Roma serve como um aviso para o leitor moderno. Um aviso de que até as maiores e mais brilhantes civilizações podem ruir pelo efeito das massas insatisfeitas. Isso porque toda sociedade evoluída convive com um incômodo dilema: se as massas forem deixadas à parte do poder, elas se revoltam; e, se forem incorporadas a ele, elas o degeneram (1957, pp. 539-541). Tal dilema constituiria “o problema da decadência da civilização antiga” (*ibid.*, pp. 502-503), o qual, por óbvio, também é um problema moderno, sobretudo para quem viveu a experiência bolchevique. Rostovtzeff não soluciona o enigma; mas, refletindo sobre as formas mais benéficas e nocivas de poder, vê no passado romano uma forma de esclarecê-lo.

Alimentar o ressentimento entre as classes e tomar o controle por meio da violência, tirando de uns para dar a outros, leva apenas à regressão de formas sofisticadas de civilização. Em outras palavras, levam aos estados primitivos da barbárie, numa luta social em que todos perdem.

Longe de pertencer apenas a um debate do século passado, podemos ver essa visão em obras recentes, o que mostra que ainda é relevante. Por exemplo, no livro *A Queda de Roma e o Fim da Civilização*, em que o autor, Brian-Perkins, adverte que, se Roma pôde ruir, a civilização ocidental dos dias de hoje, se cometer os mesmos equívocos, pode também:

O fim do Ocidente romano foi testemunha de horrores e perturbações de um tipo que sinceramente *espero nunca ter de viver* [...]. Os romanos, antes da queda, estavam tão certos como

*nós estamos hoje* de que o seu mundo continuaria para sempre [...] inalterado. Estavam errados. Seria sensato *não repetirmos a sua complacência*" (2006, p. 244; grifos meus).

## USOS DO PASSADO E CONCLUSÃO

A expressão "usos do passado" é entendida como a apropriação de eventos antigos como forma de legitimar práticas na atualidade (GRALHA, 2017). Afinal, a forma como o passado é visto e julgado tem efeitos na percepção do presente. Isso porque, como aponta Thompson (1981, p. 53), as pessoas, ao analisarem acontecimentos passados, atribuem a eles valores positivos ou negativos; elas olham para um determinado fato histórico e se comovem ou sentem repulsa diante dele. De modo que, por meio dessa valoração, elas buscam no passado uma forma de dizer o que desejariam para o seu presente.

Tem-se, com isso, uma relação mútua, em que eventos do passado e do presente se imiscuem e influenciam a percepção que se tem de um e do outro.

Rostovtzeff, que viveu na pele uma revolução causada por conflitos sociais, enxergou no seu presente um retorno de pautas e transformações que já haviam tumultuado a sociedade no passado. As consequências foram a supressão da liberdade e a barbárie - elementos reavivados pelo bolchevismo, que trazia o caos, a violência e o fim da iniciativa individual, através do seu plano utópico de igualar os cidadãos e planificar a economia. Demoliram, portanto, o motor da sociedade - o indivíduo. Exatamente como os Severos e Diocleciano fizeram - numa analogia que Rostovtzeff não hesita em estabelecer em um artigo publicado em 1921, logo após o exílio, intitulado *Bolshevist Russia and Civilized Mankind*.

Diante desse cenário, a conclusão do artigo retoma a premissa inicial de que “toda história é história contemporânea” para evidenciar como a análise de Rostovtzeff constitui um exemplo extremamente interessante do uso ideológico da disciplina histórica; em que olhos do autor, muito mais do que aos fatos do passado, estão voltados para as preocupações do presente. De modo que os primeiros servem como pano de fundo para justificar os posicionamentos políticos que ele assume nos segundos.

## **REFERÊNCIAS**

### **AUTORES MODERNOS**

ABBOT, Frank. *A history and description of Roman political institutions*. London: Atheneum Press, 1901.

ANDREAU, Jean. *A economia romana era uma economia de mercado?* PHOÏNIX, Rio de Janeiro, 21-22: 99-116, 2015.

BARBOSA, Lydia. *As Catilinárias de Cícero: tradução e estudo retórico*. Tese (Mestrado em Letras Clássicas). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 122. 2019.

BLOCH, Marc. *Apologia da história: ou, o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais: a longa duração*. Revista de História, n. 62, v. 30, p. 261-294, abr.-jun. 1965.

BÜCHER, Karl. *The Rise of National Economy*. In: *Industrial Evolution*. Translation: Morley Wickett. Toronto: University of Toronto, 1901. Disponível em: < <https://socialsciences.mcmaster.ca/econ/ugcm/3ll3/bucher/IndustrialEvolution.pdf> >. Acesso em 19 mar. 2021.

CARR, E. H. *What is History?*. London: Penguin Books, 1987.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Existiu uma economia romana?* Phoïnix, Rio de Janeiro, 17-1: 15-36, 2011. Disponível em: < [https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/33051/1/Phoinix17-1\\_artigo2.pdf?ln=pt-pt](https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/33051/1/Phoinix17-1_artigo2.pdf?ln=pt-pt) >. Acesso em: 17 mar. 2021.

- CARY, Max; SCULLARD, H.H. *The Conflict of the Orders*. The First Stage. In: *A History of Rome*. Palgrave Macmillan: London, 1975. Disponível em: < [https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-1-349-02415-5\\_7](https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-1-349-02415-5_7) >. Acesso em: 05 set. 2022.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Trad.: Maria Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- ENGELS, Friedrich; MARX, Karl; Vladímir, Lênin. *Manifesto Comunista; Teses de Abril*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- FINLEY, Moses. *The Ancient Economy*. Los Angeles: University of California Press, 1973.
- FRANK, Tenney. *Race Mixture in the Roman Empire*. American Historical Review, vol. 21, no. 4, 1916, pp. 689-708. Disponível em: < [https://www.jstor.org/stable/1835889?seq=1#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/1835889?seq=1#metadata_info_tab_contents) >. Acesso em: 18 mar. 2021.
- FUNARI, Pedro Paulo *et al.* *Arqueologia e Economia no Mediterrâneo: das origens à dominação romana*. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Mikhail Rostovtzeff: archaeology, past and present*. In: Víctor Revilla Calvo *et al.* (org.). *Ex Baetica Romam: homenaje a José Remesal Rodríguez*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2020. Disponível em: < [https://www.academia.edu/42148402/Mikhail\\_Rostovtzeff\\_archaeology\\_past\\_and\\_present](https://www.academia.edu/42148402/Mikhail_Rostovtzeff_archaeology_past_and_present) >. Acesso em: 17 mar. 2021.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003.
- GAIA, Deivid Valério. *Questões para o estudo da Economia Antiga*. MARE NOSTRUM, São Paulo, ano 2010, v.1, pp. 84-98.
- GIBBON, Edward. *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*. New York: Fred de Fau & Company, 1906, v. 1.
- GIRON, Lucas. *Panegírico de Plínio Segundo - Tradução e Estudo Introdutório*. Tese (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, p. 161, 2017.

- GRALHA, Julio. *Antiguidade na Modernidade: os usos do passado como possível abordagem explicativa*. In: SILVA, G. J.; GARRAFFONI, R. S.; FUNARI, PEDRO; GRALHA, J.C.M.; RUFINO, R (orgs). *Antiguidade como Presença: antigos, modernos e os usos do passado*. Curitiba: Prismas, 2017.
- HOBBSAWM, Eric. *A história de baixo para cima*. In: *Idem. Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- FIELD, James. *The Purpose of the Lex Iulia et Papia Poppaea*. The Classical Journal, Apr., 1945, Vol. 40, No. 7, pp. 398-416. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3292043>>. Acesso em: 21 oct. 2022.
- JÚNIOR, Widerman. *Resenha da Obra: ROSTOVTZEFF, Mikhail Ivanovich. História de Roma*. São Paulo: Zahar Editora S.A., 1983. Revista de História da UEG, v. 10, p. e012117-6, 2021. Disponível em:<<https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/10822>>. Acesso em: 19 mar. 2021.
- KING, Miriam; RUGGLES, Steven. *American Immigration, Fertility, and Race Suicide at the Turn of the Century*. The Journal of Interdisciplinary History Vol. 20, No. 3 (Winter, 1990), pp. 347-369. Disponível em: < [https://www.jstor.org/stable/204082?seq=7#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/204082?seq=7#metadata_info_tab_contents)>. Acesso em: 05 set. 2022.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado - Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos*. Trad. Wilma Maas e Carlos Pereira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2006.
- MANN, Thomas. *A Montanha Mágica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- MARQUETTI, Flávia; FUNARI, Pedro. *Gênero e Cidade: Entre o Exposto e o Velado*. In: *Idem (orgs.). Autorretrato, Gênero, Identidade e Liberdade*. 1ed. Londrina: ESUEL, 2019.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio*. Trad.: Sérgio Bath. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.
- MEYER, Eduard. *Histoire de l'Antiquité*. Trad.: Maxime David. Paris: Libraire Paul Geuthner, 1912. Disponível em: < <https://archive.org/details/histoi-redelantiq01meyeuoft/page/n7/mode/2up>>. Acesso em: 19 mar. 2021.
- PANOFSKY, Erwin. *Renascimento e renascimentos na arte ocidental*. Lisboa: Editorial Presença, 1981.



- ROSTOVTZEFF, Mikhail Ivanovich. *História de Roma*. Tradução de Waltersin Dutra. São Paulo: Zahar Editores S.A., 1983.
- ROSTOVTZEFF, Mikhail Ivanovich. *The Social and Economic History of the Roman Empire*. Oxford: Claredon Press, [1926] 1957.
- ROSTOVTZEFF, Mikhail Ivanovich. *Bolshevist Russia and civilized Mankind*. The Journal of International Relations. Worcester, v.11, n.4, p. 517-528, 1921.
- THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- TURGOT, Jacques. *Laissez-faire!* - Textes choisis et présentés par Alain Laurent. Paris: Les Belles Lettres, 1997.
- VEYNE, Paul. *Vie de Trimalcion*. Annales. Economies, sociétés, civilisations. 16e année, N.2, 1961. Disponível em: < [https://www.persee.fr/doc/ahess\\_0395-2649\\_1961\\_num\\_16\\_2\\_420704](https://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1961_num_16_2_420704)>. Acesso em: 17 mar. 2021.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Trad.: Antônio Moreira. Lisboa: Edições 70, 2008.
- VOLTAIRE. *História de Jenni ou o Ateu e o Sábio*. In: *Idem. Romances e Contos*. Trad.: Lívio Teixeira. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1959, v. 2.
- WARD-PERKINS, Brian. *A Queda de Roma e o Fim da Civilização*. Tradução: Inês Castro. Lisboa: Alétheia Editores, 2006.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

## AUTORES ANTIGOS

- AGOSTINHO, S. *A Cidade de Deus*. Trad.: João Dias Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, v. 1.
- ARISTÓTELES. *Política*. Trad.: Antônio Campelo Amaral e Carlos Gomes. Belo Horizonte: Vega, 1998.

- DANTE. *A Divina Comédia*. Trad. Xavier Pinheiro. Disponível em: < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/eb00002a.pdf> >. Acesso em: 03 set. 2022.
- CÍCERO. *De Officiis*. Translation: Walter Miller. Cambridge: Harvard University Press, 1913.
- HALICARNASSO, Dionísio de. *Historia Antigua de Roma*, Libros I-III. Trad. Elvira Jiménez, Ester Sanchez. Madrid: Editorial Cremos, 1984.
- HORÁCIO. *Satiras*. Introducción, versión y notas de Francisco Montes de Oca. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1961.
- JUVENAL. *The Satires*. Translation: A. S. Kline. Disponível em: < [https://www.poetryintranslation.com/PITBR/Latin/JuvenalSatires6.php#anchor\\_Toc282858869](https://www.poetryintranslation.com/PITBR/Latin/JuvenalSatires6.php#anchor_Toc282858869) >. Acesso em: 04 set. 2022.
- LÍVIO, Tito. *História de Roma*, Ab Urbe Condita Libri. Trad.: Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Editora Paumape, 1989, v. 1.
- PETRÔNIO. *Satyricon*. Trad.: Miguel Ruas; Introdução de Giulio Davide Leoni. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1980.
- PLUTARCO. *Vies, Tome VI - Pyrrhos, Marius, Lysandre, Sylla*. Trad. Robert Flacelière, Émile Chambry. 2ed. Paris: Les Belles Lettres, 2003.
- PLUTARCO. *Vies, Tome XII - Démosthène, Cicéron*. Trad. Robert Flacelière, Émile Chambry. 2ed. Paris: Les Belles Lettres, 2003.
- SALÚSTIO. *Guerra de Jugurta*. Trad.: Joaquín Álvarez. Madrid: Editorial Cremos, 1990.
- XENOFONTE. *Econômico*. Trad. Anna Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- XENOPHON. *The Economist*. Disponível em: < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/gu001173.pdf> >. Acesso em: 04 set. 2022.

# HISTÓRIA, IDEOLOGIA E PROPAGANDA: AS MOEDAS ROMANAS DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, RIO DE JANEIRO

Cláudio Umpierre Carlan<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo começa com uma descrição da iconografia como documento histórico. A imagem na Antiguidade tinha uma função específica: apresentar a um determinado grupo social, em sua grande maioria analfabeto, algo que representasse a orla do poder. Ela não apenas legitimava um imperador ou rei, funcionava como uma espécie de propaganda política. Como *corpus* principal, apresentaremos a coleção numismática do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, importante acervo arqueológico brasileiro, ainda pouco estudado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Moeda. Poder. Roma. Iconografia.

# HISTORY, IDEOLOGY AND PROPAGANDA: THE ROMAN COINS OF THE NATIONAL HISTORICAL MUSEUM, RIO DE JANEIRO

**ABSTRACT:** The article begins with a description of the iconography as document history. The image in Antiquity had a specific function: to present a particular social group, mostly illiterate, something that represented the edge of power. She not only legitimized an emperor or king, was a kind of propaganda. As a main corpus, we will present the numismatic collection of the National Museum of History, Rio de Janeiro, important archaeological collection Brazilian yet understudied.

**KEYWORDS:** Coin. Power. Rome. Iconography.

---

<sup>1</sup> Professor-Associado 3 de História Antiga e do PPGHI (Programa de Pós Graduação em História Ibérica), da Universidade Federal de Alfenas / MG

Pesquisador – associado ao Grupo de Estudos Arqueologia Histórica da Unicamp e ao Grupo de Pesquisa Península Ibérica: da Antiguidade Tardia a Reconquista. claudio.carlan@unifal-mg.edu.br - PPGHI - UNIFAL/MG

## **1 - INTRODUÇÃO**

A imagem na Antiguidade tinha uma função específica: apresentar a um determinado grupo social, em sua grande maioria analfabeto, algo que representasse a orla do poder. Ela não apenas legitimava um imperador ou rei, funcionava como uma espécie de propaganda política.

A moeda tem sido estudada pelos historiadores sob o prisma de mercadoria, objeto de troca. Procurou-se ligá-la com a história social, ou seja, com os reflexos que a mutação monetária produzia na sociedade a nível de salários, custo de vida e os consequentes comportamentos coletivos perante estes. O estudioso da moeda se tem preocupado mais com o corpo econômico e social que ela servia do que com o metal que a produzia e a informava. Estruturalmente este ultrapassava os limites geográficos do poder que a emitia e definia ideologicamente não só um povo, mas também a civilização a que este pertencia.

O homem contemporâneo dificilmente pode ligar a moeda a um meio de comunicação entre povos distantes. Ao possuidor de uma determinada espécie monetária estranha, esta falava-lhe pelo metal nobre ou não em que era cunhada, pelo tipo e pela legenda. O primeiro informava-o a riqueza de um reino e os outros dois elementos diziam-lhes algo sobre a arte, ou seja, o maior ou menor aperfeiçoamento técnico usado no fabrico do numerário circulante, sobre o poder emissor e, sobretudo, sobre a ideologia político-religiosa que lhe dava o corpo. É dentro deste último aspecto que pretendemos explorar a fonte numismática.

## 2 - A NUMISMÁTICA COMO FONTE HISTÓRICA

A numismática pode ser considerada “uma disciplina das ciências sociais” (FLORENZANO: 1984, 11). Ligou-se tradicionalmente ao estudo da História, sobretudo a História Política, ajudando a estabelecer a cronologia de reinados e a datar fatos importantes da política; à Economia, informando sobre o valor das moedas dentro dos diferentes sistemas monetários, sobre desvalorizações e período de crise, sobre os comportamentos em relação à moeda, permitindo examinar, no passado, a aplicação das leis econômicas; à Arqueologia, contribuindo para auxiliar a datação de estratos e sítios arqueológicos; e à História da Arte, permitindo, através de seus tipos, uma análise da evolução dos estilos e o reconhecimento de obras desaparecidas ou conhecidas somente por meio de textos literários (VIEIRA: 1995, 94).

A utilização das moedas como fonte não é novidade. Não pretendemos aqui explorar todos aqueles que trilharam esse caminho, mas citaremos alguns autores que trabalharam com tal documentação. Quanto a nós, analisaremos a propaganda política representada pela iconografia, através de uma análise simples de conteúdo, tratando de identificar as conotações tanto históricas, quanto estéticas.

Com identificação prévia da documentação disponível e na catalogação, estabelecemos um *corpus* documental. Para isso, seguimos a categorização conhecida como “esquema de Lasswell”, pioneiro, desde 1927, das análises de conteúdo aplicadas à política e à propaganda. Relacionamos o *corpus* com: o natureza do emissor; a quem se destinam tais representações; e o seu significado.

## **2.1 - PRIMEIRA ETAPA DA ANÁLISE DE CONTEÚDO: ANÁLISE PRÉVIA DA DOCUMENTAÇÃO DISPONÍVEL E ESTABELECIMENTO DE UM *CORPUS* DOCUMENTAL AO QUAL SERÁ APLICADO AQUELE MÉTODO.**

Mesmo já tendo decidido – função de características que percebe na documentação disponível pertinente às hipóteses que formulou e de que pretende obter a comparação (ou a refutação) – aplicar alguma modalidade de Análise de conteúdo, a posição do historiador diante de suas fontes é, quanto a isso, imprecisa e intuitiva de início. Ele sabe em que direção e partindo de quais perguntas se vai orientar, mas ainda ignora em que consistirá o suporte de sua análise de conteúdo – pelo menos, não o sabe necessariamente, a não ser que esteja mais ou menos repetindo, para outro caos e outro *corpus*, algum tipo de aplicação já bem conhecido e testado alhures.

Certos critérios devem ser satisfeitos para que a análise de conteúdo possa ser aplicada com sucesso. Será preciso renunciar a certas fontes: as que não formarem uma série completa para os fins da aplicação; e/ou apresentarem uma natureza pouco adequada ao método; e/ou não forem homogêneas. Com efeito, a escolha de um *corpus* documental ao qual aplicar alguma forma de análise de conteúdo passa por estes três critérios principais: 1) o *corpus* em questão deve ser completo no sentido exigido pela natureza do tema e das hipóteses; 2) deve ser uma documentação que, em seus conteúdos e em suas dimensões, justifique ser pertinente o uso da análise de conteúdo; 3) deve ser homogênea segundo princípios que se definam. Nesta fase pré-analítica, é frequente que o pesquisador hesita entre diversos conjuntos documentais, faça tentativas parciais de aplicação do método para avaliar os resultados assim obtidos e, em função destes, os que se conseguiriam com uma aplicação detalhada ou total.

Ao cabo desta primeira etapa, o pesquisador disporá então de um *corpus* documental constituído de um só documento ou, o que é mais provável, de vários: mas, no segundo caso, é preciso poder justificar o fato de considerá-los como uma espécie de supertexto suficientemente homogêneo constituído por textos individuais. Em certos casos é possível e necessário distinguir entre o *corpus* total e o *corpus* pertinente: isto é, entre a documentação que integra o *corpus* em questão vista em sua totalidade, por um lado, e, por outro, o recorte parcial dela ao qual, devido aos contornos da pesquisa (delimitação do tema, objetivos, hipóteses), for de fato útil aplicar a análise de conteúdo.

## **2.2 - SEGUNDA ETAPA DA ANÁLISE DE CONTEÚDO: A CATEGORIZAÇÃO.**

Antes de passar a esta etapa, é preciso aplicar ao corpus escolhido a operação conhecida como “esquema de Lasswell”, conforme já explicamos na página anterior.

Existe, na análise de conteúdo de qualquer tipo, um postulado (ou hipótese teórica de base) nem sempre explicitado pelos pesquisadores: a afirmação de que haja, nos textos que interrogados mediante este método, algum significado não imediatamente dado, evidente ou visível e que só a análise revelará. Outrossim, é preciso preocupar-se com a necessidade de não desnaturar, não falsificar os conteúdos contidos nos textos ao aplicar-lhes o método de análise. Em suma, há de início duas exigências: de originalidade de saber tratar os textos de um modo que responda a perguntas ou problemas não formulados antes em relação a eles; e de fidelidade aos conteúdos efetivamente presentes no *corpus*.

A operação central é, nesta etapa, o estabelecimento de uma grade ou rede de categorias. A partir de uma leitura prévia do *corpus* completo, com atenção voltada constantemente para o que for útil à pesquisa (delimitação do

objeto, objetivos, problema formulado, hipóteses), registram-se os elementos pertinentes observáveis nele, distinguindo-os em temas ou categorias temáticas que possam, eventualmente, ser computadas e, sobretudo, que permitam comparações significativas entre os diferentes textos integrantes do *corpus* (ou, se tratar de um só documento de ampla extensão, entre diferentes partes desse documento). Na verdade, uma análise de conteúdo valerá aquilo que valerem as categorias segundo as quais for realizada – quanto ao que tragam efetivamente à pesquisa em curso, bem como no tocante ao grau de fidelidade que observem diante dos conteúdos documentais.

Uma boa categorização tem como condição prévia *sine qua non* uma compreensão adequada dos conteúdos semânticos dos textos do *corpus*; e tal compreensão só ocorrerá se o pesquisador possuir familiaridade e informações suficientes acerca da época em estudo e de seu universo mental. A formação que representa, por exemplo, a análise de conteúdo é uma Segunda leitura fundamentada em outra: uma primeira leitura ou decodificação, ou mais simples e mais básica, que depende de conhecer-se a língua e a cultura da época em que se geraram os textos. Sem esta primeira leitura feita adequadamente, as categorias escolhidas dificilmente serão pertinentes e profícuas. Tais categorias são conceitos de nível superior (secundários, “supraordenados”), enquanto os conceitos obtidos na primeira leitura ou decodificação são de nível primário: os primeiros dependem necessariamente destes, embora possam reuni-los em esquemas mais amplos.

As categorias temáticas selecionadas para a análise, estabelecidas pelo pesquisador no final de um processo às vezes longo de ensaio e erro, correções e renúncias, devem responder a quatro critérios principais: pertinência, exaustividade e objetividade.



A pertinência é dada pela medida em que as categorias escolhidas tiverem a capacidade de refletir escrupulosamente os conteúdos do *corpus* e, ao mesmo tempo, de expressar a problemática do processo de pesquisa em função do qual se aplique a análise de conteúdo.

A exaustividade das categorias se dá quando, no seu conjunto, permitam interrogar a totalidade do *corpus* (ou parte do mesmo pertinente à pesquisa). Em certos casos, não se consegue uma exaustividade completa, restando algumas categorias para acomodar porções “inclassificáveis” do mencionado *corpus*: mas estas devem ser residuais, ter dimensões reduzidas no relativo à parte do *corpus* que nelas entrem.

A exclusividade significa que elementos idênticos de conteúdo não devem aparecer em mais de uma categoria: a relação categoria/contéudo deve ser discreta ou excludente. De novo: se não for possível uma exclusividade total, para que o trabalho funcione adequadamente é preciso pelo menos chegar perto dela.

A objetividade é somente tendencial, mesmo porque diferentes pesquisadores podem chegar a diferentes categorias em relação a um mesmo *corpus*, cada um deles defendendo as suas como sendo mais fiéis aos conteúdos efetivos do mesmo. Pelo menos, seria preciso que um leitor informado, mesmo que preferisse uma grade de categorias diferente no todo ou em parte da que elaborou o pesquisador, aceitasse que o analista registrou adequadamente cada unidade de conteúdo nas categorias que formulou. Espera-se, naturalmente, que o autor estabeleça e defenda sua objetividade mediante um espírito crítico sempre ativo manifestado diante de seu próprio trabalho, pela clareza com que exponha o encaminhamento e a justificativa das categorias que estabeleceu. Em especial, cabe ao pesquisador precisar alguns indicadores que informem ao leitor as razões de suas escolhas em

matéria de categorização. Segundo Berelson, “as hipóteses devem exprimir o problema o mais adequadamente que for possível; as categorias devem fazer o mesmo em relação às hipóteses; e os indicadores, em relação às categorias (BERELSON: 1952, 78)”.

### **2.3 - TERCEIRA ETAPA DA ANÁLISE DO CONTEÚDO: CODIFICAÇÃO E CÔMPUTO DAS UNIDADES.**

Para possibilitar a aplicação das categorias ao *corpus*, é preciso delimitar as unidades que determinarão os recortes a fazer no mesmo. Em geral se distinguem as unidades de registro de contexto.

Unidade de registro é o segmento de conteúdo que o pesquisador decidiu tomar como menor unidade de sua grade de leitura e análise: uma palavra, um grupo de palavras, um parágrafo, um semema, etc. Sua dimensão pode, pois, variar segundo os critérios de recorte que houveram sido introduzidos na dependência da natureza e dos objetivos da análise de conteúdo.

Unidade de Contexto é a unidade imediatamente superior em suas dimensões à unidade de registro. Sua finalidade é permitir optar por uma determinada categoria onde classificar uma dada unidade de registro, em caso de dúvida.

### **2.4 - QUARTA ETAPA DA ANÁLISE DE CONTEÚDO: A INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS.**

Nesta etapa é que ficarão patentes – se for o caso – a fecundidade das escolhas de método operadas e a pertinência das hipóteses de trabalho. “Interpretação”, no sentido do termo que aqui interessa, é uma leitura nova (original) e objetiva do *corpus*, apoiada nas etapas Segunda e terceira acima

e, também, nos conhecimentos do pesquisador acerca do período estudado, do tema tratado, do contexto em que se insere, etc. segundo Lasswell, teríamos aqui outra pergunta a propor: com que resultados os textos foram formulados e circulam? (LASSWELL: 1965, 95). No entanto, nem sempre é esta a intenção: pode-se tentar, simplesmente, “ler” determinada ideologia, representação, imaginário no *corpus*, mesmo ao se tratar, eventualmente, de documentos que não tiveram importante circulação para, deste modo, vir a entender melhor algum tema.

Interpretar é inferir: uma operação lógica por meio da qual, de uma ou mais proposições – no caos presente, os dados estabelecidos ao terminar o processo da análise de conteúdo aplica ao *corpus* – se retira uma ou mais consequências que resultem necessariamente daquelas proposições. Trata-se aqui, de voltar às hipóteses para, por meio dessa inferência, avaliar até que ponto forma comprovadas. Caso uma ou mais hipóteses hajam sido, pelo contrário, refutadas pelos resultados da análise de conteúdo, será preciso verificar a razão de tal coisa ter acontecido e, conforme as circunstância, completar, modificar parcialmente ou substituir as hipóteses em questão; e, a seguir, recomeçar a análise ou pelo menos, introduzir nela as consequências de tais operações.

Realizamos uma comparação significativa entre as diferentes imagens contidas no reverso de cada moeda, fazendo uma primeira leitura ou decodificação dos símbolos existentes. Assim, foi possível encontrar e identificar determinados elementos que representavam à ideologia política, militar ou religiosa da época.

Em tais representações, política e estética estavam intimamente ligadas em Roma. As moedas associavam-se tanto à propaganda ideológica quanto à política. As peças não apenas são instrumentos importantes para

estabelecer a datação de documentos que chegaram até nós sem seu contexto original, como têm grande valia, em si mesmas, por meio de nossa compreensão desses “retratos” de uma realidade antiga. Com frequência, o tipo monetário de reverso mostra determinada reprodução artística. Ainda que o seu significado, em alguns casos indicado pela legenda que a acompanha, ou pelo tipo do anverso, possa aparecer com uma interpretação original em relação ao modelo, muitas vezes tipos monetários e modelo têm o mesmo sentido

Estas práticas do poder- e seus simbolismos- atuam, de uma maneira direta ou não, através de questões ideológicas. E, em toda uma sociedade, através das idéias da classe dominante, predominam, oralmente ou escrita. Cardoso diz que “...é de especial interesse e bem esclarecedor o estudo dos mecanismos que asseguram e reproduzem a hegemonia ideológica...” (CARDOSO: 1979, 397).

Podemos verificar uma resistência tenaz das antigas formas de administração e de comunicação. Na própria Inglaterra do século XII, apesar dos progressos quanto ao domínio da leitura e da escrita, a palavra ouvida e o gesto visto permanecem a expressão essencial do poder de comando e justiça (CHARTIER: 1990, 218).

Não podemos esquecer que a história deve sempre procurar explorar o seu objeto a partir da análise dos diferentes elementos nela intervenientes, aberta a uma nova linguagem, às novas interrogações que cada época faz ao passado:

“Engajar-se no presente, dar ouvidos a todos os seus rumores - numa palavra, viver - exige que o historiador se mantenha informado sobre o que descobre e se transforma no campo das ciências vizinhas. A história se enfraqueceria isolando-se (DUBY: 1986, 190)”.

Umberto Eco em sua obra *Tratado Geral de Semiótica*, explica que é na própria estrutura do código, onde a semiótica propõe o problema do estudo da configuração sintática do código como nascente de uma informação sígnica (ECO: 1980, 194). Estes conjuntos de objetos, no caso as moedas e seus símbolos, produzidos pela ação do homem e mediante ordem de alguém, o *emissor*, devem ser entendidos pelo destinatário, o *receptor*, como uma expressão de um dado conteúdo. Podendo ser por uma correlação anteriormente codificada, em outras peças chamadas de *variantes*, ou por causa de uma possível correlação diretamente por parte deste *receptor*.

Tal relação *emissor / receptor* é nitidamente identificada nas cunhagens realizadas durante o início do século IV. Diocleciano, Galério, Constâncio Cloro, Maximiano, Severo Augusto e Maximino Daia cunharam moedas com tipos semelhantes: GENIO AVGVSTI, GENIO POPVLI ROMANI, VIRTVTI EXERCITVS, CONCORDIA MILITVM, SAC MON VRB AVGG ET CAESS NN, VOT XX E; entre outras. Defendiam a salvação do império num retorno ao passado e as suas divindades, impondo tal ideologia através de um veículo propagandista onde toda a população teria contato: a própria moeda. Esses signos externos correspondentes a tais hierarquias, eram utilizados para diferenciar um governante de outro. Recordemos que uma simples faixa de tecido ao redor da cabeça, era o emblema que distinguia os generais de Alexandre, que repartiram seus domínios e governaram como verdadeiros monarcas.



## **DESCRIÇÃO DA MOEDA**

ANVERSO: DN CONSTAN-TIVS PF AVG – busto de Constâncio II, diademado à direita. Nessas cunhagens, *centenional*, imperador é representado com manto, globo na mão direita. Globo, símbolo da perfeição e do poder imperial, legitima s. Centenional, eram moedas de bronze cunhadas por Constantino I, o grande, pai de Constâncio II, a partir do ano de 330, pesando aproximadamente 4 gramas. Essa denominação foi dado no século XIX. Nome original dessa cunhagem, ainda é desconhecida.

REVERSO: FEL TEMP REPARATIO – Gênio, divindade geradora que presidia ao nascimento de alguém ou divindade tutelar de cada pessoa, com a cornucópia (símbolo da abundância) na mão esquerda. *Genius* poderia identificar também o talento, mérito, beleza, glória, valor pessoal do imperador. À direita uma coroa de louros. Ao lado da divindade as letras S F, que identificam as cunhagens de Diocleciano. O jogo de quadril da divindade significa que ela está tanto no plano natural, quanto no sobrenatural. No exergo ou linha de terra, ALE referente a casa monetária de Alexandria. Peso: 9,78 g; diâmetro 2,02 mm; alto reverso 6 horas.

Para Pastoureau, a “escrita circular”, as legendas monetárias são pouco estudadas. Elas foram vistas e manuseadas por indivíduos das mais variadas condições sociais (PASTOREAU: 1988, 125). Mas o texto tocado pelas pessoas, não significa que foi lido. O autor pretender dar uma maior importância as inscrições do que o tipo da moeda, representado no reverso. Onde estaria localizado o maior número de informações em um pequeno espaço.

Essas legendas eram abreviaturas em latim, relacionadas com as imagens de anverso e reverso. Ocorrendo assim a união escrita / imagem. O receptor daquela peça, saberia identificar o seu governante, suas mensagens

simbólicas. Existiam todas as espécies de signos, figuras geométricas, signo de pontuação, astros, animais, vegetais, brasões, que levavam uma mensagem governante / governado, ao vasto mundo romano.

Nas representações políticas a riqueza iconográfica está mais destacada no período da tetrarquia, mas não negligenciaremos os outros períodos da História Romana. Como exemplo, *PROVIDENTIA DEORVM, IOVI / HERCVLES* (Diocleciano e Maximiano juntos), *VIRTVTI AVGG, PAX* (figura feminina), *PRINCI A INVENTVTIS, BEATA* (Altar com os votos nas amoedações de Crispus), *PROVIDENTIA CAESS* (campo militar ou fortaleza, Constantino I e II, Constâncio II, Galo, Constante, Valentiniano I), a loba amamentando Rômulo e Remo (sem legenda, Constantino), *PROVIDENTIA AVGG* (campo militar, Licínio), *IOVI / CAESAR, VIRTVS* (Licínio filho), *CASTOR / POLVX* (Maxêncio); templo com a cúpula redonda, sem legenda, cunhado após à morte do filho de Maxêncio, Rômulo, ainda criança (alusão a nomeação de César no anverso).

A moeda mostra-se uma excelente fonte, pois, a partir de sua análise encontramos diversos aspectos que abrangem a série na sua totalidade. Ou seja, aspectos políticos, estatais, jurídicos, religiosos, econômicos, mitológicos, estéticos. Podendo informar sobre os mais variados retrospectos de uma sociedade. Ela testemunha determinadas relações culturais importante para o historiador. Mas também não podemos esquecer que a moeda como documento, não é reflexo de um simples aquecimento econômico, e sim trata-se de outro acontecimento paralelo. Uma materialidade, constituída por camadas sedimentares de interpretações: “o documento, é assim, pensado arqueologicamente como monumento (JENKINS: 2001, 11).

Donis Dondis afirma que, para os analfabetos, a linguagem falada, a imagem e o símbolo continuam sendo os principais meios de comunicação.

E dentre eles apenas o visual pode ser mantido em qualquer circunstância prática.

“(...)isso é tão verdadeiro como tem sido ao longo da história. Na Idade Média e no Renascimento, o artista servia à Igreja como propagandista...O comunicador visual tem servido ao imperador e ao comissário do povo...a comunicação pictórica dirigida aos grupos de baixo índice de alfabetização, se pretende ser eficaz, deve ser simples e realista(...)” (DONDIS: 1997, 184).

Pascal Arnaud destaca que nas moedas da Antiguidade Clássica, principalmente durante os séculos IV e V, são comuns, no anverso, a cabeça ou busto do imperador virem cingida por um diadema com o aspecto de simples fita de pérolas com duas ou três pontas (ARNAUD: s/d, 195). Trata-se de uma mensagem simbólica específica, cujo o significado é o de designar a pessoa do governante.

Ao possuidor romano de uma determinada espécie monetária estranha, esta falava-lhe pelo metal, nobre ou não, em que era cunhada, pelo tipo e pela legenda. O primeiro informava-o a riqueza de um reino e os outros dois elementos diziam-lhes algo sobre a arte, ou seja, o maior ou menor aperfeiçoamento técnico usado no fabrico do numerário circulante, sobre o poder emissor e, sobretudo, sobre a ideologia político-religiosa que lhe dava o corpo. É dentro deste último aspecto que pretendemos explorar a fonte numismática.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O poder não pode ser apreendido pelo estudo do conflito, da luta e da resistência, a não ser em suas manifestações mais restritas. O poder não é característico de uma classe ou de uma elite dominante, nem pode ser



atribuído a uma delas. Para Foucault o poder é uma estratégia atribuída as funções. O poder não se origina nem na política, nem na economia, e não é ali que se encontram suas bases. Ele existe como uma rede infinitamente complexa de micropoderes, de relações de poder que permeiam todos os aspectos sociais. O poder não se reprime, mas também cria. Dentre todos esses aspectos, o mais polêmico de todos é a constatação que o poder cria a verdade e, portanto, a sua própria legitimação. Cabe aos historiadores identificar essa produção da verdade como uma função do poder (HUNT: 1995, 46).

Cabe ao historiador identificar e definir as suas fontes, pois o documento não é inócuo é, segundo Le Goff, "...uma montagem consciente ou inconsciente, da história, da época, das sociedades que o produziram... esforço para as sociedades históricas para impor ao futuro...determinada imagem de si próprias..." (LE GOFF: 1984, 103). É necessário haver uma interdisciplinaridade para ser realizada uma desmontagem da ambivalência documento / monumento, através do próprio ambiente que o produziu, auxiliado pela arqueologia, e não baseado em uma única crítica histórica.

Os símbolos que habitam a numismática estão dotados sempre de uma clara organização hieroglífica, pois procedem do fato de que essas imagens difundidas se articulam sempre com o idioma figurado, no qual o poder se expressa secularmente. Trata-se, segundo de la Flor, do surgimento de representações de águias, leões, como também de torres, cruzes (FLOR: 1995, 183), da fênix, de imperadores ou de personagens pertencentes a uma elite político-econômica, que representam a órbita de ação do poder, chegando ao ponto em que a numismática pode ser definida "como um monumento oficial a serviço do Estado." Lembramos ainda que, como afirma Cassirer, "... em lugar de definir o homem como um animal *rationale*, deveríamos defini-

lo como um animal *symbolicum*.” (CASSIRER: 1977, 70). Desse modo, a iconografia, e toda a sua simbologia, aparece de fato como testemunho mais evidente do imaginário das sociedades passadas.

Esses signos mantêm com seu objeto uma relação causal de contiguidade física natural. Como exemplo podemos citar as letras ou símbolos gregos localizados no *campo* das moedas. Eles indicam que as amoedações foram realizadas por casas monetárias de origem ou influência cultural grega. Realizando uma comparação com o *exergo*, comprovamos esta relação. Greenwell no século XIX já defendia a posição importante das cidades gregas, principalmente de Cyzicus como centro de cunhagem (GREENWELL: 1887, 9).

Chartier destaca a importância da interpretação dessa simbologia, chamada por ele de “signos do poder”.

“Daí a necessidade de constituir séries homogêneas desses *signos do poder*: sejam as insígnias que distinguem o soberano dos outros homens (coroas, ceptros, vestes, selos, etc.), os *monumentos* que, ao identificarem o rei, identificam também o Estado, até mesmo a nação (as moedas, as armas, as cores), ou os programas que têm por objetivo representar simbolicamente o poder do Estado, como os emblemas, as medalhas, os programas arquitetônicos, os grandes ciclos de pintura...”(CHARTIER: 1990, 220).

#### **AGRADECIMENTOS:**

Aos amigos e colegas do Centro do Pensamento Antigo, em especial a Pedro Paulo Funari, Filipe Silva e Hector Benoit, pela oportunidade de trocarmos ideias, Rachel dos Santos Funari, José Remesal, Ciro Flamarion

Cardoso (in memoriam); ao apoio institucional da UNIFAL-MG, FAPEMIG, CEIPAC, CAPES e CNPQ.

A responsabilidade pelas ideias restringe-se ao autor.

### **FONTES NUMISMÁTICAS**

Moedas de Diocleciano, Constatntino I, o Grande e Constâncio II. Rio de Janeiro: acervo do Museu Histórico Nacional, Medalheiro de Número 3; **Lote Número: 11, Lâminas de Números: 2 e lote 16 número 5;**

### **FONTES IMPRESSAS**

AMIANO MARCELINO. *Historia (Rerum Gestarum Libri)*. Edición de Maria Luisa Harto Trujillo. Madrid: Akal, 2002.

CLAVDIVS CLAVDIANUS. *Panegyricus de sexto consulatu Honorii Augusti*. Edited with introduction, translation, and literary commentary by Michael Dewar. Oxford: Clarendon Press, 1996.

DION CASIO. *Historia Romana*. Edición de Domingo Plácido Suarez, Jose Maria Candau Moron y Maria Luisa Puertas Castaños. Madrid: Gredos, 2004.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. Relatórios anuais de 1934, 1960, 1966 e 1967. texto datilografado.

### **REFERÊNCIAS**

ARNAUD, Pascal. *Le Commentaire de Documents en Histoire Ancienne*. Paris: Belin Sup, S/D.

ASKEW, Gilbert. *The Coinage of Roman Britain*. London: B.A. SEABY LTDA, 1967.

BERELSON, Bernard. *Content Analysis in Communication Research*. New York: New York University Press, 1952, p. 78.

- CARDOSO, Ciro Flamarion S. e PÉREZ BRIGNOLI, Héctor. *Os Métodos da História*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.
- CASSIRE, E. *Antropologia Filosófica*. Ensaio sobre o Homem. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- CARLAN, Cláudio Umpierre. FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Moeda: a numismática e o estudo da História*. São Paulo: Annablume, 2012.
- CHARTIE, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- DONDIS, Donis A. *Sintaxe da Linguagem Visual*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 190.
- ECO, Umberto. *Tratado Geral de Semiótica*. Tradução Antônio de Pádua Danesi e Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- FLOR, Fernando R. de La. *Emblemas Lectures de La Imagem Simbólica*. Madrid: Alianza Editorial, 1995.
- FLORENZANO, Maria Beatriz B. *Numismática e História Antiga*. In: Anais do 1º Simpósio Nacional de História Antiga. João Pessoa: 1984.
- GREENWELL, Willian. *The Electrum Coinage of Cyzicus*. London: Rollin and Feuardent, 1887.
- GREIMAS, Algirdas J. e COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. Tradução de Alceu D. Lima, Diana L. P. de Barros, Eduardo P. Cañizal, Edward Lopes, Ignacio A. Silva, Maria José C. Sembra, Tieko Y. Miyazaki. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.
- HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. Tradução de Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- JENKINS, Keith. *A História Repensada*. Tradução Mário Vilela. Revisão Técnica Margareth Rago. São Paulo: Contexto, 2001.
- JUNGE, Ewald. *The Seaby Coin Encyclopaedia*. Second impression with revisions. London: British Library, 1994.

- LASSWELL, Harold D. et alii (org.). *Language of Politics. Studies in quantitative semantics*. Cambridge (Mass): Massachusetts Institute of Technology Press, 1965, p.95.
- LE GOFF, Jacques. *História: Novos Objetos*. 3a. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- PASTOUREAU, Michel. *Couleurs, images, symboles*. Études d'Histoire et d'Anthropologie. Paris: Léopard d'Or, 1988.
- THE ROMAN IMPERIAL COINAGE. Edited by Harold Mattingly, C.H.V. Sutherland, R.A.G. Carson. V. VI, VII, VIII. London : Spink and Sons Ltda, 1983.
- VIEIRA, Rejane Maria Lobo. *Uma grande coleção de moedas no Museu Histórico Nacional ?* In: Anais do Museu Histórico Nacional, volume 27, Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1995.

## RESENHA

### **NOGUEIRA, PAULO AUGUSTO DE SOUZA. *BREVE HISTÓRIA DAS ORIGENS DO CRISTIANISMO* APARECIDA/SP: EDITORA SANTUÁRIO, 2019.**

**Bárbara Moraes Rogatto<sup>1</sup>**

Docente da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Paulo Augusto de Souza Nogueira obteve doutorado em Teologia pela Universidade de Heidelberg, na Alemanha. Com uma amplitude de publicações no Brasil e no exterior, Nogueira é reconhecido, já há alguns anos, como grande estudioso e referência para o estudo do chamado cristianismo primitivo da Antiguidade. Sua ampla produção acadêmica congrega estudos específicos, voltados ao âmbito acadêmico, mas também livros voltados ao público não especializado no estudo da História e da Teologia, como é o caso do tomo *Breve História do Cristianismo Primitivo*, publicado no ano de 2019.

O livro em questão é dividido em 46 capítulos: em geral, pode-se observar, desde o início, o interesse do autor por definir o que seria o chamado “cristianismo primitivo”. De antemão, o estudioso nos mostra que, inicialmente, as comunidades cristãs, heterogêneas entre si, eram diferentes tanto em suas práticas quanto em suas crenças religiosas. Para além de um suposto

---

<sup>1</sup> Mestranda em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL/MG). Atua como docente de História na rede pública do estado de São Paulo. E-mail: [barbaramoraesrogatto@gmail.com](mailto:barbaramoraesrogatto@gmail.com).

denominador comum, que seria Jesus de Nazaré e sua crucificação, pode-se sugerir, diante desse contexto, que a tentativa de constituir uma versão autêntica do cristianismo ocorreria apenas em período posterior, já sob a lavra de Constantino e dos concílios por ele convocados.

Noutros capítulos da obra, Nogueira apresenta um debate sobre a relação entre judeus e cristãos, e argumenta que, inicialmente, não era possível realizar uma separação ou união entre esses grupos, apresentando, portanto, uma relação contraditória, por vezes conflitiva, e que começava pelo próprio fato de Jesus ser judeu. O movimento messianico de Jesus estaria diretamente ligado ao seu batismo realizado por João Batista, onde o mesmo compreende seu propósito e se assume publicamente. Para Nogueira: *“O batismo de Jesus é tão fundamental no “empossamento” profético de Jesus, que ao subir da água, ele viu os céus se abrindo e o Espírito Santo descer sobre ele como uma pomba. E ele teve uma audição:” Tu és o meu filho amado, em ti me comprazo”* (NOGUEIRA, 2020, p.34). A partir desse momento, pode-se reconhecer Jesus como o *“fundador de um movimento profético”* (NOGUEIRA, 2020, p.35), um indivíduo que, por meio de suas viagens, espalharia a palavra, também, àqueles e àquelas que viviam à margem da sociedade: também por isso, a documentação retrata Jesus e seus discípulos, homens e mulheres, na companhia de pessoas simples e socialmente marginalizadas, tais como: prostitutas, pescadores, escravos e trabalhadores. Seu séquito de fiéis e discípulos, segundo o autor, seria composto por pessoas advindas de *grupos destituídos da Galileia*” (NOGUEIRA. 2022. p.39).

Os ensinamentos de Jesus, durante suas viagens, eram variados. Segundo os textos canônicos, seus discursos recorriam a distintas estratégias retóricas, tais como parábolas e metáforas. Não há dúvidas de que os

ensinamentos que ele pregava incomodavam autoridades tanto judaicas quanto romanas. De acordo com Paulo Nogueira, algumas das pregações de Jesus de Nazaré iam no sentido contrário das deliberações exigidas pela religião judaica: *“Ele considerava puros os alimentos, rejeitando certas regras rituais, como lavar a mão antes de comer”* (Mc 07, 1-23). Sua relação, por vezes conflituosa, com o imperativo judeu em respeito ao sábado, do mesmo modo, também é tema frequente nos textos canônicos: veja-se, por exemplo, a parábola da ovelha (Mateus 18:12-14).

Em um período histórico marcado por profundas hierarquias e desigualdades, Jesus, um camponês pobre, pode ter passado um tempo despercebido. Porém, em algum momento, por desafiar as autoridades judaicas e romanas, ele seria punido por seus atos. Sua execução, contudo, teria instaurado uma relação de aliança com seus discípulos: de acordo com Paulo Nogueira, *“O cristianismo nasceu de uma experiência de solidão e desespero”* (NOGUEIRA, 2020, p.58). Mesmo a partir dos textos canônicos, pode-se notar que as discípulas mulheres permaneceram ao lado de Jesus durante toda sua pregação e posterior execução. De acordo com o Evangelho de Lucas (23:27-28): *“E mulheres batiam no peito, e choravam por Jesus. Jesus, porém, voltou-se, e disse: Mulheres de Jerusalém, não chorem por mim: Chorem por vocês mesmas e por seus filhos!”*. Como bem observou Nogueira (2020, p.59), o cristianismo também é uma religião de paradoxos: não deixa de ser notório o fato de que, nos textos canônicos (Mc 16.9-11), quem anuncia a ressurreição de Jesus é Maria Madalena: uma mulher de classe baixa do Império Romano.

Mesmo após sua morte, o modelo de pregação de Jesus continuaria a ser utilizado por seus discípulos que continuaram a pregar através de viagens. Segundo Nogueira (2020, p.70), os chamados apóstolos teriam perambulando



pelas cidades do Mediterrâneo com o intuito de “*convencer os corações a adotar o messias Jesus de Nazaré e formar comunidades de cultos e partilha do pão*”. Nesse sentido, o estudo sobre as comunidades cristãs posteriores a Jesus pode ser realizado por meio de livros como o Atos dos Apóstolos (apesar de seu teor heroico e inspirado nas novelas gregas), mas também as epístolas paulinas (autorais ou não) e textos apócrifos. Sempre, portanto, extrapolando os (igualmente importantes) textos canônicos presentes nas Bíblias cristãs.

Também por oferecer uma perspectiva atualizada sobre a História do Cristianismo, a obra *Breve Histórias das origens do Cristianismos*, como outras publicações do professor Paulo Nogueira, merece ser lida atentamente, por acadêmicos mas também por pessoas de fora da universidade, religiosas ou não, mas igualmente interessadas em uma leitura segura e rigorosa sobre o cristianismo primitivo.

## **REVIEW**

# **SOUNDSCAPE AND LANDSCAPE AT PANHELLENIC GREEK SANCTUARIES.**

Edited by Erika Angliker and Angela Bellia. Pisa/Roma, Istituti Editoriali e Poligrafici Internazionali, 2021, 120 pp. ISBN 9788881475292.

### **Reviewed by Pedro Paulo A. Funari, Unicamp<sup>1</sup>**

Soundscape and landscape are underestimated subjects and this for several reasons, not least the fact that archaeological remains are indirect evidence and need special hermeneutical devices. Even more abstruse is the interpretation of literary references to ancient sounds and landscapes. Even more challenging is to study both issues in a ritual context, considering how difficult is to study any cultural or religious subject. Let's remind that culture and religion are concepts derived from Latin words and do not have correspondents in ancient Greek. Erica Angliker and Angela Bellia accepted the challenge and gathered other three daring scholars from different countries: Fábio Vergara Cerqueira (Brazil), Pamela Jordan (USA and The Netherlands) and Lucio Maria Valletta (Italy and France). The resulting volume proves that new avenues are open for further exploration.

The volume aims at stimulating the study of music at Greek Panhellenic sanctuaries offering a multidisciplinary reconsideration of performances at these sites, including archaeology, history, Greek language and literature, art history and architecture. Looking for new perspectives the volume gathers

---

<sup>1</sup> Professor titular de História no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

case studies and there is a concluding afterword (towards a soundscape archaeology). Fábio Vergara Cerqueira focuses on a couple of musical instruments, aulos (flute or double flute) and salpinx (trumpet or war-trumpet), at the most important sanctuary at Olympia. The aulos was more suitable for athletic competitions and the salpinx was more appropriate for quadriga races. The salpinx may reinforce the ideology of virility at the festival. Albeit a generalization, the duality scheme of aulos/female and salpinx/male proposed by Aristides Quintilianus (*On Music*, 2, 15-16) is worth considering. Erica Angliker explores the many functions of sound at the ancient sanctuary of Zeus at Dodona, Epirus in northwestern Greece. Even if it is hard to know its origins, it is possibly as early as the Bronze Age (2600-1900 BCE). From the Classical period onwards, the sanctuary functioned as a neutral zone between Greek states. Zeus was deemed to speak through the sound produced by the movement of the sacred oak leaves in the wind. The sacred space near the oak was a soundscape. The sound of the bronze cauldrons at Dodona had an apotropaic function. It is possible that bronze cauldrons sounds would have been perceived as human voices. Other sounds, coming from wood pigeons or the repetitive gongs, could also have created impressions of the human voice, enhancing the religious atmosphere at the sanctuary.

Experimental archaeology also plays a role. Recordings on-site may use binaural recording technology and psychoacoustic analyses. The use of a pair of microphones transmitted separately to the two ears of the listener helps to recreate the sonic atmosphere. The branch of psychology concerned with the perception of sound and its physiological effects contributes to guess the ancient soundscape and its subjective perception by ancient people themselves. Pamela Jordan applies those techniques to the sanctuary to Zeus on Mount Lykaion. The sanctuary layout is characterized by an upper

and lower sanctuary, 200 m in elevation below the summit. It is proposed that the architecture concretized previously existing practices and relationships embedded within the landscape through hundreds of years of previous operation and experience. A phenomenological approach is also proposed, trying and reassessing acceleration, choreography and marching in ritual movement, integrating action and practice, beyond reflection. Performance is key here. Cult rituals often involved song, music, performance, and places of resonance, such as caves, often sites of worship. The sonic character of the space would be one of shared, public exposure, permeability, and reverberation. The hypothesis of the presence of an interior creating a form of echo near where Pan was worshipped is captivating.

Divine sway as acting in a numinous ambience depended on a soundscape too, as studied in the temples of Hera (Heraia) in Magna Graecia, including built cultic environment and its natural surroundings. Angela Bellia resorts to the archaeology of musical performance. At Poseidonia, Hera cult had an extra-urban liminal position, as in the Argive and Peloponnesian religious tradition and this may be related to Hera herself the goddess of the cultivated and wild landscapes, a female fertility deity. The Heraion at the mouth of the River Sele, some five kms north of Poseidonia, produced fragments of aulos, possibly used to propitiate fertility associated to Hera. A different approach is put into action to explore literary sources relating to Spartan choral performances. Thucydides (1.10.2) famously mentioned the absence of costly temples and buildings in Sparta. Lucio Maria Valletta then explores conceptual aspects as present in ancient and modern literature. The religious thought is taken as an element of the process of acculturation, domestication or anthropization of space, creating landscape, including soundscape. Valletta starts by studying Alcman's poem (fr.3 88-91 Calame): "She is actually the one who heals our

strains; and from Hagesichora (female chorus-leader) the girls will get lovely peace". In relation to the wider environmental context related to main Spartan sacred places a couple of elements were determinant for the soundscape: water and wind. The Spartan presence in a wider Panhellenic cultic context served to affirm the presence of Sparta in a wider Greek world. In the afterword, Angela Bellia starts by joining Christopher Tilley in arguing that the experience of landscapes could provide us with a deeper knowledge of past cultures on an experiential level and consequently foster new interpretations of material culture. Soundscapes are discussed theoretically but the applied study of ancient soundscapes is still very much open to archaeological exploration. Acoustical research focused on physical aspects of sound must be followed by cultural and performative anthropological and archaeological interpretive proposals. Acoustemology, acousteme, or the potential of acoustic knowing is an innovative approach proposed by Steven Feld in 2015. Only by acknowledging, investigating, and recognizing the role of sound in a landscape we can cope with the complex relationship between spaces, social interactions, and the environment. The volume is thus an invitation to pay attention to a subject often neglected in the past, for several reasons, not least the intricacies of understanding soundscape in different cultures. But also, by the fact that it is not that easy to figure out past sounds in action. However, it is a path worth taking, rendering the past a multisensory experience.

# ESCAVANDO O SANTUÁRIO DE APOLO EM DESPÓTICO: IMPRESSÕES DE PRIMEIRA VIAGEM

**Karolini Batzakas<sup>1</sup>**  
**Amabile Helena Zanco<sup>2</sup>**  
**Sidnei de Oliveira Junior<sup>3</sup>**

## INTRODUÇÃO

Neste ano de 2022 fomos convidadas a participar como voluntárias da *Primeira Escola Brasileira de Verão na Grécia: “Inovação e Tradição em Paros Arcaico”*, projeto que compreendeu a escavação de um santuário arcaico dedicado a Apolo localizado na ilha de Despótico, nas Cíclades. A iniciativa partiu da Dr.<sup>a</sup> Erica Angliker, professora do *Institute of Classical Studies* na *School of Advanced Study (University of London)* e atualmente colaboradora no *Programa de Pós-graduação em História* da Universidade Estadual de Campinas (PPGH-IFCH/UNICAMP), a quem tivemos o privilégio de conhecer por intermédio de nosso orientador, professor Dr. Pedro Paulo Abreu Funari.

---

<sup>1</sup> Graduada em História e especialista em Filosofia pela Universidade de Feira de Santana (UEFS), mestre em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), doutoranda em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). E-mail: karolini.batzakas@gmail.com.

<sup>2</sup> Graduada e mestre em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), especializada em História da Grécia Antiga e estudos de gênero, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail: mabi\_zanco@hotmail.com.

<sup>3</sup> Graduando em História, com interesse de estudo em História Antiga e Arqueologia. E-mail: sid.historiador@gmail.com.

Em parceria com o *Instituto de Estudos Avançados* (IdEA) da Unicamp, sob organização da professora Dr.<sup>a</sup> Isabella Tardin Cardoso, tivemos entre abril e maio o primeiro contato com o trabalho arqueológico desenvolvido na região de Paros através de algumas palestras abertas ao público: “Inovação e Tradição no Período Arcaico Grego: História, Arte e Arqueologia”<sup>4</sup>, com a professora Erica Angliker; e “As esculturas do Partenon no contexto da narrativa curatorial do Museu da Acrópole”<sup>5</sup>, com a professora Celina Lage.

As atividades *in loco* da *Escola de Verão* se desenrolaram entre 07 e 26 de junho, abarcando diversas palestras e visitas a museus e sítios arqueológicos na Grécia. Em nossa primeira semana no país, assistimos a palestras na *Embaixada do Brasil em Atenas* relacionadas a cultura material ministradas por especialistas de diferentes nacionalidades, como Kornilia Daifa (Ministério da Cultura Grega), Ioannis Pappas (Universidade de Creta), Flavio Oliveira (Universidade Estadual de Campinas), Vassiliki Georgiaka (Museu Nacional Arqueológico de Atenas), Elena Korka (Ministério da Cultura Grega), Luigi Lafasciano (*The Diakron Institute*) e Patrícia Prata (Universidade Estadual de Campinas). Tais conferências nos proporcionaram inúmeras reflexões sobre o Mundo Antigo e o contexto atual dos estudos da Antiguidade grega, nos auxiliando a compreender o caso da ilha de Despótico e a importância da preservação de sua cultura material.

Além de todo esse arcabouço teórico, fomos guiados por visitas a diversos monumentos da cidade de Atenas, como a Acrópole, a Ágora e seus

---

<sup>4</sup> Disponibilizado em: Instituto de Estudos Avançados Unicamp. Inovação e Tradição no Período Arcaico Grego: História, Arte e Arqueologia 1. YouTube, 2 de maio de 2022. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=S8s0U8lfjYw&ab\\_channel=InstitutoEstudosAvan%C3%A7adosUnicamp](https://www.youtube.com/watch?v=S8s0U8lfjYw&ab_channel=InstitutoEstudosAvan%C3%A7adosUnicamp). Acesso em: 26 nov. 2022.

<sup>5</sup> Conferir: Instituto de Estudos Avançados Unicamp. As esculturas do Partenon no contexto da narrativa curatorial do Museu da Acrópole. YouTube, 30 de maio de 2022. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=5r5QqIEF65A&ab\\_channel=InstitutoEstudosAvan%C3%A7adosUnicamp](https://www.youtube.com/watch?v=5r5QqIEF65A&ab_channel=InstitutoEstudosAvan%C3%A7adosUnicamp). Acesso em: 26 nov. 2022.

*Escavando o santuário de Apolo em Despótico:...*

museus, além do Museu Arqueológico Nacional e de uma visita guiada pela Biblioteca *Gennadius (American School of Classical Studies at Athens)*; conhecemos também a cidade de Esparta e alguns de seus monumentos. Já nas ilhas das Cíclades, visitamos diversos sítios arqueológicos na ilha de Paros, como os santuários de Atena, Asclépio e Apolo, uma antiga oficina de cerâmica e o Museu Arqueológico de Paros, onde estão reunidos os artefatos escavados em Despótico. Em Antiparos, visitamos a Caverna de Antiparos, um dos pontos turísticos da ilha. No último dia da *Escola de Verão* visitamos também o grande sítio arqueológico da ilha de Delos, lugar de nascimento do deus Apolo e de sua irmã Ártemis, onde se situa o maior santuário ao deus e o mais importante santuário pan-helênico entre os séculos X a.C. e I d.C.

O objetivo das três semanas da *Escola de Verão* era que pudéssemos mergulhar dentro da cultura grega, não apenas com aulas teóricas, mas, em primeiro lugar, com atividades práticas, proporcionando o que para muitos do grupo, que incluiu profissionais da História, Letras Clássicas e Filosofia, foi a primeira experiência em um sítio arqueológico.



**Participantes da Escola de Verão em frente à Biblioteca Gennadius acompanhados de Irini Solomonidi.**  
Foto: Sidnei de Oliveira Júnior.





**Orientandos do professor P.P.A. Funari: Loly Batzakas, Amabile Zanco e Sidnei de Oliveira em frente ao Partenon.**  
Foto: Alex Augusto Marcelo.

## **ASSIM COMEÇA MAIS UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO: DESPÓTICO, A ILHA QUASE DESCONHECIDA DE PAROS**

A pequena ilha de 8 km<sup>2</sup> desabitada denominada Despótico, localizada a 700 metros de distância da ilha de Antiparos no mar Egeu, é reconhecida hoje como um importante sítio arqueológico para o estudo das práticas religiosas na região da Cíclades e do Mediterrâneo, por conta de seu posicionamento estratégico no caminho das antigas rotas comerciais que ligavam a Grécia ao leste do Mediterrâneo, Egito e Sicília, e pela descoberta de um santuário dedicado ao deus Apolo do período Arcaico, o segundo maior da região depois do santuário em Delos. Depois de abandonada no período romano, Despótico foi habitada esporadicamente ao longo dos séculos e hoje abriga apenas uma pastagem de cabras, além de resquícios arqueológicos que datam do período Arcaico à Idade Média.

A ilha de Despótico começou a ser escavada profissionalmente por Christos Tsountas no final do século XIX, trabalho que foi seguido por

### *Escavando o santuário de Apolo em Despótico:...*

N. Zaphiropoulos em 1959. Após ter permanecido inexplorada por algumas décadas, o trabalho arqueológico foi retomado em 1997 sob a direção do arqueólogo Yannis Kourayos, curador do Museu Arqueológico de Paros, que realizou diversas descobertas e continua a escavar o santuário hoje ao lado da arqueóloga Kornilia Daifa. As escavações na ilha acontecem durante o verão europeu, e conta todos os anos com voluntários de diversos países, incluindo o Brasil.



**Vista aérea do Santuário de Apolo em Despótico.**

O local em que escavamos é identificado como um templo ao deus Apolo Arcaico, pelo achado de inúmeras inscrições que ligam o deus ao local, e mais significativo uma estátua arcaica em argila. Construído no período arcaico, isto é, por volta dos séculos VIII a V, o templo foi modificado com o passar dos anos, notando-se a construção de um *temenos* sagrado acima das construções já existentes antes da metade do século V AEC<sup>6</sup>, entre

---

<sup>6</sup> KOURAYOS, Yannis; DAIFA Kornilia. “Despótico: escavações e restauração de um santuário de Apolo”. Trad. Erica Angliker e Lorena Lopes da Costa. *História: Questões & Debates*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, v. 69, n. 1, p. 18-46, jan./jun. 2021, p. 23.

outras estruturas posteriores, como as cisternas localizadas ao sul do templo, cuja datação é mais tardia. Esta característica pode ser bem observada na estratificação do solo em Despótico, pois ao escavamos, encontramos diversas camadas temporais que marcam sua longa ocupação.



**Estátua em argila do deus Apolo, encontrada em Despótico.**

Foto: Alex Marcelo.

O santuário de Despótico, apesar de extra-urbano (o que não era tão comum na Antiguidade), é bastante suntuoso, o que demonstra um poder e riqueza significativo para a região de Paros. Como afirmam os arqueólogos Kourayos e Daifa:

Com base no estudo do material arqueológico de Despótico, do alfabeto utilizado nas cerâmicas com nome de Apolo e de outras escritas dedicatórias do santuário, concluiu-se que o santuário de Despótico foi estabelecido e protegido pela *polis* de Paros. Essa *polis* sofreu uma obra ambiciosa na segunda metade do século VI a.C.: o estabelecimento de um santuário extra-urbano,

### *Escavando o santuário de Apolo em Despótico:...*

que permaneceria sob sua proteção e influência, e poderia atrair visitantes de diferentes partes da Grécia para efetuarem atividades comerciais, trocas, circulação de produtos.<sup>7</sup>

A ilha de Despótico em si é reduto de uma beleza natural notável, proporcionando uma magnífica vista do mar Egeu e da região de Antiparos, na qual o turismo é intenso nos dias quentes de verão. O sítio arqueológico ainda não está oficialmente aberto para a visitação, o que não impede o fluxo de observadores durante o período de atividade do local, das 9h às 14:30h, de segunda a sexta. Seu acesso é possível através de uma curta viagem de barco saindo do cais de Agios Georgios, o vilarejo mais próximo na ilha de Antiparos. Como a ilha não conta com instalações para a visita do público e é de difícil acesso, por medidas de segurança para o sítio e para o turista, desencorajamos visitas sem um guia familiarizado com a região.

### **POR DENTRO DE UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO**

Um dos grandes aprendizados adquiridos nesta experiência foi a imersão no trabalho de um(a) arqueólogo(a). Na *Escola de Verão* podemos conhecer um pouco melhor sobre as etapas de uma escavação e nos familiarizar com suas ferramentas. Tivemos contato com categorias da área, tais como níveis de escavação, colapso, aprendemos sobre estratificação e a diferenciar os distintos níveis do solo, como, por exemplo, através da coloração e textura. E também descobrimos como manusear os diversos tipos de instrumentos: picareta, pá, carrinho de mão, triângulo, vassourinha, enxada etc.

---

<sup>7</sup> KOURAYOS, Yannis; DAIFA Kornilia. "Despótico: escavações e restauração de um santuário de Apolo". Trad. Erica Angliker e Lorena Lopes da Costa. *História: Questões & Debates*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, v. 69, n. 1, p. 18-46, jan./jun. 2021, p. 24.

Em um sítio arqueológico o fluxo de trabalho é constante, sendo realizado em diferentes fases simultaneamente. Tivemos contato com o processo de escavação de um novo nível, o qual era aberto com enxadas e picaretas; em outros dias atuamos com a limpeza de uma determinada área cujo nível fora totalmente escavado. Este é um processo necessário para melhor fotografar o local e, também, para melhor auxiliar na identificação do contexto do espaço. Atuamos ainda na lavagem de cerâmicas, parte importante da identificação e conservação das peças encontradas nos locais de escavação. Há também outras etapas do trabalho arqueológico, como montagem das peças e a curadoria de sua exposição, contudo, estas foram etapas que não experimentamos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Uma vez fora do Brasil é impossível não se estabelecer comparações. E ter estado por duas semanas em uma ilha mudou o nosso olhar para a questão hídrica. Morar no Brasil (um lugar tão rico de água potável), e principalmente no eixo Rio-São Paulo, não nos dá a real dimensão da preciosidade de nossos recursos hídricos. A importância do armazenamento de água tanto na contemporaneidade como no período arcaico, como podemos observar através das cisternas presentes na escavação, é essencial para o estabelecimento e desenvolvimento das sociedades.

O contato que em geral temos com a Arqueologia, não apenas pela mídia como também através de leituras e estudo acadêmico, não chegou nem perto daquilo que é a vivência de um trabalho de campo arqueológico. Nossas expectativas foram quebradas, nos surpreendendo totalmente pelo modo como é conduzido o trabalho arqueológico cuja atuação é bem semelhante a da construção civil. Foi surpreendente olhar para os sítios gregos e

notar como haviam múltiplas cores na Antiguidade. Isso nos leva a questionar o porquê de se impor uma “brancura” às obras clássicas<sup>8</sup> por tanto tempo, sendo que é clara a presença de pigmentação, que resiste a mais de 2.400 anos nas esculturas e nos complexos arquitetônicos.

Estar *in loco* em um sítio arqueológico e participar de uma escavação nos abre novos olhares para a Cultura Material e o Patrimônio Histórico e Cultural que nos cerca. Para além de uma peça exposta atrás de um vidro em um espaço museológico, encontramos todo um processo de escavação, identificação de objetos, análise e interpretação do contexto de sua descoberta. Em um sítio, escava-se a terra, mas também, outros tempos e outros modos de ser e de estar no mundo.

A viagem de campo dá materialidade a ideias e impressões que outrora foram apenas uma passada de olho em livros e artigos. Por exemplo, a noção de “sol da meia-noite”, uma experiência alheia ao contexto geográfico brasileiro. É encantador o cintilar das estrelas e tentar identificar as constelações no céu. Observar o céu estrelado da Grécia, local com milhares de ilhas e com bem menos poluição luminosa, nos permite imaginar como os mitos puderam se eternizar nas estrelas, assim como notar como o espaço noturno se mescla à distância com o santuário da divindade hiperbórea.

---

<sup>8</sup> Sobre a questão das cores em estátuas antigas, consulte: KRIEZIS, Elisa. Como ito de estátuas gregas brancas alimentou falsa ideia de superioridade europeia. **BBC News Brasil**. Londres, 9 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-56723825#:~:text=O%20mito%20de%20que%20suas,da%20superioridade%20de%20brancos%20europeus>. Acesso em: 29 nov. 2022.

## REFERÊNCIAS

- ANGLIKER, Erica. “Dances, Rituals and Spaces at the Sanctuary of Despotiko”. In: BELLIA, Angela. *Musical and Choral performance spaces in the Ancient World*. Pisa, Roma: Instituti Editoriali e Poligrafici Internazionali, 2020. p. 19-30.
- ANGLIKER, Erica. “The Cycladic Archipelago beyond Geographical Definitions: redefining boundaries and limits through material culture and religion”. In: DIERKSMEIER, Laura; SCHÖN, Frerich; KOUREMENOS, Anna; CONDIT, Annika; PALMOWSKI, Valerie. *European Islands between isolated and interconnected life worlds*. Tübingen: Tübingen University Press, 2021. p. 53-72.
- KOURAYOS, Yannos; ANGLIKER, Erica; DAIFA, Kornilia; TULLY, John. “The cult topography of Paros from the 9th to 4th century BC: A summary”. In: ANGLIKER, Erica; TULLY, John (ed.). *Cycladic Archaeology and Research: New approaches and discoveries*. Oxford: Holywell Press, 2018. p. 135-168.
- KOURAYOS, Yannos; DAIFA, Kornilia. “Despótiko: escavações e restauração de um santuário de Apolo”. *História: Questões & Debates*, Curitiba, v. 69, n. 1, p. 18-46, 2021.
- KOURAYOS, Yannos; DAIFA, Kornilia; OHNESORG, Aenne; PAPAJANNI, Katarina. *The Sanctuary of Despotiko in the Cyclades: Excavations 2001-2012*. Disponível em: [https://www.academia.edu/13843964/The\\_sanctuary\\_of\\_Despotiko\\_in\\_the\\_Cyclades\\_Excavations\\_2001\\_2012](https://www.academia.edu/13843964/The_sanctuary_of_Despotiko_in_the_Cyclades_Excavations_2001_2012). Acesso em: 29 nov. 2022.

## REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS

- INSTITUTO de Estudos Avançados Unicamp. Inovação e Tradição no Período Arcaico Grego: História, Arte e Arqueologia 1. YouTube, 2 de maio de 2022. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=S8s0U81-fjYw&ab\\_channel=InstitutoEstudosAvan%C3%A7adosUnicamp](https://www.youtube.com/watch?v=S8s0U81-fjYw&ab_channel=InstitutoEstudosAvan%C3%A7adosUnicamp). Acesso em: 26 nov. 2022.

INSTITUTO de Estudos Avançados Unicamp. As esculturas do Partenon no contexto da narrativa curatorial do Museu da Acrópole. YouTube, 30 de maio de 2022. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=5r5Q-qIEF65A&ab\\_channel=InstitutoEstudosAvan%C3%A7adosUnicamp](https://www.youtube.com/watch?v=5r5Q-qIEF65A&ab_channel=InstitutoEstudosAvan%C3%A7adosUnicamp). Acesso em: 26 nov. 2022.